

ILUSTRAÇÃO



A VIRGEM

(Quadro de Rubens)

As melhores obras de JULIO VERNE

Colecção de viagens maravilhosas aos mundos conhecidos e desconhecidos

Trabalhos premiados pela Academia das Ciências de França. Versão portuguesa autorizada pelo autor e editores, feita pelos mais notáveis escritores e tradutores portugueses. Edição popular

Cada volume, ilustrado com 2 gravuras, encadernado 10\$00

- 1—**DA TERRA A LUA**, viagem directa em 97 horas e 20 minutos. 1 vol.
- 2—**A RODA DA LUA**, 1 vol.
- 3—**A VOLTA DO MUNDO EM OITENTA DIAS**, 1 vol.
- AVENTURAS DO CAPITÃO HAT-TERAS:**
- 4—1.ª parte—*Os ingleses no Polo Norte*. 1 vol.
- 5—2.ª parte—*O deserto de gêlo*. 1 vol.
- 6—**CINCO SEMANAS EM BALÃO**, 1 vol.
- 7—**AVENTURAS DE TRÊS RUSSOS E TRÊS INGLESES**, 1 vol.
- 8—**VIAGEM AO CENTRO DA TERRA**, 1 vol.
- OS FILHOS DO CAPITÃO GRANT:**
- 9—1.ª parte—*América do Sul*. 1 vol.
- 10—2.ª parte—*Austrália Meridional*. 1 vol.
- 11—3.ª parte—*Oceano Pacífico*. 1 vol.
- VINTE MIL LÉGUAS SUBMARI- NAS:**
- 12—1.ª parte—*O homem das águas*. 1 vol.
- 13—2.ª parte—*O fundo do mar*. 1 vol.
- A ILHA MISTERIOSA:**
- 14—1.ª parte—*Os naufragos do ar*. 1 vol.
- 15—2.ª parte—*O abandonado*. 1 vol.
- 16—3.ª parte—*O segrêdo da ilha*. 1 vol.
- MIGUEL STROGOFF:**
- 17—1.ª parte—*O correio do Czar*. 1 vol.
- 18—2.ª parte—*A invasão*. 1 vol.
- O PAÍS DAS PELES:**
- 19—1.ª parte—*O eclipse de 1860*. 1 vol.
- 20—2.ª parte—*A ilha errante*. 1 vol.
- 21—**UMA CIDADE FLUTUANTE**, 1 vol.
- 22—**AS INDIAS NEGRAS**, 1 vol.
- HEITOR SERVADAC:**
- 23—1.ª parte—*O cataclismo cósmico*. 1 vol.
- 24—2.ª parte—*Os habitantes do cometa*. 1 vol.
- 25—**O DOUTOR OX**, 1 vol.
- UM HERÓI DE QUINZE ANOS:**
- 26—1.ª parte—*A viagem fatal*. 1 vol.
- 27—2.ª parte—*Na África*. 1 vol.
- 28—**A GALERA CHANCELLOR**, 1 vol.
- 29—**OS QUINHENTOS MILHÕES DE BEGUN**, 1 vol.
- 30—**ATRIBULAÇÕES DE UM CHINÊS NA CHINA**, 1 vol.
- A CASA A VAPOR:**
- 31—1.ª parte—*A chama errante*. 1 vol.
- 32—2.ª parte—*A ressuscitada*. 1 vol.
- A JANGADA:**
- 33—1.ª parte—*O segrêdo terrível*. 1 vol.
- 34—2.ª parte—*A justificação*. 1 vol.
- AS GRANDES VIAGENS E OS GRANDES VIAJANTES:**
- 35—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 1.º vol.
- 36—1.ª parte—*A descoberta da terra*. 2.º vol.
- 37—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 1.º vol.
- 38—2.ª parte—*Os navegadores do século XVIII*. 2.º vol.
- 39—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 1.º vol.
- 40—3.ª parte—*Os exploradores do século XIX*. 2.º vol.
- 41—**A ESCOLA DOS ROBINSONS**, 1 vol.
- 42—**O RAIOS VERDE**, 1 vol.
- KERABAN, O CABEÇUDO:**
- 43—1.ª parte—*De Constantinopla a Scutari*. 1 vol.
- 44—2.ª parte—*O regresso*. 1 vol.
- 45—**A ESTRELA DO SUL**, 1 vol.
- 46—**OS PIRATAS DO ARQUIPELAGO**, 1 vol.
- MATIAS SANDORFF:**
- 47—1.ª parte—*O pombo correio*. 1 vol.
- 48—2.ª parte—*Cabo Matifoux*. 1 vol.
- 49—3.ª parte—*O passado e o presente*. 1 vol.
- 50—**O NAUFRAGO DO «CYNTHIA»**, 1 vol.
- 51—**O BILHETE DE LOTERIA N.º 9:672**, 1 vol.
- 52—**ROBUR, O CONQUISTADOR**, 1 vol.
- NORTE CONTRA SUL:**
- 53—1.ª parte—*O ódio de Texar*. 1 vol.
- 54—2.ª parte—*Justica!* 1 vol.
- 55—**O CAMINHO DA FRANÇA**, 1 vol.
- DOIS ANOS DE FÉRIAS:**
- 56—1.ª parte—*A escuna perdida*. 1 vol.
- 57—2.ª parte—*A colónia infantil*. 1 vol.
- FAMÍLIA SEM NOME:**
- 58—1.ª parte—*Os filhos do traidor*. 1 vol.
- 59—2.ª parte—*O padre Joan*. 1 vol.
- 60—**FORA DOS EIXOS**, 1 vol.
- CÉSAR CASCABEL:**
- 61—1.ª parte—*A despedida do novo continente*. 1 vol.
- 62—2.ª parte—*A chegada ao velho mundo*. 1 vol.
- A MULHER DO CAPITÃO BRANICAN:**
- 63—1.ª parte—*A procura dos naufragos*. 1 vol.
- 64—2.ª parte—*Deus dispõe*. 1 vol.
- 65—**O CASTELO DOS CARPATHOS**, 1 vol.
- 66—**EM FRENTE DA BANDEIRA**
- A ILHA DE HÉLICE:**
- 67—1.ª parte—*A cidade dos biliões*. 1 vol.
- 68—2.ª parte—*Distúrbios no Pacífico*. 1 vol.
- 69—**CLOVIS DARDENTOR**, 1 vol.
- A ESFINGE DOS GELOS:**
- 70—1.ª parte—*Viagens aos mares austrais*. 1 vol.
- 71—2.ª parte—*Lutas de marinheiro*. 1 vol.
- 72—**A CARTEIRA DO REPÓRTER**, 1 vol.
- O SOBERBO ORENOCO:**
- 73—1.ª parte—*O filho do coronel*. 1 vol.
- 74—2.ª parte—*O coronel de Kermor*. 1 vol.
- 75—**UM DRAMA NA LIVÓNIA**, 1 vol.
- 76—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 1.º vol.
- 77—**OS NAUFRAGOS DO JONATHAN**, 2.º vol.
- 78—**A INVASÃO DO MAR**, 1 vol.
- 79—**O FAROL DO CABO DO MUNDO**, 1 vol.

Pedidos à LIVRARIA BERTRAND—R. Garrett, 73-75—LISBOA

ILUSTRAÇÃO

Propriedade da Livraria Bertrand (S. A. R. L.)

Editor: José Júlio da Fonseca

Composto e impresso na IMPRENSA PORTUGAL-BRASIL - Rua da Alegria, 30 - Lisboa

PREÇOS DE ASSINATURA

	MESES		
	3	6	12
Portugal continental e insular	30\$00	60\$00	120\$00
(Registada)	32\$40	64\$80	129\$60
Ultramar Português	—	64\$50	129\$00
(Registada)	—	69\$00	138\$00
Espanha e suas colónias	—	63\$00	126\$00
(Registada)	—	67\$50	135\$00
Brasil	—	66\$00	132\$00
(Registada)	—	75\$00	150\$00
Outros países	—	75\$00	150\$00
(Registada)	—	84\$00	168\$00

Administração - Rua Anchieta, 31, 1.º - Lisboa

VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PAULINO FERREIRA

:: ENCADERNADOR - DOURADOR ::

*AS MAIORES OFICINAS DO PAIZ,
MOVIDAS A ELECTRICIDADE***CASA FUNDADA EM 1874**Premiada com medalha de ouro em tôdas as exposições a que tem concorrido. — *DIPLOMAS DE HONRA* na exposição da Caixa Económica Operária e na Exposição de Imprensa**TRABALHOS TIPOGRÁFICOS EM TODOS OS GENEROS simples e de luxo****Orçamentos Grátis****Rua Nova da Trindade, 80 a 92 - LISBOA****Telefone 2 2074****Alimentai a vossa pele
e parecereis jovem****LINDAS AVÓS**

Contrariamente à opinião geral, as rugas, os músculos enfraquecidos da face, os tecidos emagrecidos, rosto desagradável, não são causados pela idade, mas sim pela sob-alimentação da pele. Com uma pele bem alimentada, uma mulher de 50 anos pode aparentar 30. O melhor e o mais nutritivo dos alimentos conhecidos para a pele, é o creme fresco e o azeite de oliveira combinados com gema de ovo e determinados extractos vegetais emulsionados. Garantimos contra 100 contos que o creme Tokalon, alimento para a pele, contém os ingredientes acima indicados que no dizer de um eminente professor de Medicina de Viena são necessários à pele para que ela se conserve jovem, fresca e clara, sem a menor ruga. Este é o segredo que permite às artistas de cinema já com mais de 40 anos fazerem papéis de rapariga.

Empregar o Creme Tokalon, alimento para a pele, cor rosa, à noite, antes de deitar e o Creme Tokalon, cor branca (sem gordura) de manhã.

GRATIS - Por combinação especial com os representantes, toda a leitora desta revista pode obter este mês um novo Coffret de Beleza de Luxo contendo uma caixa de Pó Tokalon, pó de arroz de «mouse crème», (indicar a cor desejado), amostras das 4 cores de pó em voga, para ensaiar-las no seu rosto, assim como um tubo de Creme Tokalon, Biocel, Alimento para a pele, Cor de Rosa, a usar de noite antes de deitar e um tubo de Creme Tokalon, Cor Branca, (não gorduroso) para de dia. Enviar quatro escudos em setos para gastos de alfândega, porte e registo (o Coffret é grátis) directamente para o Depósito (Secção I. L. 2). É conveniente não demorar porque a quantidade de Coffrets disponíveis é limitada.

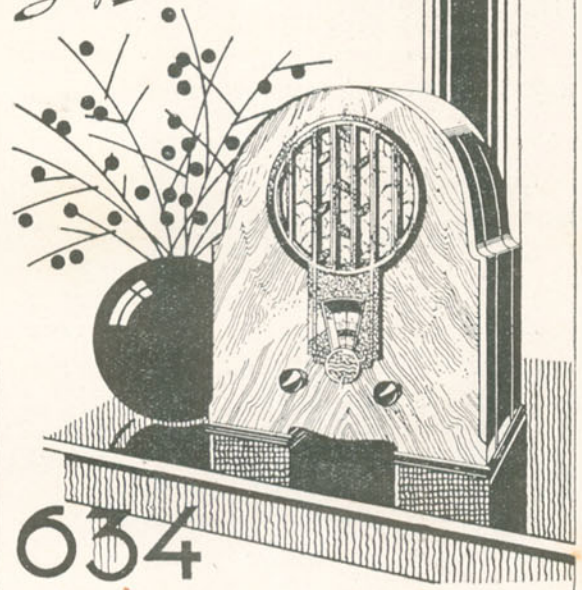
VENDA NAS PERFUMARIAS E FARMACIAS

Não encontrando na vossa terra pode escrever á **AGENCIA TOKALON** de LISBOA - 88, Rua da Assunção, que atende na volta do correio

PHILIPS

*O aparelho para
todas as condições
de recepção.*

*O único que ga-
rante a radiofonia
no presente e no
futuro.*

"Super-Inductance"**634**

Peça uma demonstração
aos nossos revendedores

SOCIEDADE COMERCIAL PHILIPS PORTUGUEZA

Avenida da Liberdade, 3, 1.º

LISBOA

Rua da Paz, 22

PORTO

O melhor presente do Natal

Para o seu médico

Para o seu professor

Para o seu estudante

Para o seu advogado

Para o seu padrinho

Para o seu afilhado

O melhor para tôda a gente

OS LUSIADAS, por **Luis de Camões**. Edição ilustrada com 20 heliogravuras em página separada, por *Alfred Bramtot*, 10 viñetas de remate em heliogravura e 55 desenhos de esquadria e remate especiais a cada canto por *Paulin Bord*. 1 volume de 368 págs. em cartão Velino, edição numerada, no formato de 20x34 c/m.

Encadernação em carneira gravada com ferros a ouro fino (últimos exemplares) 350\$00

HISTÓRIA DE PORTUGAL, por **Alexandre Herculano**. 8 volumes.

Brochados 96\$00
Encadernados em percalina 136\$00
Encadernados em carneira 216\$00

HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, organizada por **Albino Forjaz de Sampaio**. 3 volumes.

Brochados 360\$00
Encadernados em percalina 510\$00
Encadernados em carneira 570\$00

AS PUPILAS DO SENHOR REITOR, romance de **Júlio Denis**, com 30 aguarelas a côres e 167 desenhos de Roque Gammeiro. 1 volume in-4.º com 436 págs., impresso em magnífico papel "couché".

Em brochura 120\$00
Encadernado em percalina 150\$00

TOJOS E ROSMANINHOS. Obra póstuma de **Alfredo Keil**. Um magnífico volume de 150 págs., impresso em bom papel "couché" e ornado de 38 belas gravuras, 18 fototipias, além do retrato do autor e um prefácio de D. João da Câmara.

Encadernado em percalina 75\$00

NOVO DICIONÁRIO DA LÍNGUA PORTUGUESA, por **Cândido de Figueiredo**. 2 grossos volumes encadernados em carneira com 2.230 págs., 250\$00. É esta, incontestavelmente, a obra mais completa e autorizada no género. Ortografia antiga e moderna.

HISTÓRIA DAS TOIRADAS, por **Eduardo de Noronha**. 1 volume de 396 págs., formato album, com 26 magníficas estampas a côres.

Encad. em perc. com ferros especiais 50\$00

HISTÓRIA DE GIL BRAZ DE SANTILHANA, por **Lesage**. Grande edição popular ilustrada com cerca de 400 gravuras intercaladas no texto, e 30 estampas a côres em separado. 1 volume in-8.º grande com 714 páginas.

Brochado 30\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

NOVIDADE LITERÁRIA

JULIO DANTAS

ARTE DE AMAR

13.º e 14.º milhar

1 vol. de 226 pág., broc. 10\$00
 Enc. 15\$00

A' venda em todas as livrarias

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL

Rua da Condessa, 80

LISBOA

Grande sucesso literário

3.ª EDIÇÃO

As três mulheres de Sansão

NOVELAS

POR

AQUILINO RIBEIRO

Prémio Ricardo Malheiro

Conferido pela Academia das Ciências de Lisboa

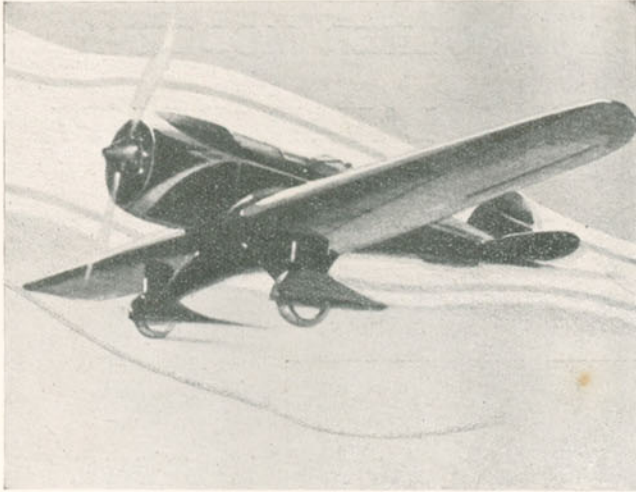
1 vol. de 268 págs., brochado 10\$00
 encadernado 15\$00

Pedidos à

LIVRARIA BERTRAND

73, Rua Garrett, 75

LISBOA



As suas linhas foram inspiradas pelo avião.

A sua condução (com mudanças automáticas) representa o máximo de comodidade e conforto.

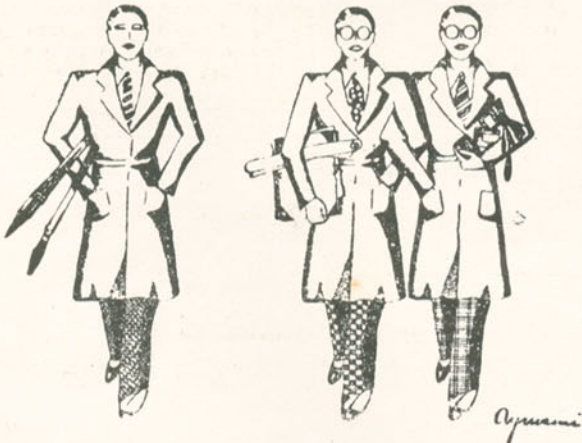
GARRIDO & FILHO, L.^{DA}
 AVENIDA DA LIBERDADE, 169, 171
 LISBOA

REO



GRAVADORES

IMPRESSORES



TELEFONE
 21368

BERTRAND
IRMÃOS, L.^{DA}

TRAVESSA DA CONDESSA DO RIO, 27 - LISBOA



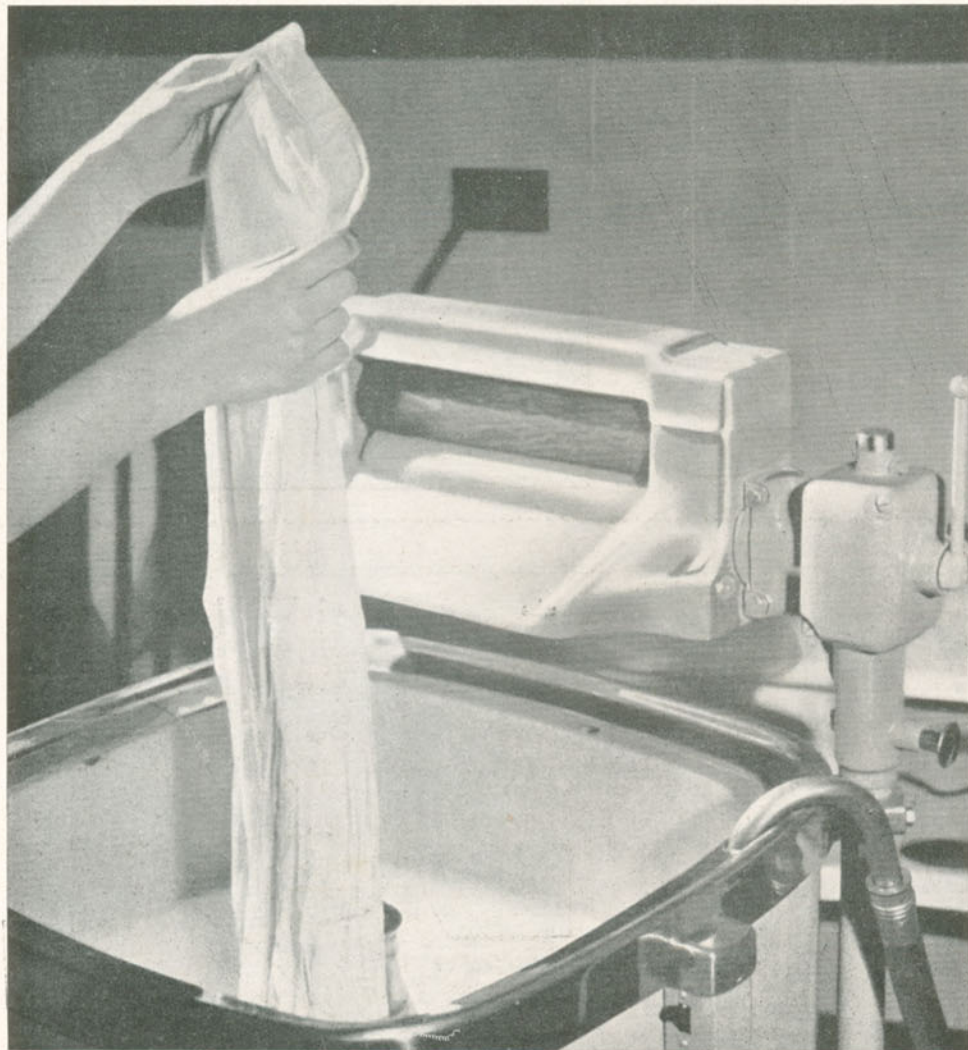
Julgar que, para a mulher, os sofrimentos periódicos são obrigatórios, é um equívoco. Dois comprimidos de Cafiaspirina renovam o bem-estar. São absolutamente inofensivos para o organismo.

Cafiaspirina



UMA INNOVAÇÃO DEDICADA Á MULHER MODERNA
MAQUINAS DOMESTICAS DE LAVAR ROUPA

GENERAL  ELECTRIC



HIGIENE
ECONOMIA
RAPIDEZ

PERFEIÇÃO
DE LAVAGEM
DAS

Roupas brancas
Roupas de côr
Rendas
e tecidos
delicados.

Acabou-se enfim a roupa estragada pela lavadeira!

O que se poupa na roupa compensa largamente o preço do aparelho

MODELOS PARA TODOS OS PREÇOS

PEÇA UMA DEMONSTRAÇÃO SEM COMPROMISSO



Sociedade Iberica de Construções Electricas, L.^{da}

PRAÇA LUIZ DE CAMÕES, 36, 2.^o — Telefone 2 5347

LISBOA

REDACÇÃO E
ADMINISTRA-
ÇÃO: RUA AN-
CHIETA, 31, 1.º
TELEFONE: -
20535

ILUSTRAÇÃO

grande revista portuguesa

Director ARTHUR BRANDÃO

PROPRIEDA-
DE DA LI-
VRARIA
BERTRAND
S. A. R. L. RUA
GARRETT, 73
E 75 - LISBOA

N.º 24 (192) - 8.º ANO

16 - DEZEMBRO - 1938



● A MADONA SIXTINA

(Quadro de Rafael, representando Nossa Senhora, o Menino Jesus, Santa Barbara e o Papa Sixto, existente no Museu de Dresden, na Alemanha).



Retrato de Montaigne do pintor Cheret, o Novo

DURANTE o ano que está a terminar todo o mundo culto comemorou o quarto centenário de Miguel Eyquem de Montaigne, grande pensador e moralista francês nascido em 28 de Fevereiro de 1533.

Portugal não podia por diversos motivos deixar de se associar às homenagens que a esse vulto eminente da literatura francesa foram prestadas. E por isso, a Academia de Ciências de Lisboa tomou sobre si o encargo de comemorar essa data numa sessão solene realizada no dia 28 do mês findo.

No notável discurso que nessa ocasião proferiu, o presidente da Academia, sr. dr. Júlio Dantas, afirmou que "Montaigne pensou em latim; escreveu em francês; mas — orgulhemo-nos dele! — sentiu em português".

Portugal pode na verdade reclamar para si a honra de ter duplamente contribuído para a formação do espírito desse grande pensador do século XVI.

Sua mãe, Antonia de Louppes, pertencia a uma família israelita que, segundo todas as probabilidades, provinha de Portugal. Embora não esteja ainda feita luz completa sobre este assunto, a origem portuguesa do apelido é hoje um facto admitido.

Por outro lado, foi também um português que mais de perto colaborou na formação do espírito desse que havia de ser uma das mais legítimas glórias da França. Chamava-se André de Gouveia e era director do Colégio de Guiena, em Bordeus. Montaigne referiu-se mais tarde a êle em frases onde transparecem uma saudade e uma admiração profundas.

Estes dois factos, do que muito justamente nos podemos orgulhar, tiveram como ê natural funda influência na formação da personalidade de Montaigne. Pelo sangue e pela educação, o grande escritor era um pouco português. E o sr. dr. Júlio Dantas pondo em destaque essa circunstância dá-nos de Montaigne o seguinte retrato:

"Baixo, entroncado, cabelo e barba escuros enquadrando-se na alvura do

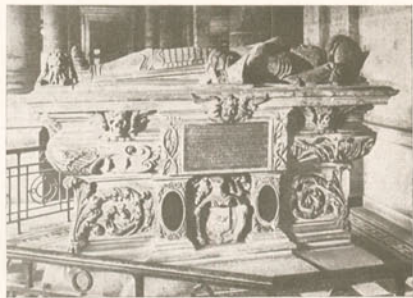
mantêtu enrocado à moda de Espanha, o seu retrato revela-nos um tipo de português vulgar, — talvez, mesmo, demasiado vulgar, porque a expressão do senhor de Montaigne, possuindo doçura, carecia de espiritualidade. Mas o que nesse placido e excelente letrado quinhentista houve de muito nosso, foi a bonomia, a moderação, a simplicidade, a incuriosidade, a cortezia natural, a suavidade de maneiras, uma indulgência extrema, uma resignada tolerância, a humana compaixão por todo o sofrimento, o receio permanente de fazer chorar alguém, "*cette merveilleuse tendence* (êle próprio o diz) *vers la misericorde et la mansuetude*", o amor da liberdade, o culto das acções generosas e dos heróis magnanimos; e, a par destas virtudes, uma indolência, um ceticismo, galante, uma pagã e jovial sensualidade, uma decidida inaptidão (ê êle que o confessa) para a fidelidade no casamento, defeitos que me atrevo, também, a considerar muito portugueses".

E na continuação do seu magnífico discurso, o sr. dr. Júlio Dantas dá-nos esta

UM GRANDE O quarto centenário do foi comemorado com na Academia

outra passagem em que mais se acentua a influência duma origem lusitana não muito remota:

"Os *Ensaïos*, padecem estruturalmente do vício português do diletantismo, resentem-se da difusão, da dispersão, da ausência de plano, da carência de equilíbrio e de proporções, infelizmente vulgar na literatura portuguesa, e accusam a per-



O artístico túmulo onde repousam os restos do grande escritor

manente atitude egocêntrica do autor, que se concebe a si mesmo como um ponto fixo no Universo e se apresenta como objectivo incessante das suas investigações. Êle próprio a cada passo o reconhece: "*je ne vise qu'à me decouvrir moi-même*"; "*je me déris sans cesse*"; "*je me communique au monde par mon être universel*". Mas, como nós amamos, em Montaigne, os seus defeitos tão portugueses!"

Por todos estes motivos teve especial significado a homenagem que foi prestada pelo nosso país à memória do autor dos *Ensaïos*. E a sessão solene da Academia, que decorreu com raro brilho, foi uma das mais notáveis dos últimos tempos. Além do sr. dr. Júlio Dantas falaram sobre Montaigne e a sua obra os professores srs. Vieira de Almeida e Hernani Cidade e por fim o catedrático da Faculdade de Letras de Poitiers, sr. Jean Plattard que numa desenvolvida conferência analisou os fundamentos da ética do notável escritor francês.

Um aspecto da sala da Academia de Lisboa, durante a sessão solene realizada em 28 do mês findo

Montaigne descenda duma família de

PENSADOR

nascimento de Montaigne uma sessão solene das Ciências

antigos mercadores. Foi seu pai quem juntou pergaminhos ao apelido dos Eyquem, pois tomou parte nas campanhas de Itália, onde se distinguiu pela sua bravura. No regresso, reconstruiu o velho castelo de Montaigne onde havia já duas gerações que a família se fixara e casou, como já dissemos, com uma israelita a que se atribue com bons fundamentos origem portuguesa.



"A morte de Montaigne", por J. Laurens, segundo Robert Fleury

Dêse matrimónio nasceram três filhos dos quais só o último, Miguel de Montaigne, sobreviveu. Desde a primeira infância foi êste confiado a um latinista illustre que ignorava totalmente o idioma francês. Obedecendo á vontade do pai até as pessoas de família mais íntimas, como a própria mãe, se lhe dirigiam em latim. Chegou por isso á idade dos seis anos sem saber uma única palavra de francês. Mas em compensação conhecia já bem o latim e veio mais tarde a dominar essa língua com raríssima segurança.

Entrou então para o collegio de Guiena, em Bordeus, considerado nesse tempo o melhor de França. Foi aí que estudou, como tambem já referimos, sob as vistas do português André de Gouveia. Terminou o curso em sete anos e foi para Toulouse onde estudou direito. Ingressou na carreira judiciaria e foi colega e amigo de la Boétie.

Casou aos trinta e dois anos. Pouco tempo depois morreu-lhe o pai, ficando ele herdeiro duma avultada fortuna. Abandona então a magistratura, recolhe ao seu castelo de Montaigne

onde se dedica aos seus estudos. Em 1580, publica os dois primeiros livros dos seus *Ensaïos* e tão grande êxito obtiveram que em oito anos se esgotaram quatro edições. Foi depois eleito *mair*e de Bordeus, lugar em que as suas muitas virtudes se evidenciaram.

Em 1588, publica a quinta edição dos *Ensaïos* acrescida agora dum terceiro volume. E quatro anos depois vem a falecer tranquilamente no seu castelo.

Tal foi a existencia dêste grande pensador que iluminou o seu século e que, quatro séculos decorridos, conserva ainda todo o seu interesse e actualidade.

Um dos aspectos mais notáveis da obra de Montaigne é o caracter moderno que a sua obra tem mantido através dos tempos.

Tão profundas e perfectas são as suas concepções que algumas delas estão ainda longe de ser realizadas em pleno século das luzes.

Ê sobretudo sensível êste facto nas ideias que deixou compendiadas sobre pedagogia.

Assim, há quatro séculos Montaigne preconizava já um ensino com objectivo de formação interior e censurava que se preenchesse a memória, deixando a intelligencia e a consciencia vazias. Segundo êle, não importa quem sabe mais, mas quem sabe melhor. As suas palavras teriam ainda hoje a mais feliz applicação, quanto á maioria dos métodos pedagogicos adoptados.

Nascido numa época agitada e obscura em que a violencia predominava, filho dum guerreiro que se illustrara por feitos de armas, Montaigne foi contudo um homem de temperamento compassivo, benévolo e generoso.

Este aspecto dominante da sua personalidade difficilmente se concilia com o século em que viveu. Montaigne preocupava-se com a sorte dos humilides. Foi talvez o primeiro homem a erguer



Busto de Montaigne do escultor Desnoes

a sua voz em defesa dos selvagens que os navegadores traziam no regresso

das expedições aos países recentemente descobertos. Como *mair*e de Bordeus ficou tradicional a sua brandura. Nunca ninguem dele recebeu agravo, como nunca deixou de perdoar os que lhe foram feitos.

Ê esse, como acima dissemos, o aspecto primacial da sua personalidade. Se considerarmos que Montaigne viveu em pleno século XVI compreender-se-á facilmente a extraordinária significação dêste facto.

À semelhança de todos os grandes pensadores, Montaigne não ficou confinado á sua época. O seu pensamento é antes como que um farol na história da humanidade que incide no futuro uma luz brilhante e forte. Foi admirado no seu tempo mas deficientemente compreendido. A moral e o pensamento da sua época não estavam ainda á altura do seu lúcido espírito. Montaigne escreveu por isso para os séculos que lhe sucederam, e nem hoje mesmo a sua ética e a sua moral nos aparecem deformados pelo tempo.

Montaigne não é pois uma figura histórica que evoca, exumando-a do passado. Ê uma realidade dos nossos dias porque o seu pensamento, vasto e fecundo, ainda hoje vive entre nós.



A mesa de honra da sessão da Academia, no monumento do sr. dr. Júlio Dantas pro-moctor o seu discurso

A paisagem portuguesa vista por um escritor francês

Nos últimos três ou quatro anos tem-se registado no estrangeiro um forte movimento de interesse pelo nosso país. Para esse facto que é resultante duma longa propaganda, muito tem contribuído a «Costa do Sol» que já ascendeu à categoria de estância de luxo internacional e está atraindo a Portugal uma multidão selecta de visitantes.

Seduzidos pela fama crescente do Estoril, vultos eminentes das letras e das artes europeias têm passado por Portugal, tomando conhecimento directo com a nossa terra onde um modernismo equilibrado não destruiu ainda o pitoresco.

Deste modo se vai fazendo uma propaganda incessante das muitas belezas naturais da «Costa do Sol» através da imprensa estrangeira e em artigos firmados por nomes prestigiosos da literatura e do jornalismo.

Transcrevemos a seguir uma excelente crónica de impressões do grande escritor e erudito francês James de Coquet, publicada pelo hebdomadário parisiense «Je suis parlout». Nela, o autor, depois de referir os encantos naturais e o conforto moderno da



«Costa do Sol», evoca uma passagem da nossa história que qualifica como o mais belo romance de amor que se tem escrito. Embora afastando-se por vezes da verdade histórica, a sua descrição é cheia de movimento e entusiasmo e representa, sem dúvida, um magnífico serviço prestado à propaganda do nosso país.

O artigo de James de Coquet, que a seguir traduzimos, não é, felizmente, um caso isolado. Vai sendo frequente deparar na imprensa estrangeira referências elogiosas para o nosso nome. O mundo começa a descobrir, para lhe fazer justiça, o povo que descobriu o mundo.

O viajante tem a mania de confrontar com as suas recordações a paisagem do momento. Com que se parece a costa portuguesa, esta Costa do Sol que há dois ou três anos tomou lugar entre a aristocracia das praias de vilegiatura? A nenhuma, porque contém todas a um tempo. Alia as palmeiras e flores da Riviera, aos rochedos e vagas da Bretanha, às praias e à luz da «Côte d'Argent». Poucas são as costas para que a Natureza se tenha mostrado tão solícita. Ocorre perguntar que foram os marinheiros portugueses de outrora procurar através dos mares. Sem dúvida que a nostalgia da pátria.

Porque os portugueses têm o gosto da sau-

dade. Saboreiam-na como um acepipe. A rima que nas canções francesas lhes atribue uma perpétua alegria não passa duma mentira. Não são alegres. São suaves, ternos e naturalmente românticos. É por isso que o Estoril não tem a alegria ruidosa de Monte-Carlo ou Deauville. Reina aqui uma felicidade tranqüila e repoussante. Animação, mas sem febrilidade. Enquanto escrevo oiço, vindas do Casino, árias de «fox-trots» e «rumbas». São iguais às que se tocam em Paris e em todos os casinos da Europa. Mas têm um ritmo lânguido e sabem misturar-se aos perfumes do jardim. Não se opõem à Natureza; completam-na. O ar é doce, o céu é atravessado por pombas e a Lua inclina-se para a Terra. Está em sua casa. Não receia que os gerentes do hotel venham sacudi-la com os guardanapos.

Ao lado do Estoril, temos Cascais. Sente-se vontade de dizer «adorável Cascais», tantas seduções esta pequena baía reúne. Uma praia, um porto de pesca, uma fortaleza e «vilas» sumidas entre pinheiros, palmeiras e eucaliptos. A fortaleza com as suas torres angulares e seus muros arredondados tem o aspecto dum fortim marroquino. O porto, cercado de rochedos vermelhos, está semeado de velas. À tarde, à hora em que o Sol se afunda no horizonte, como nas paisagens bíblicas, os barcos de pesca vêm varar na areia e largar o seu carregamento de linguados, chernes e sardinhas. Há também imensos desses peixes vermelhos e brilhantes como espadas e que por isso se chamam «peixes-espadas». Os pescadores — vestidos com camisas de quadrados esverdeados, da largura da mão, as calças apertadas sobre os pés nus, em tudo semelhante a personagens da comédia italiana — pegam nêles às mancheias para ir pô-los sobre as mesas de mármore onde são vendidos em leilão. Estes costumes, estas grandes lâminas brilhantes, este vai-vem, na luz da tarde que poetiza tudo, não se sabe já se se assiste a um mercado ou a um bailado.

Por uma magnífica estrada aberta em escarpa, onde não há ainda letreiros de anuncios nem polícias, mas apenas moimhos de vento, cujas asas são quatro pequenas veias triangulares, valse de Cascais a Sintra, a via que se orgulha de ter sido denominada «glorioso euen» por Byron. Porque foi ali que o poeta inglês começou «Childe Harold» cuja inspiração me veio com o perfume das camélias e dos fetos. O parque de Sintra, onde todas as plantas que no nosso país são anãs, rentes à terra, aparecem gigantes e erguidas para o céu: os fetos, as azateas, as araucarias, os espargos, as hortensias, as camélias, este parque tem o aspecto dum jardim de maravilhas. Fica-se à espera de ver o Passaro Azul levantar voo na Fonte dos Passarinhos ou surgirem fadas detras do tronco dos fetos.

Ao alto, do Castelo da Pena, cujos primeiros hóspedes toram, no século XIII, monges hieronimitas, e a última habitante, em 1906, Gaby Deslys, avista-se um panorama que reúne os quatro elementos paisagísticos da Natureza: a floresta, a planície, a montanha e o mar.

O mar está em toda a parte em Portugal. Vasco da Gama pode dormir tranqüilo em Belem, sobre as margens do Tejo, em face ao túmulo de Camões, porque se reuniu aquele que realizou a maior epopeia marítima que a cantou. O mar não caiu em desgraça nem está fora de moda. Os fados doridos que se cantam nos recintos noturnos de Lisboa, repetem sempre o movimento monótono das vagas; e o estilo manuelino com o seu cordame de pedra encontra-se até nas «vilas» modernas que de Lisboa a Sintra flutuam sobre verdura como caravelas ancoradas.

O estilo manuelino, se se quiser compreendê-lo bem, deve-se admirá-lo no mosteiro da Batalha,



cujos pilares são delicados e gordos como carnes de criança. Têm também a cor rosada destas e o dom de conservar a luz. O estilo manuelino é o gótico flamejante adaptado por um povo que deve a sua riqueza ao mar e às especiarias. O que se dedeia a Deus não é já chamas e lanças, lágrimas e renúncias, mas frutos, flores, conchas e o apetite de viver. O que não afasta de resto nem o amor nem o sangue, como o prova o mosteiro de Alcobaça, onde teve seu epílogo o mais belo drama de amor de todos os tempos: a história de D. Pedro e de D. Inez. D. Pedro I, antes de subir ao trono, enamorara-se da formosa D. Inez, que era de Castela — por isso pouco simpática aos portugueses. Uma conjura se formou e a jovem princesa foi assassinada. Três anos mais tarde D. Pedro era coroado rei. O seu primeiro acto foi exumar o corpo de sua noiva e sentá-la a seu lado. Em seguida obrigou toda a Corte a desnlar perante ela e a beijar a sua mão gelada. Quando os assassinos passaram perante ele, o rei levantou-se e estrangulou-os. Acrescenta a lenda que lhes abriu o peito para arrancar o coração e mordê-lo. Mas a história é já bastante bela sem isso.

Sobre esta costa onde a Idade Média surge a cada passo, o Estoril oferece uma vilegiatura dotada de todos os confortos da vida moderna. Automóveis magníficos desisam por estradas perfeitadas, sobre a água rugem os «out-boards», joga-se ao bacara no Casino. E, facto digno de nota, ouve-se falar frances por toda a parte. Até aos «croupiers» que anunciam: «Les jeux sont faits» ou «Kien ne va plus». O frances e a linguagem dos panos verdes.

Portugal, país onde os poentes são sublimes embora semeiantes àquies que se veem nas fotografias do «boulevard» Bonne Nouvelle, e uma das raras regiões onde a civilização ainda não matou o pitoresco. Além disto é o país da descoberta do Mundo. A cada passo que se dá, o espirito segue a esteira dum descobridor. Dêste modo, viaje-se duas vezes nesta costa encantada onde o horizonte vem morrer a vossos pés a cada vaga.

James de Coquet.



As gravuras reproduzidas acompanhavam o artigo do «Je suis parlout»

NATAL é palavra bela no ver e

DIA DE NATAL

perpetuada, desperta fervor no recôndito da

no ouvir. Quando se pronuncia ecôa de modo peculiar dentro do íntimo sensível. Encerra qualquer segrêdo oculto de forma, de ritmo, ou de conceito por qualquer modo unido ao pensamento ou movimento que lhe corresponde.

Não tem nada que errar. Natal é um momento único, de emotividade suprema como outro não há na roda do ano. A sua influência propaga-se independente do motivo religioso, da crença no milagre, de fé na redenção operada pelo Filho do Homem. Cristão, ou pagão vibram do mesmo modo, com vigor igual. Ambos se sentem inundados de poesia e mistério, sem atenderem ao acontecimento que lhe deu origem.

A festa do Natal possui espírito imanente, radiação própria que se comunica a quem vive e pensa. Tem a raridade dos sentimentos nessa hora crítica despertados que exprimem o anseio perpétuo da inteligência com raiz no sangue e na essência do ser. Celebra-se a maternidade, síntese real e tangível da vida que perdura. É motivo ardente de paixão, como outro não há, pelo que apresenta de comum com o desejo de sobreviver, ou sentir um vislumbre de imortalidade. Na verdade comemora-se no novo ser aparecido o prolongamento da existência que às veras do entendimento repugna aceitar por efêmera.

Todo êsse mistério da vida renascida,

consciência e alimenta o encanto que emana da solenidade. Distingue-se uma essência de esperança, frescura, alegria menina no olor emotivo por ela esparso. Ligado ao próprio milagre da redenção anda a promessa consoladora da existência ilimitada. Uma vida eterna, mesmo exclusivamente espiritual, estranha aos sentidos do corpo,

serve para calmar ou iludir a sêde abrasadora de perdurar que domina o pensamento. A imaginação transpõe depressa o hiato que separa o imaterial do tangível.

Por essa via, no curso dos séculos, o mistério se transformou e adaptou à necessidade angustiada da natureza humana. Todos assim vieram a vibrar de gôso com a Natividade, quando nela consubstanciaram a imortalidade. O mistério do Natal, o perfume suave que todos respiram nesse momento e parece penetrá-los até ao mais profundo do ser, reside no sentimento absorvente, em cada pulsa-

ção repercutido através dos princípios elementares que constituem e animam a vida.

Não é preciso ser cristão, basta ser homem, dotado de inteligência que permita entender a significação da morte, para se emocionar com o dia festivo que passa neste mês em cada ano e sentir o seu eflúvio suave, consolador.



A VIRGEM E O MENINO
(Quadro de Rogier Van der Weyden)

SAMUEL MAIA.



Chaby Pinheiro no apogeu da sua gloriosa carreira, com as insígnias de Santo Inácio

HÁ muito tempo que a Arte teatral portuguesa não sofria perda tão pesada como a que representa a morte desse extraordinário actor que se chamou Chaby Pinheiro.

Esse luto imenso caído sobre os palcos nacionais sentiu-o, não só o restrito meio teatral ou o público reservado dos dias de estreia, mas também a massa imensa do povo, que ele tanta vez fez rir e fez chorar. Foi esse povo, na plena simplicidade dos seus sentimentos, que mais chorou o desaparecimento do artista magnífico.

Porque Chaby era um actor adorado pelo público. A sua arte transcendente, que atingiu muitas proporções sublimes, não pertence à categoria desses que passam despercebidos ao grande público. Chaby era um actor excepcional, mas não representava para uma minoria requintada. Fazia-se compreender tão bem pela plateia como pela geral. Sabia ser superiormente humano. É esse o traço fundamental da sua feição artística.

A Natureza dotára-o com faculdades formidáveis de actor. E ao mesmo tempo, como se se comprazessem em acumular contradições, déra-lhe esse físico exagerado, essa obesidade disforme, que o assinalava. A arte estava pois destinada a revestir dentro desse actor de excepção a forma duma luta entre o espírito e a matéria. Venceu o espírito. Chaby soube na farsa transformar o seu físico num elemento cómico; no drama espiritualizar-se, fazer esquecer a sua gordura



Chaby na comédia «O senhor prior» — adaptação de Alvaro de Andrade — a última criação do estagnado artista

excessiva. O resultado não podia ser mais concludente. Poucos actores têm passado gloriosamente uma tão difícil prova.

Chaby pertence ao número desses artistas raros que não se limitam a decorar o papel que lhes é distribuído, mas procuram interpretar o espírito do autor, buscar a essência mais íntima da obra. Possuía uma vasta cultura que a todo o momento procurava aumentar. Era um leitor infatigável. Conhecia diversas línguas e viajara por vários países. Como dissémos, o ensaio dum novo papel não era para ele um vulgar exercício de memória. Não decorava; interpretava. Se se tratava dum filme histórico procurava documentar-se profundamente sobre a época de acção, sobre os personagens, sobre os costumes da época. Em todos os outros casos estudava conscienciosamente a peça, perscrutava a intenção do autor, observava o estilo de toda a sua obra. Não poucas vezes se lhe ofereceu ocasião de modificar com felicidade determinadas passagens ou aspectos das obras que representava, de acordo com o próprio autor.

Raramente a Arte teatral tem sido servida por tão consciencioso e trabalhador tão infatigável. Em abono desta afirmação poderiam citar-se muitas histórias verídicas que por aí correm, escritas ou contadas, e que provam bem a que ponto Chaby

levava o culto da sua arte.

No que ele era sobretudo admirável era a dição que possuía como ninguém. A sua voz reproduzia com infinita subtilidade as mais variadas modelações de sentimento. Ora se alteava em intonações trágicas ora em inflexões de dôr serena. Agora era grandiosa e empolgante, logo irónica e humorística. O que sur-

UMA GLORIA DA A MORTE REPRESENTA UMA PARA A NOSSA CENA PORTUGUESA DE CHABY PERDA IRREPARÁVEL ARTE TEATRAL

preendia em tão raro artista era a facilidade com que percorria tão extensa gama de emoções. Na sua bôca as palavras e as frases adquiriam ressonâncias inestáveis. O que era dramático revestia-se



Uma das suas corôas de gloria: o «Mestre alcaide», da revista «Saca e Meça», original de Schtazza 'Roby, Henrique Santiana e Fernando Daldaque

de majestosas expressões de dôr; o que era cómico aumentava prodigiosamente o seu poder hilariante. Nenhum escritor poderia ambicionar melhor intérprete para a sua obra.

Ele sabia valorizar cada palavra, dar a cada frase a intonação justa, exprimir o verbo em todo o seu poder de sugestão. Não lhe escapava uma intenção, um pensamento do autor. Por isso ele serviu como ninguém a literatura do nosso país.

A ciência tornou possível que esta modalidade incomparável do seu talento não desaparecesse para sempre com a morte do grande artista. Embora a morte tenha emudecido para sempre a sua garganta, os discos continuam a reproduzir alguns dos seus monólogos mais popularizados. E evocada por essa voz magnífica, a figura obesa de Chaby, que irradiava talento quando se agitava no palco, revive no nosso espírito aureoleado de saudade.

Deu ao teatro um esforço notável de muitos anos. A lista das peças que interpretou é enorme. Para ele não havia papéis ingratos. A todas as figuras que animava imprimia tal acento de verdade, impunha-as com tal poder de convicção, que transformava o mais insignificante papel numa grande criação. Por aí se

devem medir os grandes artistas e Chaby é dos que nos dá, a este respeito, o exemplo mais decisivo.

Ao escrever algumas linhas sobre a morte do grande actor, Ramada Curto disse, com uma comoção que se adivinha sincera, que morrerá «Sua Alteza». Assim deve ter acontecido, na verdade. A vaga deixada por Chaby no teatro português não pode ser preenchida e ninguém sabe se o chegará a ser algum dia. Essa figura admirável de «Sua Alteza» não poderá por isso voltar a ser animada no palco com esse impressionante poder de expressão que Chaby soube imprimir-lhe. E o que sucede com «Sua Alteza» repete-se com outras peças que Chaby interpretou e que agora, morto ele, só tarde poderão vir a ser repostas em cena.

Como velho actor, Chaby adorava a sua arte e manifestava certa indiferença pelo cinema. Mas do que ele era capaz nessa modalidade artística teremos uma



Em sua interpretação na peça «Os velhos» de D. João da Camara

prova admirável, embora infelizmente curta, no filme «Lisboa» de Leitão de Barros. Na figura episdica dum «ferro velho», da Feira da Ladra, dava-nos ele a medida surpreendente dos seus recursos e da sua facilíssima adaptação à arte das imagens animadas.

Um côro unânime de elogios e admirações recebeu essa rápida estreia.

Podemos dizer-se que nenhum dos críticos que por dever profissional tiveram de escrever apreciando o filme, deixou de exaltar essa revelação do cinema português e de o apontar como um elemento indispensável a aproveitar em realizações futuras.

Não quis, porém, o destino que assim sucedesse, e Chaby morreu sem ter dado ao cinema nacional a preciosa colaboração que dele havia a esperar.

A arte de Chaby, aquilo a que podemos com toda a propriedade chamar o seu estilo, consistia numa íntima comunicação com o público.

Alguém disse, usando uma metáfora feliz, que ele abolia a ribalta. Punha-se em íntimo contacto com o público. O seu único segredo era ser humano, ser natural, ser verdadeiro. De mais nada carecia

para dominar o público, para o suggestionar, para o convencer a viver a sua aventura. Não há possibilidade de lhe apontar expedientes ou processos. Era sempre natural e por essa razão mesma infinitamente variado.

Outra característica notável do seu extraordinário temperamento de actor é que o nível da sua arte não vacilava com o da peça que representava.

Não descia a representar uma farsa; era a farsa que subia até ele.

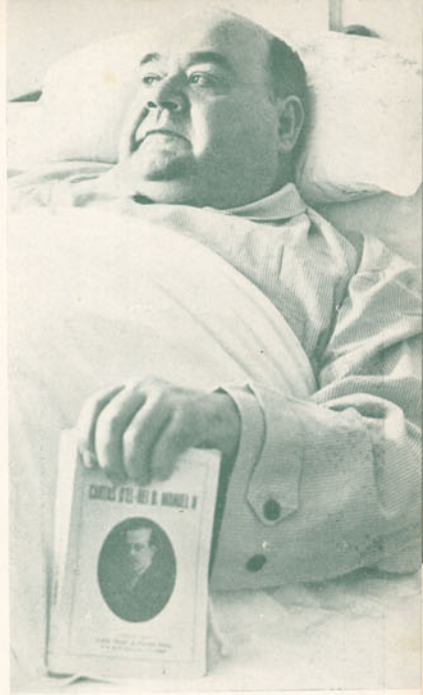
Imprimia a tudo o que fazia a marca inconfundível do seu talento e por isso as figuras interpretadas, por ele ganhavam elevação.

Era tão grande no «Leão da Estrêla» como na «Blanchette».

Sucumbiu após prolongada doença. Mas nunca a tentação do teatro deixou de lhe seduzir o espírito, condenado á quietação do leito.

Até á hora da morte nunca deixou de alimentar a esperança de voltar a representar.

Contava — há ano e meio — logo que as forças lho permitissem começar os ensaios no Trindade duma peça franceza intitulada «Les messieurs de la Santé». A seguir projectava levar a cena «O primo Júlio», original do dramaturgo Ramada Curto. Falava também, por outro lado, em



A última fotografia do grande actor quando a doença o retinha numa casa de saúde

reparecer num pequeno papel numa peça que a Companhia Maria Matos poria brevemente em cena.

A morte, por hemorragia cerebral, veio destruir estes projectos em que bem se manifesta a sua irreprimível paixão pelo teatro.

Pouco antes de morrer, Chaby teve ainda o prazer, que tão grato devia ser ao seu coração de artista, de ouvir os aplausos dum público simples, carinhoso e entusiástico. Foi em Mem Martins, pequena povoação próximo de Algueirão, onde o saudoso comediante estava repousando. Soubera da festa popular que se preparava e oferecera-se para ir recitar uns versos. E lá foi. O povo que o conhecia dispensou-lhe uma ovação cheia de entusiasmo e carinho que comoveu Chaby até ás lágrimas. Esse mesmo povo que ele tantas vezes fizera rir, obrigava-o agora a chorar. Quis falar, dizer os seus versos. Já não pôde. A comoção aperta-lhe a garganta. Saiu dali abatido, aniquilado. Mas devia trazer na alma a consoladora certeza de que o povo humilde, esse povo para quem ele tanto trabalhara, não o esquecia e conservava por ele a mesma ternura e admiração de outro tempo.

Chaby abandonou a vida deixando um vazio enorme no teatro português já tão empobrecido. De agora em diante o seu destino, como o de todos os grandes artistas, é viver na memória daqueles que tiveram o grato prazer espiritual de o admirar em cena.

ALGUNS ASPECTOS DO FUNERAL DE CHABY PINHEIRO

Constituiu uma grande manifestação de saudade o funeral do artista insigne que se chamou Chaby Pinheiro. Milhares de pessoas se descobriram respeitosamente à passagem do féretro, que foi acompanhado — apesar da chuva insistente que caía — pela maioria dos artistas portugueses. O cortejo fúnebre atravessou a cidade, quasi se pode dizer, entre alas de povo — aquele povo, que éle tanto adorava e que durante mais de trinta anos o aplaudiu nos nossos palcos



O cortejo fúnebre — que desceu pela placa central da Avenida — parou em frente do teatro Avenida, onde Chaby tantas noites representou. No Rocio, à passagem pelo Teatro Nacional nova paragem se fez. O povo — como se vê na gravura — aguardou, apesar da chuva, êsse momento, para significar o seu respeito e saudade pela perda de tão grande artista

A urna foi tirada da eça e levada aos ombros até ao carro funerário pelos srs. Estevão Amarante, Erico Braga, Robles Monteiro, Carlos de Oliveira, Fernando Pereira, Wenceslau Pinto, Carlos Shore, Geraldo de Magalhães, João Bastos e Alvaro de Andrade. Na fotografia de cima, vê-se a multidão que acompanhou Chaby Pinheiro à sua última morada. Junto do jazigo falou só o actor Erico Braga em nome do Grémio dos Artistas, do qual é presidente



GAROTOS DE ALFAMA

vistos por João Martins



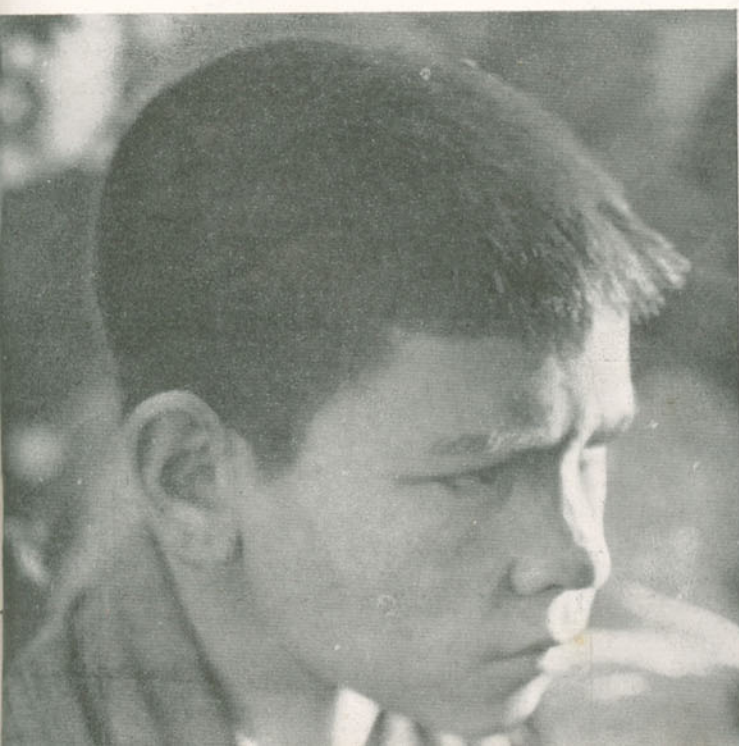
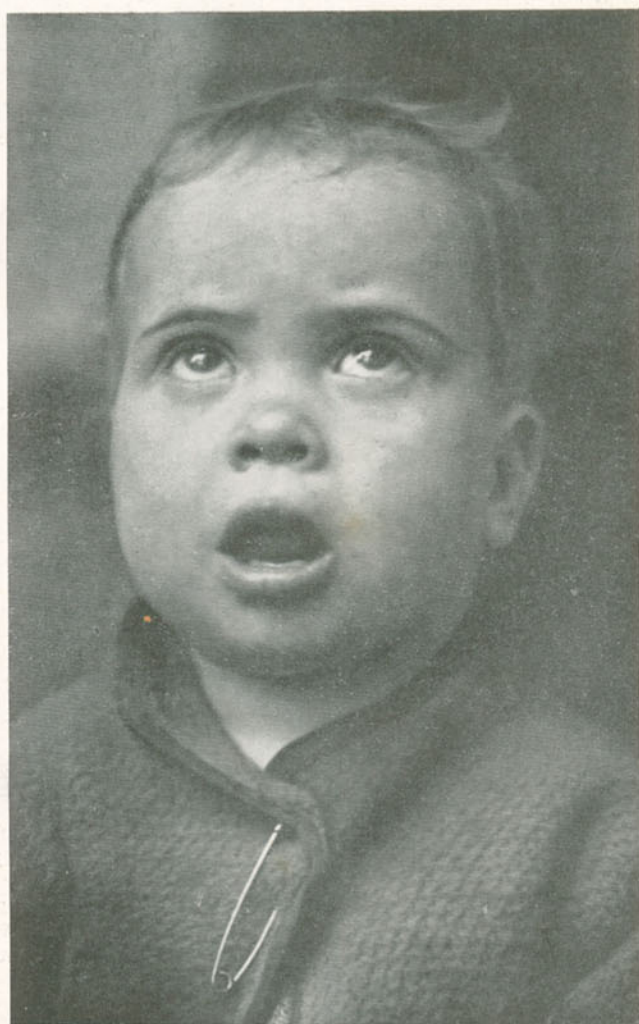
PERPLEXIDADE OU O PRIMEIRO PROBLEMA GRAVE DA EXISTENCIA

UM QUE SONHA COM TEXAS JACK E OS PELE-VERMELHAS



A CLARIDADE DUM OLHAR CURIOSO EMERGINDO DO NEGRUME DUM DESVÃO

A SÚPLICA DÉBIL DE QUEM MUITO PRECISA DE AMPARO E PROTECCÃO





PROTESTO RUIDOSO CONTRA AS INJUSTIÇAS DO DESTINO



UM QUE SE PREPARA PARA ENCARAR A VIDA COM BOM HUMOR



OLHOS QUE REFLECTEM UM HORIZONTE SEM ESPERANÇA

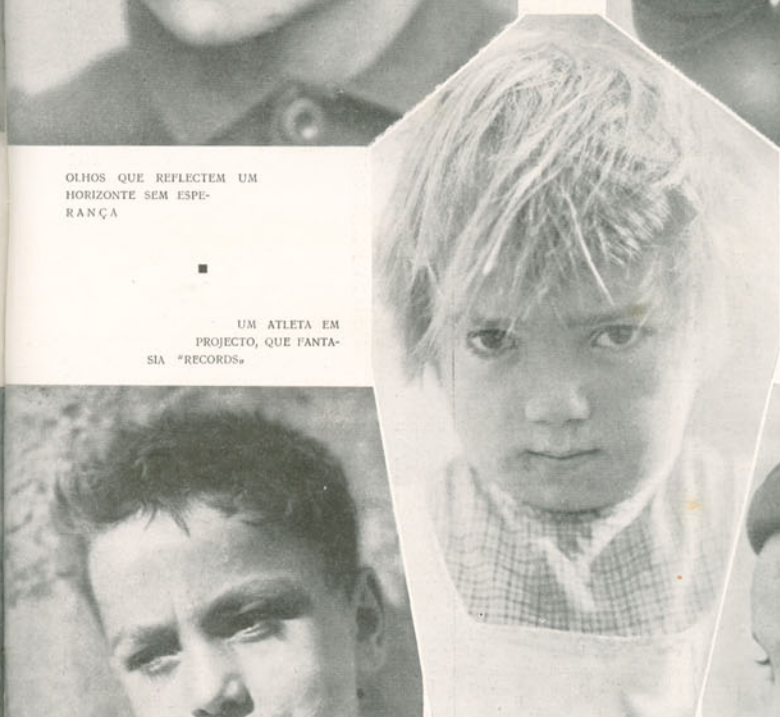


DESAPIO À BRINCADEIRA QUE RESSOA PROVOCANTE NA RUA ESTREITA DO BAIRO



UM OLHAR FITO NO FUTURO E NA AVENTURA

PRIMEIRO OLHAR MELANCÓLICO SOBRE UM PASSADO CURTO



UM ATLETA EM PROJECTO, QUE FANTASIA "RECORDS"

MALÍCIA INÓFUA NUM SORRISO QUE SE ESBOÇA



O ESTÍGMA DO FADO PESA SOBRE ESTA CABEÇA JOVEM QUE JÁ FECHA OS OLHOS PARA MELHOR SENTIR A SUA EMOÇÃO DOLENTE E SAUDOSISTA



O "RUSSO", DESORENHADO E TIMIDO, É UMA DAS FIGURAS POPULARES DE TODOS OS BANDOS DE GAROTOS QUE VAGUEIAM PELAS RUAS



A "DOLOROSA," VISTA PELA ARTE E PELA EMOÇÃO

DE entre os motivos máximos que a arte, eterna rebuscadora de belezas, foi buscar às regiões cristãs, nem todos são eternos sendo quasi todos retalhos poéticos de genial magnitude. A pomba alada do Espírito Santo é de pura essência católica. Para o profano ou o incrédulo, para o ateu, pode não ser mais do que um motivo ornamental a estilizar sem transcendência de maior e sem razão que pique a curiosidade. Outros efeitos decorativos são, no que se refere aos mitos da religião católica plasticizados pelo artista, de natureza perfeitamente letárgica. Imagens, cenas, sensações, serão muitas vezes, na verdade, psíquicas do que visuais e tal conclave de figuras místicas viverá mais do que rebrihar dos ouros, do reverberar das luzes e do ambiente incensado, em nuvens de perturbado aroma, do que da sugestão meramente plástica, a nobreza das linhas, a genialidade das massas escultóricas, sequer as expressões naturalistas dos extases místicos dos santos varões ou delirantes ridentes do grupo.

Também as figuras divinas teem, em muito, e agora limitemos o nosso raciocínio ao âmbito dos mitos católicos, representação plástica que joga com outros trunfos sobre a emoção além da beleza pictórica ou exultória. A emoção é arrancada, quasi sempre, por uma sugestão espiritual, é certo, mas não a sugestão espiritual lúcida que chega à alma, directamente, através de um cérebro frio e de um coração que bate normalmente; mas sim aquela espécie de sugestão espiritual que desdenha muitas vezes a alma parece apoderar, dominando-os patologicamente, apenas os nervos doentes, coada através de um cérebro enfermo de excitação nebulosa e de um coração acêso em paixão subterrânea e tórve provoca-

da, num verdadeiro círculo vicioso, pelo mesmo destrambelho dos nervos fracos.

Uma figura mística, entretanto, gosa eternamente de um privilégio. A Mãe do Deus dos cristãos, a Virgem, através dos tempos e das paixões, conserva uma perene formosura. Porquê?... Talvez por aquilo que de humano e proximo ao coração de todos, tem a sua figura mística; a maternidade. Ela é, para os que, fóra das portas das igrejas, vivem e sentem as coisas belas, a imagem deificada das nossas próprias mãis que trouxeram em si nossas vidas, a imagem sublimada das mnlheres santas que propagarão a nossa vida, mais além da morte, nos filhos que a vida nos deu. Que admira então o facto de, através dos tempos, através das paixões, a figura da Virgem permaneça imarcescível em sua divina e humana formosura, mais alta do que a mais alta estrela, farol, guia e emblemas dos mais santos afectos da humanidade?

E que formosas são as Virgens que nos legaram os artistas de tôdas as épocas. Deixemos áparte Fra Angélico que pintou com a própria luz divina.

Éle é super e sôbre-humano. Aquilo não é pintura, é milagre... Mas os outros, os demais artistas, feitos de humano barro, todos se excederam e sublimaram ao tratar o tema da mais sagrada beleza, a mãe sofredora, boa e calada, chorando, silenciosa, mas lágrimas de sangue, a "Dolorosa", a Virgem-mãe múltipla e uma que, na mitologia humana tem um nome único e profundo, Mãe, e na mitologia engenhosa dos católicos tem tão poéticas e sugestivas denominações como a Senhora das Dores, a Virgem das Angústias, a Mãe de Deus, a Mãe dos homens...

O materialista Rubens deu-lhe uma forte maternidade como braço e aos pés da cruz, em Antuerpia, chora aos gritos de leão ferida; Velasquez viu-a no seu quietismo típico e em tons cinzentos de alheamento do mundo. Murillo pintou as mais belas Virgens de quantas se têm pintado e maldita seja a ganância dos mercadores do templo que, em oleografias baratas têm ridicularizado, vulgarizando-as até ao facto, as telas mortais do sevilhano. Brengel o jovem depois de pintar bruxas e orgias satânicas e crueis pintou virgens de estranho poder de evocação mística. Uma luz distante e morta divinisa a sua esguia feminilidade, virgens de Van Eyck, como as de Van der Goes, como as do mestre de Fiemale, têm ventres realistas, de mãis-mulheres. Mas a pomba divina voa sobre o lado que circunda uma fronte vasta, lisa, pura, predestinada, como que a chamar, pareceu martírio, uma dor mais, a corôa de espinhos, para que não orvalhe de sangue o rosto do filho amado que lhe palpita nas entranhas abrasadas de bem-aventurança.

Rafael pintou Madonas místicas e pro-



A Virgem e o Filho
(Quadro de Joos Van Cleve.)

fanas a um tempo e Da Vinci pintou as belas e enigmáticas, a um tempo, como o mistério sublime do Dogma da sua virgindade maternal. A "Mater dolorosa" de Dürer como as de Mantegna apresentam a mãe trágicamente bela na sua angústia, na sua dor. Donatello esculpiu donzelas místicas e ardentes que bem mereciam que o fogo divino as fizesse mãis torturadas de um Deus jovem e belo. Os escultores medievos, nas ogivas dos templos rendilhados, deixaram virgens irreais, de uma pureza infinita, de rostos enigmáticos. Belas pelo rópico místico que as anima, belas também, quem o pode negar, pela audácia da estilização pela moldagem serena e espiritual dos seus rostos ora sorrindo no martírio ora preguados na angústia da dúvida de tanta felicidade como é ter um filho de Deus.

Pelos cruzeiros, escultores populares, em tôdas as épocas, deixaram, em nichos, em capiteis, Virgens, as mais délas com Deus morto sobre os joelhos tremulos, que são autênticas obras primas de sabôr rustico, de uma beleza espontânea incomparável.

Até aos nossos dias, em que a orgia da técnica e a embriaguez da originalidade têm liquidado tanto génio de arte plástica, em que a repelente fealdade foi arvorada, momentaneamente, em camara de beleza, chega a inspiração que a figura da *Madona* traz aos artistas. Não há muito que em Nova-York se efectuou uma exposição sensorial exclusivamente aberta aos moços pintôres, de escolas avançadas. As obras não tinham senão uma condição de entrada; sêr representação do mistério cristão da Virgem-Mãe. O triunfo dêste certamen foi enorme. Artistas de tódo o mundo, de tôdas as escolas, de tôdas as cadeiras, nenhum pôde furtar-se ao sortilégio. Não seria porque na Virgem-Mãe vão compendiadas, misteriosamente, tôdas as belezas morais, físicas e espirituais que podem irradiar da Mulher?

João de Sousa Fonseca.



(Desenho de José Tagarro.)

O PRESÉPIO

O nascimento do Menino Deus

que é o Menino Jesus, que lhes trás os brinquedos, e que assim vem premeiar as suas boas acções. É a festa de que todos nós conservamos as mais gratas recordações. Aquela em que temos a ilusão de que o Menino Jesus vem até nós trazer-nos o que mais desejávamos, em que sentimos à nossa volta um ambiente de ternura sobrenatural, que nos emociona e nos comove. É nesses pequeninos presépios, que o afecto maternal nos prepara nós vemos a maior das maravilhas. Essas figurinhas de barro são olhadas com uma profunda veneração e que encantadoras descobertas não fazem os olhos infantis nesses presépios, que representam uma verdadeira obra de arte para o seu inocente

«Presépio»
atribuído a
Jorge Afonso
Colecção
José Relvas

uma noites» encontramos igual, e, depois os pequenos detalhes, que há sempre nesses ingénuos presépios. Os riosinhos de fios prateados, onde há azenhas, os lagos feitos de bocados de espelho, onde nadam minúsculos patinhos. Mil pequenas coisas que emocionam as almas infantis e as dos grandes, dos desiludidos da vida, que se sentem renascer, reviver ao calor desse entusiasmo ingénuo e puro. E pouco a pouco os reis vêm descendo e no dia de Reis temos a visão da adoração dos Magos. São as festas do ano em que os corações vibram numa maior ternura, em que o amor se espalha pelo mundo, em que há um verdadeiro desejo de fazer bem, em que nos ocupamos com mais interesse dos pequeninos, em que temos um maior desejo de felicidade para todos, como se passados desanove séculos, sentíssemos ainda a vibração desse extraordinário acontecimento, dum Deus que se fez Homem, para viver humildemente, para sofrer, para morrer pelos homens, para os redimir dos seus pecados, para os ensinar a ser bons. É tão sublime, tão sobrenatural, tão admirável, que a-pesar da sua continuidade no mal, dos seus pecados, das suas fraquezas, dessa maldade, que atira os homens uns contra os outros em guerras horrendas, que fazem sofrer inocentes, essa humanidade capaz das maiores atrocidades, da maior crueldade, que sente um requintado prazer em utilizar a inteligência que Deus lhe deu, em

DE tôdas as festas do ano, aquela que mais nos impressiona, desde a primeira infância, é a festa do Natal, de tôdas as imagens santas, de todos os quadros e esculturas de arte sacra, é desde os mais tenros anos, o presépio, a que mais nos fala a alma. E para a mulher que tem sempre o instinto da maternidade, embora o seu destino seja outro, é ainda a Natividade o assunto que mais a entenece. Não são os quadros em que a dolorosa paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo, é representada em todo o seu horror, os que mais comovem o coração da mulher, mas sim aqueles que representam o humilde, mas grandioso nascimento do Salvador do Mundo, em quem os descrentes não querem ver Deus, mas em quem são obrigados a reconhecer um Ente tão extraordinariamente superior, que são eles próprios que o demonstram sobrenatural. Essa festa está de tal maneira integrada na vida da humanidade cristã, que mesmo aqueles que vivem fóra do grémio da igreja, a festejam e solenizam, dando presentes às crianças, fazendo árvores do Natal e dizendo aos pequeninos,

«Presépio»
de Palma
el Vecchio

sentir. O Menino nas palhinhas. A Virgem e S. José orando em extase diante do Sagrado Menino. O boi e a burrinha bafejando-o como querendo com o seu hálito aquecê-lo, os pastores em adoração trazendo as suas oferendas e no alto do presépio guiados pela estrêla, aparecem os reis Magos, êsses reis do Oriente, que durante a infância nos encham o cérebro de fantasia, e que nós vemos com os olhos da imaginação, grandiosos e dum riqueza que só nos contos das «Mil e





«Presépio» de Filippo Lippi

fazer invenções duma tão profunda e cruel ideia de destruição, se sente tôda sacudida e abalada, à passagem de mais um aniversário do Nascimento do Menino Deus.

É que êsse Nascimento é verdadeiramente admirável. Deus podia fazer vir ao mundo o seu Filho no mais grandioso palácio, que a imaginação humana pudesse sonhar. Mas nesse caso Êle ficaria muito longe dos humildes, daqueles a quem não seria permitido nem sequer de longe lançar as suas vistas para as paredes magestosas dêsse palácio. A Caridade não existia no mundo. Os de cima esmagavam os que estavam em baixo. Os escravos eram menos do que os animais. Os humildes nem sequer a palavra de Deus podiam ouvir. E assim o Menino foi nascer numa humilde estrebaria, nem sequer na casa pobre da sublime mulher, escolhida para Sua Mãe, isso seria dár-lhe ainda uma estabilidade, mas em jornada, no agasalho de ocasião. O seu corpinho tenro repousou em simples palha, rodeavam-no a Virgem e S. José, e, dois animais: um boi e uma burrinha. Foram humildes pastores que o cercaram, que, presentearam que o reconheceram como o Messias de que falavam as Sagradas Escrituras. E como símbolo do Bem que a sua palavra traria de Amor, de Bondade, de Fraternidade, a essa humanidade tão cruel, Êle nasceu pobre entre os últimos daquele tempo, os pobres e ignorantes

todos devemos sentir uns pelos outros, essa demonstração de que neste mundo todos temos de nos resignar com o que temos, e de fazer à nossa volta o bem que pudermos. Mas como não podia deixar de ser, os artistas sentiram-se inspirados com êsse admirável assunto e deixaram-nos maravilhosas obras de arte. Não são só os ingénuos presépios, que nos fazem sorrir a nós, mas que impressionam os pequenitos a ponto de os emocionar; como aconteceu aos filhos duma amiga, que ao abrir-se a sala em que estava a Árvore de Natal e o presépio, que lhes tinha sido preparado, chegaram à porta e caíram de joelhos, curvados até ao chão benzendo-se, estatísticos e maravilhosos; os presépios que perpetuam o

«Presépio» de Pietro «lo Spagnuolo»

pastores de Belém, mas simbólicamente os reis Magos demonstram na sua apressada viagem, guiados pela estrela, que os Grandes, os soberanos da terra, se prostrarão diante da sua grandeza, e que êles nada são perante a sua Imensidade. Que festa mais bonita pode haver no mundo do que a que comemora a Natividade de Jesus? A Natividade da Bondade, do Amor, do Perdão, de todos os sentimentos sublimes que formam a Caridade, essa ternura que

grande acontecimento. Os melhores artistas, que a Humanidade tem produzido a êles se dedicam e tanto a Natividade como a adoração dos reis Magos, têm sido reproduzidos pelos melhores artistas.

Fra Angélico, deixou-nos entre muitos quadros, uma adoração dos reis Magos, que é um assombro; Luini, o delicado pintor das côres suaves e brilhantes, representou também em vários quadros o Nascimento de Jesus e a adoração dos reis Magos.

Um dêsse magníficos quadros existe na grandiosa colecção do museu de Louvre. Luca Signoréli, o comovente pintor que soube dar às fisionomias que pintava uma tocante expressão, também reproduziu em admiráveis quadros os dois assuntos que tão belos são. Pietro «lo Spagnuolo», com o seu vigoroso pincel, fez um quadro que é um verdadeiro encanto. Mas propositadamente deixei para o fim a citação dos nossos pintores portugueses, que tão bons os temos sempre tido em tôdas as épocas, e, que patrioticamente são os que mais nos interessam: Grão Vasco, o grande pintor do fim do século xv, princípios do século xvi, deixou quadros da Natividade e da adoração dos Magos, que são verdadeiras maravilhas para quem sabe ver obras de arte. Vou referir-me, no entanto, mais especialmente a dois quadros que representam a adoração dos Magos, e que sendo dos mais belos merecem uma referência mais desenvolvida.

Um deles é de Gregório Lopes, pintor



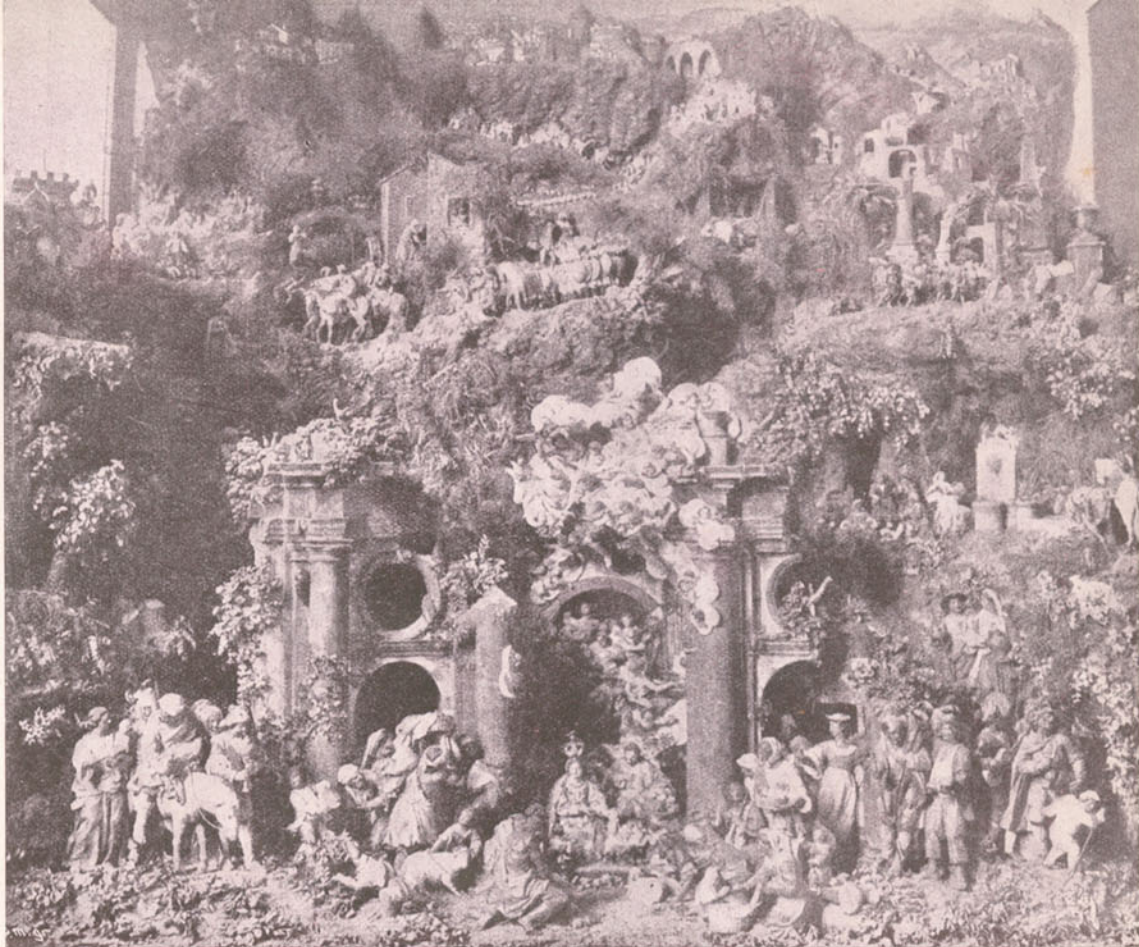
que se salientou no século XVI e que nos deixou obras de que nos devemos orgulhar, como esse quadro, que está no nosso Museu de Arte Antiga, onde se encontram dispostas com o melhor gosto e verdadeira arte, as preciosidades que fazem dêsse museu um tesouro que deve ser conhecido de todos os portugueses e que podemos fazer ver aos estrangeiros, que o consideram modelar, não só pelos preciosísimos quadros e objectos de arte que contem, como pela elegância sóbria com que estão expostos pelas suas numerosas salas.

Nesse quadro duma grande beleza, nós podemos ver como os nossos artistas daquela época estavam impressionados pela grandiosidade e riqueza que nos vinha do Oriente. As ofertas dos reis Magos são objectos preciosos e duma enorme riqueza.

Os seus trajos são bem os de reis orientais, cujo luxo deslumbraria certamente os pobres pastores de Belem.

A beleza das expressões e a naturalidade das atitudes tornam êste quadro soberbo.

O outro quadro é atribuído a Jorge Afonso e pertence à colecção Relvas, que está nos Patudos, essa casa que é um



O «Presépio» atribuído a Machado de Castro, que se encontra em exposição na Basilica da Estréla

verdadeiro museu e a sê-lo está destinada pelo alto espírito dos seus proprietários.

Duma deliciosa composição a Virgem Maria tem uma expressão encantadora de ingenuidade no gesto que acolhe os Magos e as suas ricas ofertas, e é bem um quadro de mestre em que sentimos também a influência oriental.

Em barros, possuímos maravilhas, entre êles o magnífico presépio de Machado de Castro, êsse escultor do século XVIII que modelou em barro, as mais encantadoras figuras.

Êsse presépio que está em exposição na Igreja da Estréla nesta época do ano, é verdadeiramente nosso e português em tudo.

Nessas figuras admiravelmente modeladas reconhecemos bem o tipo do nosso povo.

Outros presépios existem, alguns da autoria de José de Almeida, que na mesma época viveu e cujo nome se tornou menos conhecido, absorvido quási, como o de outros artistas, pelo de Machado de Castro.

Como é belo e emocionante ver tão grandiosos assuntos dum simbolismo tão alto, represen-

tados em quadros e esculturas de soberba Arte.

Faz-nos orgulhosos, dum orgulho que não é pecado, porque é um sentimento elevado, de pertencermos à humanidade, e, sentimo-nos comovidos, sobretudo, quando são patrícios nossos, como Gregório Lopes, Jorge Afonso e tantos mais artistas, que comemoram em obras duma imortal beleza, assuntos tão sublimes e tão interessantes como o são: o Nascimento de Jesus e a Adoração dos Magos. O sentimento da humildade e a sua elevação, pelos grandes, que perante ela se curvam. Porque sem dúvida o Nascimento do Menino Deus marcou o primeiro passo para a igualdade entre os homens e na Adoração dos Magos, dêsse Reis orientais que se curvam numa profunda adoração perante essa criança nascida nas palhas, sem ter quási linho para se enfiar, numa gruta em que apenas os animais se abrigavam; nós temos que ver um acto admirável em que o poder de Deus se manifesta duma maneira bem clara obrigando êsses homens habituados a tôdas as grandezas dessa época, a fazer uma enorme viagem incômoda e desagradável, e, a curvarem-se perante o Menino que nada tinha, oferecendo-lhe os seus ricos presentes.

Maria de Eça.

«Repouso na fuga para o Egipto», página do «livro de Horas de D. Manuels», atribuída a Gregorio Lopes



O Congresso dos Clubes e a parada desportiva

Ao LADO — Aspecto geral da parada desportiva, reunida no Terreiro do Paço, no momento da saudação dos estandartes aos membros do governo que estavam nas janelas do ministério das Finanças assistindo ao desfile



Ao CENTRO — O Ateneu Comercial de Lisboa apresentou um interessante agrupamento de atletas na parada desportiva

Ao CENTRO, EM BAIXO — Os estudantes do Académico não prescindiram da capa e alinharam garbosamente e com aprumo

EM BAIXO — O capitão Ribeiro dos Reis e o dr. Salazar Carreira, discutindo as suas teses sobre «Problema Tributário» e «Educação Física nos Clubes de Desporto», cujas conclusões foram aprovadas, no Congresso, por aclamação



Ao LADO — A secção de «foot-ball» do Sport Lisboa e Benfica, o clube que mais brilhante representação teve no desfile, fazêdo a saudação olimpica ao passar pelo monumento aos mortos da Grande Guerra

Ao LADO — Um aspecto característico da numerosa assistência que seguiu os trabalhos do Congresso, focado no salão sobre do Sport Club de Portugal, onde se efectuou uma das mais interessantes sessões

NATAL

OS BONECOS

*Em tempos que já lá vão
Me foi contada uma história
Que me fez tal impressão,
Que a guardei no coração
E não me sai da memória.*

*Diz que certa pequenina,
Apesar dum demonico
Imensamente traquina,
Era bondosa menina
E tinha um pai muito rico.*

*P'los seus dotes excelentes
O seu encanto era tal,
Que os amigos e parentes
A cobriam de presentes
Assim que vinha o Natal.*

*Um dia, — conta-se até, —
Ao ir co'os péritos nus
De manhã, pé ante pé,
Vêr que o Menino Jesus
Puséra na chaminé,*

*Viu brindes tantos e tais,
Que os brindes eram aos mólhos;
E achando aquilo demais
Correu a dizer aos pais
Com as lágrimas nos olhos:*

*— Porque é que Jesus me brinda
Quando eu, do ano passado,
Minha mãe conservo ainda
Tanta boneca e tão linda,
Ainda em muito bom estado?!...*

*E diga mãisinha, diga,
Não deve, quem tem que sobre,
Dár qualquer boneca antiga
A uma boa rapariga
Que seja infeliz e pobre?...*

*Faça-me isto, ó minha mãe!
Mande alguma aos pobresitos!
E eu lhe prometo também
Que para o ano que vem
Vou poupar os meus bonitos!*

*Olhou-a a mãe um pedaço
Contente por tal bondade,
E acolhendo-a no regaço
Fechou-a num grande abraço
E fez-lhe aquela vontade.*

*Senhoras de Portugal,
D'alma tão nobre e tão cheia
De bondade natural,
Aproveitai esta ideia
Para o próximo Natal.*

*E às pobres crianças servem
Pedindo aos meninos ricos
Que os seus bonecos conservem,
E p'f'ós pobres os reservem,
Não os fazendo em fanicos.*

*Quanta criança inocente
Num grito d'alma não expande
Um pensamento excelente,
E vem dár lições à gente,
Que presume de ser grande!...*

*Não sei de mais lindos gritos,
Nem sei d'alma onde floresçam
Pensamentos mais bonitos!
— Ó meus queridos pequenitos,
Que pena que vocês cresçam!...*

Antônio Carneiro.

Vou espiar de fuga, em dois traços, o belo perfil, não colorir digno retrato, de algumas mulheres de nobreza de alma e condição varonil que por obrigação ou devoção, pelo apêgo aos seus ou amor ao próximo, por impulso religioso ou convicção política sacrificaram vida e haveres, olhos lampejantes de fé, face alumada pelo sorriso do martírio livremente consentido.

Primeira entre todas:— a formosa, e culta, e dedicada princesa de Lamballe, tipo legendário da fidelidade e do heroísmo, que ficaria bem ao lado das Helenas e Cecílias do circo romano. Na crise do delírio romanescos dos *ares do século* foi das mais entusiásticas devotas dos partidos avançados com representação nos Estados Gerais. Amiga íntima de Maria Antonieta, que depois da entrada triunfal em Versalhes se mostrou inclinada aos apóstolos das ideias novas— o que a condessa de Artois por vezes lhe censurou e nunca lhe perdoou— acompanhava-a às sessões tumultuosas do Parlamento e ouvia desvanecida o crepitar do verbo anunciador da manhã que em breve acordaria para os desvarios jacobinos as almas adormecidas— espécie de alacre cantar do galo, precursor dos *sans-culotte* de barrete frígido no anúncio dos alvoroços da madrugada.

Depois de 5 de Outubro, a família real transferida do Olimpo de Versalhes para

a ante-câmara do Tártaro, designada por Tulherias, Maria Antonieta vaiada pela população e ameaçada de morte a todas as horas, a todos os momentos, a princesa de Lamballe converte-se no amparo leal, na dedicação incondicional da rainha mártir.

Acompanha um por um os passos da sua via dolorosa. Quando da fuga por Varennes, precede-a na jornada afim de ser a primeira pessoa a estender os braços à régia fugitiva, mal o seu pé inquieto assente no solo firme do estrangeiro. E a pesar do perigo certo do retorno à corte após o malogro da evasão, que a sua inteligência e a sua perspicácia não podiam deixar de ver e sentir, ao saber a família real de novo prisioneira das Tulherias regressa a Paris, lealmente reassume a sua missão de desvelo e ternura.

Claro: os prussianos a tomarem Longwy e a arremeterem contra Verdun, efêmero triunfo que os rotos e indisciplinados exércitos da República logo convertem na mais espantosa derrota; os ânimos dos patriotas a exaltarem-se contra os monárquicos aliados do inimigo de além fronteiras; Danton, a essa data ministro da Justiça, a decretar a caça aos traidores da Pátria ameaçada, e a princesa de Lamballe a ser metida a ferros entre os quinze mil encarcerados da Abadia, da Force, da Conciergerie, do Luxemburgo, do Chatelet, aqueles a quem o Destino entregava os primeiros papéis na tragédia do Terror que começava agora a representar-se.

Chega o domingo, 2 de Setembro:— todos os sinos de Paris tocando, simultaneamente, o rebate satânico da chacinna, o canhão ditando de momento a momento a lei ditatorial do mais forte, os tambores pulsando ao ritmo dos ins-

tantos brutais dos magarefes. E é no delírio da carnagem de 2 de Setembro, a S. Barthelemy dos vermelhos contra os brancos, que a princesa de Lamballe, prisioneira, se ergue no heroísmo à altura da princesa de Lamballe palaciana. Rebocada à força do fundo negro da enxovia para o terreiro ensanguentado das execuções, adianta-se de frente erguida, olhos serenos, embora mais pálida do que a sua roupa branca, segundo o depoimento escrito de Rétif. A alteia alucinada de ferocidade empurra-a para o montão de cadáveres que barra a rua dos Ballets. E em voz dura, ordena-lhe, os sabres e chuços em ameaça:

MULHERES DA REVOLUÇÃO

A princesa de Lamballe

admirável símbolo de heroísmo e fidelidade

— Grita: Viva a Nação!

Ela ergue mais a frente, e nega-se a obedecer.

Então, o seu corpo gentil, em que se reúnem as graças e os primores de todas as formosuras, tomba sobre a rima dos cadáveres, retalhado de golpes e encharcado de sangue.

E porque a animosa princesa morria vítima da lealdade pela rainha, os magarefes cortam-lhe a cabeça, arrancam-lhe o coração, desnudam-lhe as formas, e vão passear esse mármore de beleza e elegância em frente do Templo, o corpo arrastado pelas sacerdotisas da Missa Vermelha, a cabeça na ponta do chuço de Charlot, o coração no ponta de outro chuço, atraíndo Antonieta às grades da prisão para que verifique a moeda em que os revolucionários pagavam as dedicações à austríaca.

Ficou memorável, nesses três dias de hecatombe, de cabeça alta, vestida de branco, ao peito cinco flores, correspondendo aos cinco filhos do seu matrimónio com certo emigrado de Jersey, e que entrega o peçoço à guilhotina clamando a plenos pulmões:

— Viva o rei!

A irmã Prebet Vocler, do país d'Erné, intimada a dar um viva à República, como preço da salvação, nega-se a fazê-lo. Certo soldado vermelho, condoído da sua sorte, brada por ela o viva redentor, efeminando a voz.

Mas a irmã Prebet Vocler repudia no céu, tendo na boca a Salvé Rainha.

Cecília Hay, de 16 anos, vai com a mãe e as irmãs ao cadafalso. Vendo cair no cesto sinistro a formosa cabeça de Angélica de Mellières, recua e solta um gemido de horror.

A mãe, então, M.^{me} Hay, abeira-se do carrasco e pede a graça de ser a última a morrer. Deferido o requerimento, exalta a coragem das filhas, ilumina-lhes de esperança os olhos turvos de angústia, ensina-as a receber a morte sorrindo e cantando. Ao delírio da Vendêa corresponde, multiplicado por mil, o delírio de Paris. A orgia da morte toma o ritmo das cavalgadas legendárias. As prisões não têm vagas. Enchem-nas as vítimas das incessantes fornadas da guilhotina— fornadas diárias de sessenta e oitenta condenados. Já não é preciso ser notável para ir ao cadafalso— observa Taine nas *Origens da França Contemporânea*. Basta ser rico ou remediado, educado ou instruído.

Entretanto— o amor sobe ao grau efervescente do exaspero. Não o amor mercenário das sessenta mil toleradas, das dez mil privilegiadas que frequentam o Palais Égalité, o antigo Palais-Royal. É o amor abrigo das que procuram prolongar a existência refugiando-se por nove meses na gravidez— pois têm o direito de viver até à hora do nascimento dos filhos. É o amor misericórdia das que se sacrificam aos que vão morrer, unguindo-lhes de ternura os últimos momentos da vida.

Há misericordiosas Samaritanas, centenares de Samaritanas, que percorrem as prisões afrontando a morte, para levar aos condenados ou moribundos a extrema unção das suas lágrimas, dos seus beijos, do seu amor, o conforto do seu carinho.

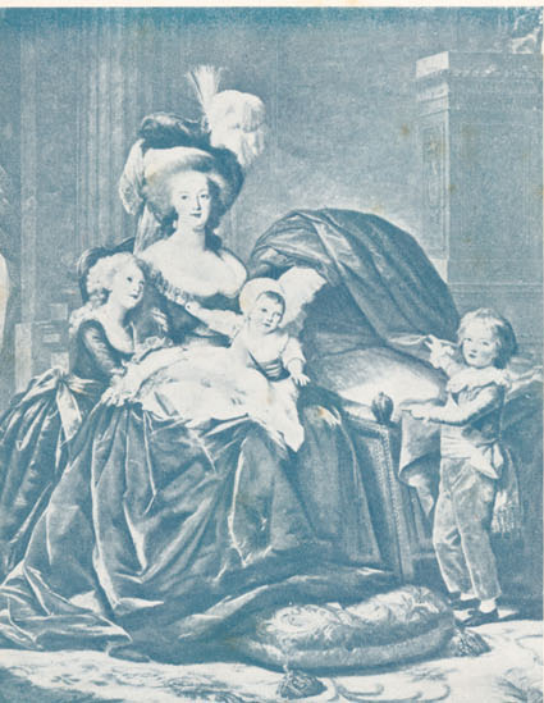
E as mulheres continuam a morrer com beleza e heroísmo— exceptuada

a Du Barry, a favorita de Luiz XV, a intrigante de Antonieta, que morre a tremer e a soluçar. Morre heroicamente a própria Olímpia de Gouges, a chefe das fúrias da guilhotina, acusada de ter adulado Demouriez nos seus escritos. Morre estoicamente Catarina Theos, a mãe de Deus, que os inimigos de Robespierre conseguem fazer condenar. Morrem serenamente as senhoras de Saint-Amaranthe, realistas protegidas pelo Tirano todo poderoso.

O que aí fica escrito, nada em relação ao tanto que fica por escrever, só serve de escora à velha proposição, tão largamente documentada:— a mulher, a timidez nervosa e infantil na calma do lar ou da sociedade, nos períodos convulsos de alucinação colectiva e de tumulto sanguíneo torna-se a coragem serena, o heroísmo impassível que deixa muitas vezes a perder de vista o heroísmo e a coragem dos Cesares, dos Viriatos, dos Bayard, dos Bonaparte.



A princesa de Lamballe (Quadro anónimo, existente no Museu de Versalhes.)



Maria Antonieta e seus filhos (Quadro de Madame Vigée-Le Brun.)

A graça das crianças, tão pouco utilizada pela literatura, é uma graça especial, que se caracteriza sobretudo pela sua lógica implacável. As imprevistas frases infantis, que nos fazem sorrir, são o produto de raciocínios simplistas, rectilíneos, não corrigidos ainda pelo sentido das realidades e pela experiência da vida. Na graça da infância há sempre, ou quasi sempre, um fundo de justiça e de verdade. Por isso existiu o *episcopus puerorum*. Por isso certos idealistas, sobre tudo na Itália da pré-Renascença, entenderam que se devia entregar às crianças o destino dos povos e o governo do mundo. Mas, mesmo quando, nas observações pueris, falta a razão, existe sempre o pitoresco. O humorismo infantil é inconsciente e espontâneo, flagrante e vivo. Agora, que se celebra a festa da criança, parece-me curioso e oportuno recordar a graça de certos Bébés meus conhecidos — alguns há tanto tempo, que já são homens — reproduzindo os seus *mots dorés* em pequenos quadros, ingénuos e expressivos como as estampas de Poulbot. Felizes crianças! Se elas soubessem como se tornam ilógicas, injustas e pouco interessantes quando crescem...

Bébé, filósofo, assiste ao almoço. O sol brinca na toalha. Manchas verdes dum serviço da China. O pai saboreia, gole a gole, uma chicara de leite quente.

— O que está o pai bebendo? — pergunta Bébé à mãe.

— Leite.

— Então, porque é que ele não mama?

O dia de anos de Bébé. Quatro primaveras risonhas. Muitos sor-

risos. Muitas visitas. Muita alegria.

A certa altura, Bébé desaparece. A mãe, as irmãs, a *nurse*, procuram-no, assustadas. Vão dar com ele no quarto de vestir da mãe, muito quieto, em pé diante dum grande espelho.

— Então, que é isso, Bébé? — pergunta a irmã mais velha.

— Tu não dizes que eu faço hoje anos?

— Que estás tu a fazer diante do espelho?

— Estou a ver-me crescer.

Nasceu a Bébé um irmãozinho. Levam-no ao quarto da mãe, para o ver.

Curioso, abrindo muito os olhos na penumbra, Bébé contempla, através das cortinas de gaze do berço, a cabeça quasi calva do recém-nascido, pequena como um bom-bom de rosa.

— Porque é ele careca? — pergunta Bébé à irmã mais velha.

— Porque nasceu ontem.

Daí a pouco, entra o médico, sujeito grave, afável, calvo como a palma da mão. Bébé, muito risonho, dirige-se ao provector doutor:

— Sabes? Eu sou mais velho do que tu.

— Porque, meu menino?

Logo Bébé, apontando-lhe a calva enorme:

— Porque tu nasceste ontem...

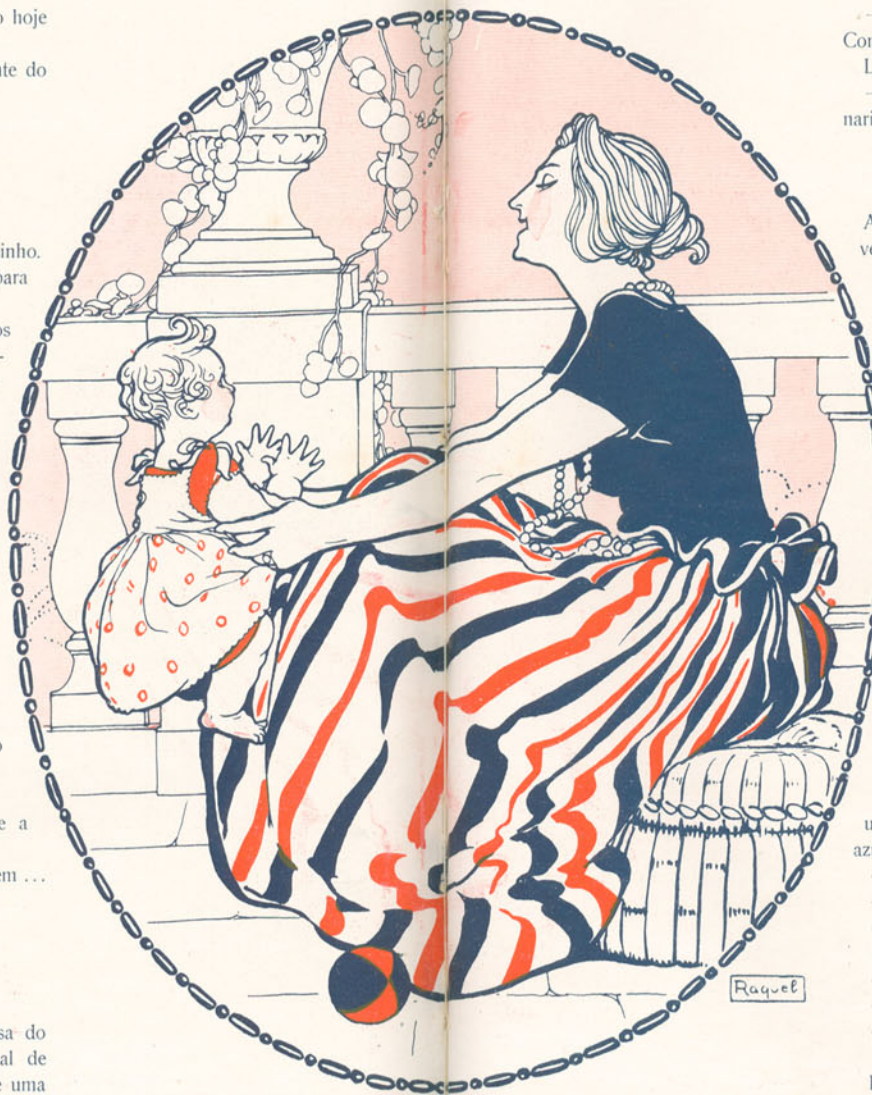
Bébé está ao colo da mãe.

Ao pé, numa pequena mesa do *smoking room*, há um castiçal de Sèvres, um cinzeiro dourado e uma

A graça do Bébé

POR

JULIO DANTAS



caixa de cigarros com pontas de seda de todas as cores, mais para ver do que para fumar.

Surrateiro, Bébé estende a mão sapuda e rosada para a caixa, tira um cigarro e leva-o à boca, no gesto caricatural de um velho fumador.

A mãe repreende-o:

— Então que é isso, meu filho? Com um cigarro metido na boca!

Logo Bébé, sentencioso:

— Os cigarros não se metem no nariz.

A mãe, enquanto arruma uma gaveta de roupa, dá lição de gramática a Bébé:

— Diga, Bébé. Este casaco é singular ou plural?

— É singular.

— Muito bem. E estas meias?

— Plural.

— Exactamente. E estas calças?

Bébé tira as pequenas calças de seda branca da mão da mãe, olha de um lado o cós, do outro as duas pernas, e responde, sem hesitar:

— Singular por cima e plural por baixo.

Bébé pergunta tudo. São perguntas em série, a que a mãe responde, pacientemente, bordando um tapete de Arraiolos, branco e azul.

— Donde vêm os bebés?

— De França.

— Então eu nasci-me em França?

— Nasceste.

— E donde vêm os bebés franceses?

— Da Inglaterra.

— E os bebés ingleses?

— Da China.

Bébé olha a mãe, fica um mo-

mento pensativo e conclue, filosoficamente:

— Ninguém é da sua terra.

Bébé saiu. Vai num carrinho de mão, estofado de branco, com uma capota azul que parece, sobre a sua cabeça loira, um pequeno céu, um céu de brinquedo. Conduz o carro, empurrando-o desgraciosamente, a *nurse*, — inglesa, atlética, sardenta, carrancuda.

— O meu amigo sente-se bem nesse excelente carro? — pergunto eu a Bébé.

— Não, — responde ele, num sorriso desdenhoso.

— Então, porquê?

— A mamã anda de automóvel. O mano anda de bicicleta. O papá, que é aviador, anda de avião. Só eu é que ando puxado por um animal...

Outono. Ninon, irmã de Bébé — quinze anos — está doente. Três médicos, vestidos de preto, vão vê-la ao quarto. Saem carrancudos, enigmáticos. Reunem-se na sala, para conversar.

Bébé, que suspeita de alguma coisa triste, escuta à porta. Entre muitas palavras, que não entende, ouve o médico mais velho dizer aos mais novos:

— Morre ao cair da folha...

No dia seguinte, de manhã, ninguém vê Bébé. Vão encontrá-lo no jardim, ao sol, com o bibe cheio de folhas secas, a apanhar do chão todas as folhas amarelas que caem das árvores.

— Que fazes tu, meu filho? — pergunta a mãe, chorosa.

— É para a Ninon não morrer...

(Desenho de Raquel Roque Gameiro Ottolini)



CORRIA o mês de Dezembro. E, naquela véspera do dia de Natal, na alta trapeira humilde, a mesma miséria, a mesma fome de todos os dias. Sempre a mesma penúria, a mesma sorte, a mesma fatalidade. E, no entanto, o pequeno João bem sabia que, naqueles dias, as casas tinham mais luz, as mesas mais pão e as crianças mais brinquedos. E que brinquedos tão lindos apareciam naqueles dias!... Vira-os nas mãos de rapazes, que tinham a idade que ele tinha. E, então, pela mente do pequeno João,

numa ância que o consumia, passaram, um por um, deliciosamente todos os brinquedos, que vira, que julgava mais perfeitos e que tanto ambicionava. Ah! Como seria feliz se tivesse, como eles, um automóvel que corresse, uma espingarda que desse tiros ou mesmo um cão que saltasse!...

E aquelas coisas, engraçadas, pequeninas e que tanto o atraíam, eram dadas pelo Menino Jesus. As crianças deitavam-se, dormiam soçoadamente; e, de manhã, era só ir à lareira e recolher aquelas coisas tão atraentes, tão apetecidas e que o Menino Jesus lá punha.

A noite avançava. Já os sinos tangiam, na torre da velha

igreja, chamando à missa do galo. Aquele som dos sinos, demorado, vibrante, tinha quebrado a monotonia da grande-noite, para recordar aos homens o nascimento de Jesus e a bondade de Jesus. Fôra numa noite como aquela que êle nascera, para iluminar o mundo e para suavisar o mundo, com a sua doce luz e com o seu amor. E, para comemorar o nascimento daquele que amara os mendigos, que curara os leprosos e tanto afagára as crianças, naquela noite fria, de Dezembro, a humanidade confraternisava,



que tanto prazer trazia, também o pequeno João se lembrou dos mortos. Na pequena cama róta, em que se deitou, junto da avó, a sua boa mãe veio-lhe ao pensamento, numa acerba saudade. É que ela era tão sua amiga... E, se ela fosse viva, talvez êle também tivesse brinquedos. E a consciência do que era, no mundo, naquela ocasião despertava: "Saíam brinquedos a tantos rapazes maus, e só êle não tinha um brinquedo. E, no entanto, êle era bom, nunca fizera



mal a ninguém. Seria por não ter pedido?... É que êle, até ali, ainda não tinha pedido.."

E, animado, cheio de esperança e como se já tivesse muitos brinquedos na mão, sem acordar a avó, levantou-se e seguiu, sem ruído, levemente, como se fosse uma pena, em direção à cozinha. E



DA ESPERANÇA

Um Natal

ali, na lareira húmida, junto da chaminé, ajoelha, põe as mãos e pede.



Áquela hora, a alegria era grande na cidade — naqueles que podiam ter alegria. Nos salões inundados de luz e de

prazer, e onde os manjares e os licores abundavam, era indiferente a chuva que, na rua, monotonamente caía. E enquanto ela, num ritmo enervante, às vezes violento, aumentava mais a tristeza daqueles que não tinham abrigo, nas ricas vivendas os grandes fogões crepitavam, ao mesmo tempo que, sob um ambiente quente, perfumado, crianças de cara rosada, traquinas, afogadas em veludos e desorientadas pelo mimo, em volta de árvores-do-Natal, alegremente davam saltos, batiam palmas e riam. Pois se tudo aquilo era para êles!... Tanto, tanto brinquedo!... E só o pequeno João se contentava com luz. E para ter um, um só que fosse, êle pediu, implorou, resolveu muito. De mãos postas, junto da chaminé, onde os lindos brinquedos apareciam, todo o seu pensamento voou, então, para o Menino que naquela noite nascia, tão terno, tão amoroso e que tão carinhosamente os dava. E enregelado, a tremer de frio, deixou a lareira húmida e deitou-se.

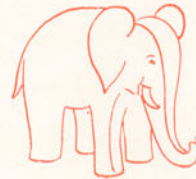
Ah! Como se é feliz, enquanto a desilusão não chega e a esperança vive!... Aquele pedaço de noite, enquanto não



À REALIDADE

sem luz...

adormeceu, foi para êle um dos momentos mais acariciadores da sua vida. É que êle convenceu-se. Pedira com tanta vontade, com tanto fervor, que devia ser atendido. Todo encolhido na palha negra, enquanto a chuva picava o telhado, ao mesmo tempo que nas paredes o forte



vento gemia, tóda a sua ingenuidade se deixava embalar por uma infinita alegria. Brinquedo teria êle, porque pedira, porque era pobre, porque resára muito. Mas que brinquedo lhe sairia?... E o seu pensamento, guiado por êste enorme desejo, percorreu, um por um, todos os brinquedos que conhecia. Iria ter uma espada, um cavalo de olhos grandes, um combóio muito comprido?... E se lhe saísse um navio?... Mas o que êle mais desejava era um automóvel, com *chauffeur* e tudo, e que corresse, corresse muito e desse muitas voltas. E, por fim, quando os galos já cantavam, a anunciar a madrugada, a imaginação, já cançada de tanto divagar, atraiu-lhe o sono e fê-lo adormecer.



Pouco dormiu. A branda claridade da aurora em breve o despertou, chamando-o à realidade. E, com a alma alvorada por aquele imenso desejo, saltou da cama, num pulo. É que o Menino Jesus, aureolado de luz divina, com o seu meigo sorriso e rodeado de anjos, já devia ter feito o seu caridoso giro, no mundo, para distribuir pelos pequeninos, como êle, coisas bonitas, cheias de encanto e que só êle sabia dár. E correu, então, à lareira, o coração oprimido, a transbordar de alegria e como se fosse atraído pela maior felicidade do mundo. Porém, a desilusão, que o esperava, sufocou-o. Foi como se as paredes daquela cozinha humilde tivessem aluído, para lhe esmagarem o corpo e tóda a sua esperança.



Na lareira negra, para onde a água das paredes escorria e onde a lenha poucas vezes ardia, só estava a esboroadada panela com que a avó, todos os dias, mendigava na rua a fria sôpa dos outros. E rompeu, então, em chôro. Os soluços, com que se detomóvel, com que corresse, corresse muito e desse muitas voltas. E, por fim, quando os galos já cantavam, a anunciar a madrugada, a imaginação, já cançada de tanto divagar, atraiu-lhe o sono e fê-lo adormecer.

Perante a curiosidade carinhosa da avó, contou então tudo: "Naquela manhã, apareciam para os meninos coisas lindas, muito lindas, junto da chaminé. Êle pediu, rezou muito; e, no entanto, para êle, nada na cozinha aparecera.."

E a boa avó afagou-o, acariciou-o, animou-o, tentando levar-

-lhe à alma a doce claridade do seu amor:

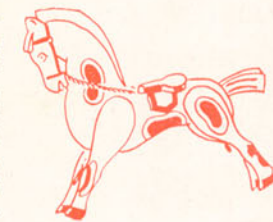
— Meu filho, meu pobre filho... É que tu não sabias que só aparecem essas coisas lindas, junto da chaminé, aos meninos felizes, ricos e que lá põem sapatos.

E enquanto a avó, tristemente calada e numa compungida resignação, se compadecia, por aquele desgosto do seu pequeno neto e que bem simbolizava tóda a nudez da sua miséria, como que se dava nele, na sua alma, uma revolta íntima por tudo quanto lhe sucedera. A par do pranto, que ia vertendo, aquele Menino Jesus, que êle tanto enaltecera, aparecia-lhe agora na mente menos bondoso e mais parcial. Não era aquele, enfim, o Menino amorosamente sorridente para todos e com quem êle tanto sonhára, naquele curto e agitado sono que acabára de ter. E esta idéia de que êle viera do céu, com grande côrte, aparatosamente, e como se fosse mandado pelas estrélas, que a todos dão luz, para só atender os ricos e não os pobres como êle, redobrou no infeliz João o chôro.

E, como se tóda a compaixão divina piedosamente colhesse aquelas lágrimas, enternecidamente abraçou a velhinha o seu pequenino neto.

Nesse abraço, a santa velhinha, poz todo o carinho da sua alma, como dizendo ao infeliz neto que a vida não é igual para todos... A felicidade nem só Deus, muitas vezes, a pode dár...

Apesar, porém, daquele afago, sentia-se agora o desiludido João mais triste, mais pensativo. É que êle era tão pobre, tão mísero, tão desgraçado, que nem sequer sapatos tinha, róticos que fôsem, para que pudesse também ter um brinquedo lindo, muito lindo e que êle tanto desejava...



NINGUÉM, como Jesus, sendo tão puro e tão santo, exerceu sobre a alma feminina um império tão cheio de amor e tão violento, como se por entre o ribombar dos trovões atroando as serras se escoasse uma suave melodia.

O respeito, o temor, a veneração, uma sensação indefinível de ternura, tudo junto, era o preito que Jesus recebia das mulheres que o conheciam, que tiveram a dita suprema de sentir pousar sobre elas a doçura do seu olhar calmo e tranqüilo, e é ainda o mesmo preito que, no deambular das épocas, as mulheres continuaram oferecendo à sua memória sempre viva nos corações.

Muitas mulheres fugiram do mundo e dos seus prazeres e vaidades, para consagrar-se unicamente à saudade do divino Nazareno, à saudade de tudo que dêle ouviram contar: do seu saber todo feito de generosidade e perdão, da sua vida tão curta em anos e tão inteiramente vida em sacrifício e martírio.

Que sortilégio de encantamento emanava dêsse Homem-Deus, para que até hoje ainda, tantos séculos volvidos sobre a sua morte, êsses efluvios não conseguissem dispersar-se nos turbilhões de maldade e de descrença que a miúdo sacodem a pobre humanidade!

Como mais persistente e mais sincera em amor, a mulher tem resistido melhor do que o homem às sacudidas da impiedade e ficou fiel à sua paixão pelo amante ideal que nunca a desiludiu nem lhe mentiu nunca.

Virgem ou pecadora, a mulher ama Jesus.

A esposa ultrajada, a noiva em mal de dúvida é a êle, ao eleito da sua alma, que se acolhem, chorando a sua dôr, e é êle que lhes restitue o esposo desencaaminhado e a confiança perdida.

A êste amante que só soube amar com o coração, mas que compreende a ira-queza humana e sabe perdoar, contamos nós nossas penas e nossos desejos de amor impuro que o nosso barro nos pede, e de seus lábios que não se abrem veem até nós palavras que suavizam nossas máguas e acalmam o cruciar do pecado.

*
*
*

Pregado no madeiro infame que o seu sangue purificou e tornou simbolo de misericórdia, Jesus não cessa de espalhar consolações e bênçãos àqueles que acreditam no seu poder divino e se entregam confiadamente à sua protecção.

De todos os bons espíritos que vivem no reino da Bemaventurança é Jesus o maior, o mais forte e o mais amado.

É o Senhor absoluto das almas e onde os outros fraquejam vence êle sempre.

Quando andava pelo mundo, dava vista aos cegos e limpava os leprosos das suas chagas.

A mão que impunha as curas maravilhosas desapareceu, sumiu-se no sorvedouro do nada, porque era mortal, mas o espírito que a comandava continua existindo e opera as mesmas maravilhas, se quizer, para quem souber crer e esperar, dentro dos limites das leis naturais.

J E S U S

e o amor de Madalena

Que ninguém perca nêle a sua fé, porque não lhe salvou da morte uma pessoa querida, apesar de muitas promessas e noyenhas.

Êle pode fazer impossíveis, mas não pode ir contra o que está marcado pelo nosso destino.

Quando chega a hora da partida desta vida temos que pôr-nos a caminho. Ninguém escapa.

Êle ressuscitou Lázaro, para assombro dos que dele duvidavam, mas Lázaro morreu mais tarde, porque Jesus não po-



Maria Madalena

dia subtrai-lo para sempre ao cumprimento da lei imutável.

Já me morreram dois filhos — os únicos que tinha — e eu creio em Jesus Cristo, como na primeira hora em que minha mãe me ensinou a rezar-lhe.

Eu tenho visto — e vós tôdos podeis constatar o mesmo, se tendes fé — que êle nos ouve sempre que não lhe pedimos coisas que vão contra os mandados de Deus ou que não fazemos a infelicidade de alguém, com a sofreguidão da nossa ventura.

*
*
*

Entre as mulheres que amaram Jesus, destaca-se Maria Madalena — a pecadora.

Rodeada de conforto e de luxo, tendo vivido só para o divertimento e para o prazer da carne, a linda amiga de Judas sentiu-se de repente desprendida de brocados e rendas e com a alma lavada de impurezas, logo que do varandim do seu palácio viu passar entre palmas e flores o Santo Redentor.

Deixou a côrte dos seus apaixonados,

poisou a taça do vinho capitoso que lhe molhava os lábios tão apeteçidos e correu, como tocada por varinha mágica, a acompanhar o côro dos louvores e súplicas que iam no rastro do Senhor.

Os olhos de Jesus, ao fitarem a janela de onde Madalena se debruçava curiosa, acenderam no peito da mulher de todos a luz divina da castidade, com um amor maior e mais intenso do que os amores que a trouxeram até ali sobre-saltada.

Este era um amor que a socegava e lhe dava uma sensação nova, a tranqüillidade de quem já nada mais quer nem deseja, o êxito absoluto de tôdas as aspirações,

Desprezando comentários e motejos, porque era uma perdida, Maria Madalena rojou-se no chão, ungiu os pés de Jesus com os seus óleos perfumados e envolveu-lhos nas ondas revoltas dos seus formosos cabelos.

Ninguém soube, nem saberá nunca, se nêsse momento Jesus se sentiu perturbado pelo veneno da volúpia que corroe a nossa carne.

E, mesmo que assim fôsse, a sua parte divina era tão superior à terrena que êle estrangulária o desejo apenas nascido.

Nada no seu aspecto mudou a expressão costumada de serenidade e unção celestial.

Com um gesto fraternal acariciou a cabeça da arrependida, ergueu-a e olhando-a bem nos olhos disse-lhe:

— Bem andaste em vir ter comigo. Nunca mais me deixarás, porque eu sou o teu salvador. Para o pecado não voltas mais.

E foi assim. A cortesã desfez-se de jóias e vestidos, abandonou galas e festas, e nunca mais largou Jesus.

Embuçada no manto negro das mulheres do povo, ninguém diria que ia ali a mulher fatal que seduzia pretores e magnates, que aquele estôfo grosseiro encobria o colo branco onde orotrora brilhavam as jóias de maior valia.

Ela seguia humilde e escutava embevecida a voz do Mestre que só aconselhava virtudes e boas acções.

Os seus pés mimosos rasgavam-se nos silvedos do caminho, mas ela não sentia a dôr, só a alma a dominava, e essa só via Jesus e a ela não chegava senão a doçura das suas exortações.

Maria Madalena, talvez a mulher mais manchada de pecados que passou pela terra, por muito amar Jesus, foi santificada, porque para amá-lo era preciso que o seu arrependimento fôsse sincero.

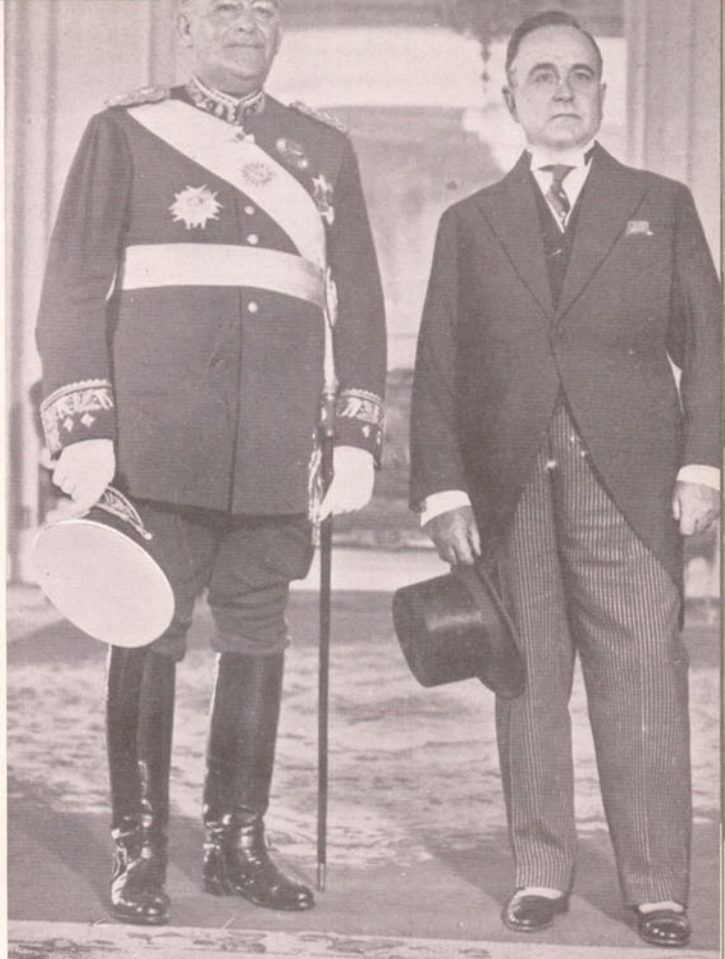
Foi a companheira da Virgem Maria na hora trágica da descida da cruz, em que a Mater Dolorosa recebeu nos braços o cadáver chagado do seu amado filho, que a injustiça dos homens matou.

Se Jesus Cristo é o amante ideal, que há-de ser sempre querido, enquanto houver na terra uma filha de Eva, Maria Madalena é o exemplo mais impressionante de quanto pode o amor espiritual, o amor divorciado da carne, que leva uma vendeeira de sensações, do tálamo do pecado à peanha dum altar.

NOTAS GRÁFICAS DO QUE VAI PELO BRASIL



JOSÉ SANTA (CAMARÃO) — O fugitivo português José Santa — o Camarão — chegou ao Rio de Janeiro, onde vai exhibir-se na Feira das Amostras, em combates de «box» com homens da sua grande «classe». Vive na Califórnia, onde casou com «uma senhora portuguesa, filha de açoreanos, e propõe-se encontrar novamente no «ring» o famoso gigante Carnera, hoje o «mpeço do mundo». José Santa, vê-se na fotografia, acompanhado de sua mulher, a bordo do «Pan-American», ao desembarcar no Rio, vindo de Hollywood, onde tomou parte em vários filmes



BRASIL E ARGENTINA — Teve um alto significado político a visita do presidente da República Argentina ao Rio de Janeiro. No palácio Guanabara fez-se a fotografia que acima publicamos, onde se veem os Chefes de Estado dos dois países



UMA EXPOSIÇÃO INTERNACIONAL EM 1934 — O Conselho de Turismo, do Rio de Janeiro, lançou as bases duma Exposição Internacional a realizar em 1934, no Rio de Janeiro. A reunião presidiu o sr. dr. Pedro Ernesto, que traçou as linhas gerais do grande certame.



A QUESTÃO DO CHACO — Passou pela capital carioca a delegação nomeada pela Sociedade das Nações, que vai estudar «in-loco» a célebre questão do Chaco. Na gravura, veem-se os membros da delegação depois dum banquete que lhe ofereceu o governo brasileiro



O «DESMEMORIADO» NO RIO — O célebre professor italiano Giulio Canela — que foi ferido nos Balkans durante a Grande Guerra e que se considerava morto — chegou ao Rio de Janeiro. Desfeita uma confusão, proveniente da sua aparência com um outro indivíduo, parreça que o levou a ter de cumprir uma pena que havia sido aplicada ao outro, partiu, com a esposa — que é brasileira — e com os filhos para o Brasil, onde vai fixar residência

(Serviço fotográfico do jornal "A Noite", do Rio de Janeiro)



Os sinos tocam, repicam as suas badaladas alegres na tarde fria. E todos com êles agora nos alegramos. É que há mil novecentos e trinta e três anos nasceu um menino numa cidade da Galiléa, e neste dia, em nossos meninos nos revemos como se nêles ainda estivesse o Salvador do mundo.

Foi há mais de vinte séculos. Um judeu do sul, ambicioso e sangüinário, de nome Herodes, sentava-se em Jerusalém, no trono que fôra do rei poeta David, que nascera em Betlém, e entoara num



seus cânticos, que ainda lá nasceria, do ventre de sua geração, o Cristo Senhor. Deus ali enviara o juiz Samuel ungi-lo soberano do seu povo, quando ainda ruivo pastorinho, olhava no monte as rêses de seu pai...

Depois os monarcas se tinham pervertido em seus serrallhos e, com seus tesouros sido pasto do inimigo que desterrara o povo para a Babilônia, lá onde as harpas se suspenderam dos salgueiros, e a voz do profeta Miquéias dizia: "E tu, Betlém, és pequenina entre as mil cidades de Judá, mas de ti há-de sair Aquele que apascentará o seu rebanho na fortaleza do Senhor!" Era ao tempo em que, na desmornada Sião, os ídolos profanos se ocultavam pelos bosques ao templo de Deus e, entre as suas lamentações, Geremias proclamava pelas ruas desertas: "Aí vêm os dias, diz o Senhor, em que suscitarei um rebento justo de David, e reinará um rei que será sábio, e haverá equidade e justiça sobre a terra!". Já antes, havia anos que, em plena degeneração pagã daquelas paragens santas, o caloroso Isaías dissera, contra a Síria inimiga, a rainha idólatra de Israel, e os reis e povo de Judá: "Pois por isto mesmo, o Senhor vos dará êste sinal: Eis que uma virgem conceberá e dará à luz um filho, que será chamado Emmanuel (que quer dizer Deus conosco)!"

Em vão. E a maldição do Senhor passara pelo país: no inverno límpido e estéril como um luar, quási se tinham secado os florescentes plainos do Jordão, ressequiam-se emmaranhadas as vinhas de Jericó, as oliveiras pareciam fantasmas ao abandono nos vales do Ebron, e inclinavam-se murchos de pena os brancos lírios de Salém; mas o povo, oprimido e tributário do estrangeiro, dava-se com ardor ao amanho da terra e das suas ninhadas, crente que duma destas nasceria o anunciado Messias, o Salvador do povo e da nação. E à noite, nos eirados, procurava uma entre as estrélas numerosas como a estirpe de Abraão. É que, havia já muitos séculos, quando seus avós, pastores errantes, voltavam do Egipto, acampando aqui e além com seus gados, Balaão, adivinho dum rei inimigo, voltára o rosto para o deserto e, vendo-os assim, dissera: "Que formosos são os pavilhões dos teus patriarcas, ó Jacob, e que belas tôdas as tuas barracas, ó Israel... Nascerá uma estréla de Jacob!" Era o mesmo luzeiro celeste, de que mais tarde o Profeta tinha dito: "As gentes andarão na tua luz, e os reis no esplendor do teu nascimento!"

Oh, e quando despontaria êsse astro no céu do Senhor?

Reinava pois em Jerusalém, vassallo de César, o devasso, famigerado Herodes, quando em Nazaré, na Galiléa, a oeste do sereno lago Teberíade e do monte

O MENINO DE BETLÉM

"Vimos no oriente a

sua estréla, e viemos adorá-lo.,,

(PALAVRAS DOS REIS MAGOS.)

Tabor, a plebeia Maria se casou com José, carpinteiro emigrado na cidade, pois que era descendente de David, caído em desgraça com o reino. E, à noitinha, quando ela ia entregar-se a seu espôso, eis que um personagem delicado, irradiante, surge à porta de sua humilde casa, e lhe diz numa voz de música: "Deus te salve, cheia de graça; o Senhor é contigo; bendita és tu entre as mulheres..." E ela



que fôra sempre recatada, singelíssima, tôda se perturbou com a saludação daquele estrangeiro radioso, mas êle logo lhe anunciou que ela teria de seu ventre virgem um menino a que poria o nome de Jesus, o qual seria filho de Deus. E, como testemunho do seu milagre, tinha sua parente Isabel que, em plena velhice, ia já no seu sexto mês, ainda por obra do Senhor.

Então, depois que o celeste mensageiro se evolou, Maria deu acção de graças, e, embrulhando-se no seu bioco, foi em peregrinação a Judá, à cidade em que residia Isabel. Mal que a viu entrar, a mãe de João Baptista sentiu grande regozijo em seu regaço cheio, e às palavras saudadoras do Anjo: "bendita és tu entre as mulheres..", juntou em sua saudação: "bendito é o fruto do teu ventre.."

E assim se fez a Avé-Maria.

A seu turno, o carpinteiro José furtou-se, mau-grado os zelos que sentiu, a

infamar desde logo sua mulher, como lhe consentia a Lei. Quedando só numa grande cisma por causa do afastamento dela, viu em sonhos um querubim que o aconselhava: "José, filho de David, não temas receber Maria, tua mulher: porque o que nela se gerou é obra do Espírito-Santo..."; e predisse-lhe o mesmo que à espôsa, a respeito da glória do menino. Porém, quantos em Israel não teriam



já tido êsse sonho, esperando-se de todos os regaços o Messias? Contudo êle José,— a-pesar-de pobre— um simples carpinteiro, era neto de David, de cuja ascendência, em que à face de Deus entroncára Maria, nasceria o Salvador; e de tôdas as promessas dos profetas que ouvira contar em sua casa de Bellém, recordava-se, talvez, daquela de Zacarias, acêrca do rei que era pobre e vinha montado numa jumenta: "Eu fortalecerei a casa de Judá, e salvarei a casa de José..." E não seria esta a sua humilde casa?...

Simplesmente, não era Nazaré, a cidade para que o trabalho o levára a emigrar, aquela que fôra profetizada para o nascimento de Cristo. E, entretanto José, tendo recebido sua mulher, e vendo avultar-lhe o péjo, andava incrédulo, movido de zêlos, quando um pretoriano marcial na sua veste e capacete de Roma, seguido por um escriba gentio, veio apregoar em Nazaré o édito em que o Imperador, sobe-

rano do mundo, mandava alistar tôda a gente, recomendando o escriba que cada um se dirigisse, não à comarca em que habitava, mas àquela que por direito de nascimento lhe incumbia.

E logo o varão da casa de David, se apressou a sair com sua mulher e atravessar com ela cuidadosamente a montanha, até Betlém, comarca da sua ascendência. Aí, ainda êle se deu pressa em alojar Maria, mas a estalagem estava repleta de gentio vindo como êles de longe, e indo por tôda a casa grande alariado em que se destacavam as discussões dos doutorais fariseus sobre a Lei, e as pragas dos publicanos, êbrios, esquecidos da sua autoridade, jogando os dados à maneira de Roma. Isto recordou, talvez, a José que o seu antepassado rei e poeta dissera que o Cristo se não encontraria na cidade, mas na sua selva; e acolheu-se com Maria a um estábulo onde, na noite frígida encontraram o aconchego da palha olorante e o bafo da transpiração dum gerico e duma vaca que mascavam pachorrontamente, e duma ovelha que baliu na obscuridade.

Então, no Oriente, em que se perdiam reinos desgarrados de outros mais poderosos mas vencidos, lá onde não tinham chegado as hostes de César, e ficára a tradição do tempo em que todos os homens eram pastores errantes guiando-se como os marítimos pelos astros, havia uns magos que soletravam os pronúncios do mundo, nas estrélas e mais signos do céu. Três dêsses vinham a ser reis, um de país tão distante que tinha a tez escura. E sucedeu que todos à uma, descobriram um estranho astro na noite, e deciframam que era o augúrio de que nascera o rei dos reis, Aquele a quem êles, a-pesar-de soberanos e magos, deveriam ir prestar vassalagem. Tomaram, pois, do seu melhor oiro, incenso e mirra, montaram nos seus camelos, seguiram o rumo daquela estréla e encontraram-se os três no deserto, a caminho da Judéa.

Na noite em que êles chegaram, no momento em que se revezavam os pastorinhos da comarca de Betlém, e eram portanto em maior número junto dos gados adormecidos e sob o testemunho do céu, *apresentou-se junto dêles um anjo do Senhor, a claridade de Deus os cercou de refulgente luz e tiveram grande temor.* Mas o anjo lhes disse: "Não temais, porque vos venho anunciar um grande gôzo, que também será o de todo o povo. É que vos nasceu na cidade de David, o Salvador, que é o Cristo Senhor. E êste é o sinal que vo-lo fará conhecer: Achareis um menino envolto em panos, e posto em uma manjedoura.. Dito o que foi, logo apareceu na deserção enluarada da campina uma multidão da milícia celeste, louvando na sua revoada luminosa: "Glória a Deus no mais alto dos



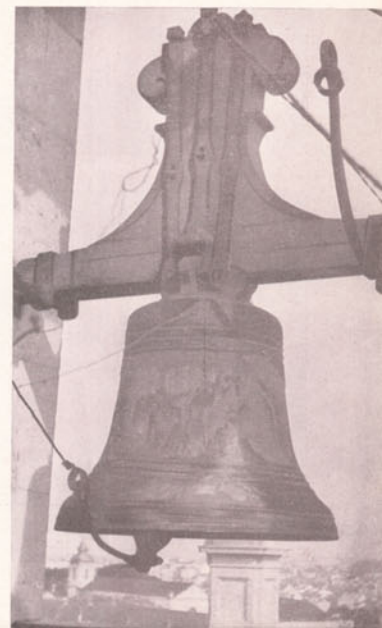
céu, e paz na terra aos homens a quem êle quiere bem.."

E os pastorinhos foram, e encontraram o que lhes fôra anunciado pelos anjos.

Isto se passou há mil novecentos e trinta e três anos, em Galiléa. E por isso os sinos estão tocando hoje, repicando as suas badaladas festivas na tarde fria de mais êste inverno.

Aleixo Ribeiro.

(Fotos de Carvalho Henriques)



REPORTAGEM GRÁFICA DO BAILE DO "AUTOMOVEL CLUB,"



CINEMA

AS "ESTRELAS"

na intimidade familiar

TRANSPORTADAS para o *ecran*, as "estrelas" perdem muitas vezes, aos olhos dos espectadores, o seu carácter humano, para assumirem o aspecto fantasioso de que a imaginação dos realizadores as reveste.

Esquece-se por êsse motivo, com facilidade, que muitos artistas abandonam na vida real a aparência ilusória em que a câmara cinematográfica os envolve para serem, muito simplesmente, chefes de família amoráveis e extremos. E êste não é por certo o menos interessante dos seus aspectos.

Por outro lado, um conjunto de circunstâncias, fàcilmente explicáveis, teceu em volta das figuras mais eminentes do cinema uma lenda injusta — a de que não pode haver amor feliz para os "astros" do *écran*.

A freqüência com que se noticiam casamentos e divórcios parece, à primeira vista, dar razão aos que assim pensam.

O lar norte americano não tem, na verdade, o carácter sagrado que reveste entre outros povos latinos. O matrimónio desfaz-se, sem cerimónias, para recomen-

çar uma experiência mal sucedida. Daí o afigurar-se, à nossa sensibilidade de meridionais, que o casamento reveste para os anglo-saxões um carácter frívolo, incompatível com a nossa noção do sentimento familiar.

Antes de mais nada, isto é devido a uma incompreensão de duas raças, distintas pelos seus caracteres e pela sua psicologia. Mas é também resultante dum êrro de perspectiva que convém corrigir.

No mundo do cinema, o divórcio não é, como alguns supõem, mais freqüente do que em qualquer outro ramo da actividade norte-americana. A percentagem de artistas que buscam nessa disposição legal a resolução dum problema afectivo não é, por certo, mais elevada do que a dos sapateiros e canalizadores de Nova York que procedem do mesmo



Nils Ashter inicia sua filha, Evelyn, na arte musical



modo. A única diferença é que, enquanto uns pertencem ao vulgo e passam ignorados, os outros vêem os seus nomes estampados nas parangonas dos jornais, com grande cópia de pormenores relativos às suas desinteligências domésticas.

Podem, com facilidade, citar-se numerosos exemplos de casais de artistas que terminaram com pouca felicidade as suas experiências amorosas. Em abono dessa teoria de que os actores não podem ser felizes no casamento, qualquer pessoa pode apontar os casos de Douglas e Mary Pickford, que acabam de se separar após uma longa existência em comum que era indicada como modelar em Hollywood; o de Douglas Júnior e Joan Crawford e tantos outros.

Mas o que a repetição dêstes factos faz esquecer é que existem muitos outros, inteiramente opostos, e em número suficiente para demonstrar a inconsistência da doutrina que nega aos artistas de cinema — e mais particularmente aos artistas de Hollywood, — a possibilidade de serem felizes no casamento.

Basta para fazer essa demonstração enumerar os lares

Karen Morley, a bela artista da «Meivros», é casada com o realizador Charles Vidor e mãe do garoto que a nossa gravura representa



Baby Le Roy, a criança prodígio que Chevalier revelou, festeja animadamente o seu Natal

tranquilos que à margem do cinema, insensíveis ao seu perigoso deslumbramento, vivem uma existência calma e aprazível. Ou melhor ainda, citar entre os mais gloriosos nomes do *écran* os que acima da sua profissão brilhante e sedutora põem a alegria inefável de serem pais.

Quisemos ilustrar estas páginas com alguns desses exemplos aproveitando a quadra que corre e é consagrada à Família. Muitos outros poderíamos ter escolhido, tantos êles são, se o espaço de que dispomos não fosse forçosamente limitado.

Entre os que seleccionámos vê-se, por exemplo, Nils Ashter, o galã sueco que Greta Gabo ajudou a impor e que longe da presença dos microfones e das câmaras de filmagem deixa de ser um sedutor perigoso para se tornar um pai dedicado e amoroso.

Outra que talvez mais supreende o leitor é Karen Morley, que a nossa gravura representa sustentando, com orgulho, nos braços um filho que é todo o enlevo da sua alma sensível e delicada. No *écran* ela é a mulher que assume todos os vícios e exprime todas as virtudes, capaz das maiores crueldades e das mais santas abnegações. Em casa é apenas a esposa carinhosa do realizador de cinema, Charles Vidor, e estamos certos que, se pensa na sua arte, é apenas através do marido e do filho, que ela já imagina talvez interpretando perante a máquina de filmar os grandes romances de paixão e amor.

John Barrymore que vemos ao lado de sua mulher, Dolores Costello, revê-se com orgulho e ternura no herdeiro do seu nome glorioso. Poucos são, decerto, os casais tão harmónicos e felizes. Um doce sentimento de amor os prendeu certo dia em que Barrymore reparou, ao atravessar o estúdio, numa figurante modesta a que

ninguém parecia ligar importância. Dolores Costello, que era essa figurante, mostrou-se digna das atenções do homem e do artista. Soube ser no lar uma esposa modelar e dar-lhe no *écran* uma colaboração elevada. Concluiu o que muitos ainda julgam impossível — ser mãe e ser artista. Descendendo ambos de duas gerações de actores igualmente ilustres é lícito perguntar que destino estará reservado ao herdeiro de dois apelidos que durante muitos anos encheram os cartazes do teatro e do cinema norteamericanos.

Outra gravura representa Virginia Bruce, hoje mulher de John

Gilbert, no mais atraente dos papéis que tem interpretado — o de mãe dum filho do grande actor.

Não é segredo para ninguém a dolorosa odisseia de amor de John Gilbert. Galã numa série de filmes de Greta Garbo, não soube resistir aos encantos fatais da formosa "estrela" sueca. Apaixonou-se por ela, e dotado dum temperamento romântico e fogoso declarou-lhe o seu amor. Mas Greta Garbo é insensível às paixões que desperta. Não cedeu aos arrebatamentos do pobre enamorado, não se comoveu com os seus queixumes doridos. Permaneceu fria e indiferente à labareda de paixão que ela própria ateara.

Se John Gilbert fosse um americano na mais completa aceção da palavra, o facto não teria importância. Mas o grande actor, embora nascido num combóio que rolava sobre o solo dos Estados Unidos, tinha a correr-lhe nas veias o sangue ardente dum meridional. Queimava-o a paixão impossível. E para a vencer, para abater a chama que ameaçava consumi-lo, decidiu casar-se com a actriz Ina Claire, já célebre no teatro, mas que no casamento com o

grande actor só buscava uma popularidade maior ainda.

Foi efémera a vida deste casal. A breve trecho separaram-se e pouco tempo depois um divórcio rematava essa união sem amor. Entretanto, o tempo ia passando. John Gilbert recuperava o domínio de si próprio. Foi então que encontrou Virginia Bruce. Não tinha os encantos pérfidos de Greta Garbo nem a sua sedução fatal, mas isso não impediu que se amassem. Há quasi dois anos casaram-se. E hoje tudo indica que o garoto que Virginia Bruce contempla amorosamente na nossa gravura trouxe a paz ao coração tão cruelmente experimentado de John Gilbert.

Outros a quem o destino negou a felicidade de serem pais procuram remédio a essa máguia, adoptando crianças em quem concentram os seus afectos. Harold Lloyd e Mildred Davis, por exemplo, viveram longos anos, sem que um ser pequenino, fruto do seu amor, viesse alegrar a sua residência sumptuosa. Adoptaram então a pequena Glória que conta hoje seis anos. Mais tarde, porém, o destino mostrou-se mais generoso e nasceu Harold Júnior. Era pequeno e débil, tão débil que para conservar essa existência que ameaçava desprender-se a ciência recorreu a todos os seus meios. Agora que o perigo está afastado, Harold Júnior cresce a par de sua irmã adoptiva, sob as vistas enternecidas do famoso cómico dos óculos.

Foi pelo mesmo motivo que Wallace Berry e sua mulher adoptaram a adorável garota que a última gravura destas páginas representa.

Podíamos prolongar esta lista que tende apenas a demonstrar a vitória do amor. Um exemplo, porém, nos bastará para convencer os cépticos. E êsse é-nos dado por Marlene Dietrich, a sedutora "estrêla," de que Joseph van Sternberg fez um símbolo de preversidade e fatalismo.

Marlene é casada e tem uma filha. Ao chegar à América os produtores cinematográficos, imbuídos desse singular critério do comerciante americano, pretenderam convencê-la a ocultar essa circunstância, para melhor assumir aos olhos da multi-



John Barrymore e Dolores Costello, no casal de grandes artistas, contemplam enleavado o seu, até hoje, unico herdeiro

dão um aspecto misterioso e fatal. Receavam êles que o público, conhecendo a verdade sobre a sua existência íntima, não visse nela a *vamp* mas sim uma mulher vulgar. Marlene recusou com obstinação e orgulho aceder a essas sugestões. Tinha uma filha e não a preocupava que o mundo o soubesse. A sua fama não subiu por isso menos alto.

Ultimamente, porém, a célebre artista fez mais. Como um dos seus filmes exigia que nêle figurasse uma criança, pediu e obteve que fosse escolhida para êsse fim sua própria filha. E dêste modo, a pequena Maria figurará ao lado da sua mãe no último filme desta actriz.

E que a Marlene tentadora e cruel do *écran* tem afinal orgulho de ser mãe e não receia que isso prejudique a sua popularidade.

Desde as primeiras idades do cinema que as crianças têm dado ao cinema uma colaboração tão variada como preciosa.

Na realidade o publico manifesta pelos actores de pouca idade uma simpatia evidente. Acarinhando-os, aplaude-os e admite de boa mente que sejam êles os personagens centrais dum filme. Tem-se visto em certos casos que um pequeno actor pode condensar toda a atenção do espectador eclipsando actores cuja popularidade não pode ser posta em dúvida.

Tal é o caso, por exemplo, de Baby Le Roy, o encantador garoto de «Beijos para todos», que inflige a Chevalier um sério revês quando aparece a seu lado nesta película.

O primeiro garoto que adquiriu fama universal através do cinema já o leitor sabe que foi Jackie Coogan. Com a sua profunda intuição, Charlot soube descorbrir nesse garoto o germe dum grande artista e explorar até ás suas últimas conseqüências o seu poder de expressão.

Após êsse primeiro filme realizado a par do genial cómico, Jackie Coogan tomou parte em muitas outras produções. Em mais nenhuma deu, porém medida mais completa do seu talento. E isto porque os realizadores não souberam manter nêle intacta a graça infantil que Charlot cultivara com tanto tacto e carinho.

«O Garoto de Charlot, deixou, de facto, nos muitos filmes que depois produziu, de ser uma criança na exteriorização natural das suas emoções simples e ingenuas. Fizeram dêle um grande actor. Obrigaram-no a interpretar as grandes dores humanas, a pensar e a sentir como um adulto. Privaram-no, portanto, da sua qualidade de criança, a mais preciosa de todas.

Semelhante tem sido o destino de muitas outras crianças actores. Este facto pode atribuir-se a uma noção errada do interesse dramático e fotogénico da infância. O cinema não tem

necessidade de prodígios, mas sim de crianças que expressem plenamente no *écran* os seus sentimentos primitivos e simples. Procurar extrair delas uma emoção dramática que é contrária à sua idade, é absurdo e perigoso.

Nêste, como em tantos outros pontos, se manifesta, claramente, a inteligente compreensão do cinema dêsse extraordinário precursor que é Mack Sennett. O seu bando de garotos conhecido pela designação de «A Pandilha» interprete no *écran* as mais fantásticas aventuras dum grupo de crianças irrequetas, maliciosas e ingenuas. Nada revela ali o artificio. Dir-se-ia a história verdadeira dum bando de rapazes de bairro pobre surpreendido pela objectiva no decurso das suas pitorescas façanhas, ocupados na realização dos mais absurdos inventos, travessos e decididos, sempre em cata de novas victimas para as suas inocentes diabruras, a que o «cão do monóculo» dá complacente colaboração.

Tal é sem dúvida a mais inteligente aplicação do talento histriónico das crianças. Não sofre contestação que muitos outros pequenos artistas têm alcançado uma celebridade invejável seguindo caminhos distintos. Sirvam de exemplo Jackie Coogan, Jackie Cooper e tantos outros. Mas estes para o fazerem, deixaram de ser crianças, tornaram-se prematuramente homens. E ainda que isso fôsse util sob um ponto de vista artístico, seria, sem dúvida, para êles próprios, singularmente perigoso.

O pintor romeno Jean Negulesco encontra-se actualmente na América onde é muito apreciado. Tem sido muito comentada a sua apreciação de Miriam Hopkins que êle considera uma «Gioconda 1933».

Negulesco justifica esta qualificação dizendo que, embora Miriam Hopkins seja loura, possui as duas qualidades essenciais que distinguem a Gioconda: um sorriso ambíguo e olhos indescritíveis.

Por iniciativa de Irving Thalberg a «Metro» vai pôr em cena o romance «A boa terra» da escritora inglesa Pearl Buck. A acção desta obra passa-se na China e Thalberg anunciou a intenção de o fazer interpretar, não por «estrelas», mas por verdadeiros chineses e com diálogos em chinês. Eis como êle explica as razões dessa decisão:

Wallace Beery — o conhecido artista — e sua mulher concentram as suas afeições nesta adorável filha adoptiva



Virginia Bruce, esposa de John Gilbert, familiariza seu filho com as lentes fotograficas

— Com os filmes silenciosos sempre dispensamos o diálogo. Porque não havemos de fazer agora o mesmo? Alguns subtítulos ou um comentador que dirá por vezes algumas palavras em inglês serão suficientes. A história será contada em imagens. Há na intriga tanta humanidade, tanta profundidade e tanta verdade que não vejo motivo para o filme não comover.

Como oportunamente noticiámos «O homem invisível» um dos mais famosos romances de H. G. Wells, foi adaptado ao cinema. O famoso autor, que é, a justo título, considerado o génio da raça anglo-saxónica da nossa época, disse referindo-se a essa adaptação cinegráfica que a considera impecável.

Todos os grandes movimentos sociais e da política internacional têm a sua repercussão no cinema, o que é, de resto natural, visto que êste constitue cada vez mais um reflexo do Mundo.

Assim o reconhecimento do governo sovietico pelos Estados Unidos está já produzindo os seus frutos.

A Columbia anuncia a proxima apresentação dum filme intitulado «Praça Vermelha», extraído dum romance de Ilya Ehrenburgo. Lewis Milestone que foi encarregado da realização está na Rússia com os seus operadores.

A «Fox» tem em preparação mais um filme sobre a guerra que terá sobre a maior parte dos anteriores a vantagem de ser feito com trechos de filmes existentes nos arquivos dos Estados beligerantes. As reconstituições que foram consideradas indispensáveis obedecerão a um grande escrupulo de realidade e feitas de acôrdo com as fotografias da época.

Mary Pickford deve partir depois do Natal para Inglaterra, onde vai segundo diz realizar um filme, para o que já entabulou negociações com as empresas dos grandes estudos londrinos.

Há meses que a celebre actriz procura um argumento sem que até agora se tinha decidido a fazer a sua escolha.

Sabendo-se que Douglas Fairbanks se encontra há tempo em Inglaterra há quem veja nisto o pretexto para uma aproximação que pusesse termo à longa separação dos dois cônjuges.



VIDA ELEGANTE

A caridade

«FESTA INFANTIL»

Nos salões nobres do Automovel Club de Portugal, gentilmente cedido pela direcção desta aristocratica agremiação, realiza-se na tarde do dia 28, uma interessante festa infantil de caridade, cujo producto se destina a favor da Casa de Protecção e Amparo de Santo Antonio, levada a efeito por uma comissão de senhoras da nossa primeira sociedade, de que fazem parte D. Ana de Lima Mayer de Carvalho, D. Alix Maury de Melo, D. Clari-se de Freitas Lomelino de Sousa Guimarães, condessa de Murça, D. Helena Mauperrin dos Santos Ferrão de Castelo Branco, D. Izabel de Melo de Almada e Lencastre, D. Maria do Carmo da Cunha Corrêa de Sampaio, D. Maria Izabel d'Orey Corrêa de Sampaio, D. Maria da Luz da Camara d'Orey, D. Mercês Bianchi Plantier e viscondessa de Atouguia, que decerto irá marcar pela elegante animação.

Ceias do fim do ano

«NO AVIZ HOTEL»

A noite do fim do ano será este ano festejada no Aviz Hotel, o novo ponto de reunião da nossa aristocracia, com uma festa brilhantissima, que constará de «ceia dançante», para a qual já estão marcadas grande numero de mesas das principais familias da nossa primeira sociedade.

Estamos certos que nessa noite o salão de mesa do Aviz Hotel oferecerá um aspecto verdadeiramente encantador.

«NO CASINO ESTORIL»

Como nos anos anteriores haverá no salão do restaurante do Casino Estoril, a tradicional «ceia do fim do ano», sendo de esperar que seja ali que as principais familias da nossa sociedade

elegante de Cascais, Estoril e Sintra, dêem ponto de reunião.

«NA SERRA DA ESTRELA»

Um grupo de senhoras e rapazes da nossa melhor sociedade, verdadeiros apaixonados de «Ski», resolveu organizar uma interessante excursão á Serra da Estrela, levando a efeito no magnifico abrigo do «Ski Club de Portugal», nas Penhas da Saude, a «ceia do fim do ano», que decerto irá marcar pela elegância e originalidade.

Todos os esclarecimentos se dão na séde provisória da delegação em Lisboa do elegante clube, á rua do Arco, telefone norte 2424.

«NAS BELAS ARTES»

No vasto «hall» da Sociedade Nacional de Belas Artes, realiza-se na noite do fim do ano, a tradicional «ceia do fim do ano», que será abrilhantada por uma eximia orquestra «jazz-band», estando o serviço das «ceias» a cargo da conhecida pastelaria «A Garrett».

A inscrição para esta festa faz-se pelo telefone norte 1.850, ou no restaurante «A Garrett», sendo o preço da ceia, incluindo vinhos de Colares e Porto, de 60\$00 escudos e só entrada no «hall» sem direito a ceia 20\$00.

No Automóvel Club de Portugal

Organizado por uma comissão composta das sr.^{as} D. Haydée Toledano Esaguy, D. Maria Bento de Pantoja Soares, D. Maria Fleurisse Andrade Sand, D. Symy Toledano Esaguy, e os srs. Alberto Toledano Esaguy, dr. Augusto Toledano Esaguy, Fernando de Sousa, e Moysés Benarus Anahory, realiza-se, amanhã, 17, nos salões nobres do Automóvel Club de Portugal, um «chá dansante», que será abrilhantado por uma orquestra «jazz-band».

Casamentos

Realiza-se na capela do Palácio dos srs. Condes das Alcaçovas, á rua Eugénio dos Santos, que se encontrava artisticamente engalada de flores e lumes, o casamento da sua gentil filha D. Izabel Maria, com seu primo o sr. D. João Maria de Lancastre, filho da sr.^a D. Maria Emilia de Oliveira Calheiros de Lancastre, já falecida e do sr. D. Sebastião de Lancastre.

Foram madrinhas as irmãs da noiva sr.^{as} D. Maria de Lancastre de Almeida Garrett e viscondessa de Taveiro, e padrinhos os irmãos do noivo srs. D. Francisco e D. Sebastião de Lancastre. Celebrou o acto religioso o reverendo prior de S. José, dr. José Alves Lirio, que no fim da missa fez uma brilhante alocução. Sua Santidade dignou-se enviar aos noivos a sua benção.

Terminada a cerimónia religiosa, foi servido um lanche na sala de jantar da aristocratica residência. A mesa ostentava um valiosissimo centro em bronze, verdadeira reliquia. Os noivos partiram depois para o Estoril-Palácio-Hotel, onde foram passar a lua de mel, seguindo dali para Nice, onde fixam residência.

Em S. Sebastião da Pedreira realizou-se o casamento da sr.^a D. Celeste Duarte de Almeida, filha do sr. João de Almeida, já falecido, e da sr.^a D. Amalia Duarte de Almeida com o sr. dr. Fernando Eduardo Neves e Carmo, filho do sr. coronel Bruno do Carmo e da sr.^a



Os noivos — sr.^a D. Isabel Maria Henriques de Lancastre (Alcaçovas) com seu primo sr. D. João Maria Calheiros de Lancastre — após o seu casamento

D. Palmira das Neves e Carmo. Serviram de padrinhos da noiva a sr. D. Herminia Cunha e o sr. general Vasconcelos, representado pelo sr. dr. Miguel Trancoso e do noivo, a sr. D. Albertina Trancoso e o sr. visconde de Olivá.

Os noivos partiram para Mossamedes. — Na paróquia de S. Sebastião da Pedreira, realizou-se com muita intimidade, o casamento da sr.^a D. Maria Clementina Ermida Pereira, filha da sr.^a D. Alice Ribeiro Ermida Parreira já falecida e do nosso colega na imprensa sr. José Parreira, com o sr. António Duarte Meira, filho da sr.^a D. Maria Duarte Meira e do sr. Artur Costa Meira.

Serviram de madrinhas as sr.^{as} D. Ana Ermida de Mendonça, tia da noiva e D. Júlia Adelina de Mendonça e de padrinhos os srs. Raul Ermida Parreira, irmão da noiva e dr. João Artur Duarte Meira, irmão do noivo.

Finda a cerimonia religiosa, foi servido na residência do pai da noiva, á Avenida 5 de Outubro, um finissimo lanche da «Benard».

— Sendo celebrante o reverendo prior da freguezia, Monsenhor Gonçalo Nogueira que no fim do acto fez uma brilhante alocução, realizou-se na paróquia de Santa Maria de Belem, o casamento da sr.^a D. Celeste Augusta da Costa Louceiro, filha da sr.^a D. Elisa Celeste da Costa Louceiro tenente da Guarda Nacional Republicana sr. Manuel António Louceiro, com o sr. Ruben Osório Campas, filho da sr.^a D. Júlia Osório da Cruz Campas e do sr. Francisco de Sousa Ferreira Campas.

Foram padrinhos por parte da noiva seus tios a sr.^a D. Cezaltina Amelia da Silva Carmona e Costa, filha do Chefe do Estado sr. general Carmona e o capitão da Administração Militar, sr. Antonio José da Silva e Costa, ajudante do Presidente da Republica e por parte do noivo seus pais.

Terminado o acto religioso, foi servido na elegante residencia dos pais da noiva um finissimo lanche.

Bôdas de prata

Festejando as bôdas de prata, vinte e cinco anos de casamento, da sr.^a D. Greta Cast Seixas e do sr. Ernesto Seixas, ofereceram o sr. Harting e esposa, no Aviz Hotel, um esplendido jantar, ao qual foram convivas além dos homenageados os srs. Weinstein, Cast e esposa, D. Vera Cast Seixas e Jorge Cast Seixas.

D. Nuno.



O casamento da sr.^a D. Celeste Duarte de Almeida com o sr. dr. Fernando Eduardo das Neves e Carmo

O monumento a António José de Almeida

«Maquette» do escultor Diogo de Macedo e do arquitecto António Varela, que foi seleccionada

ESTÃO já aprovados "em primeiro grau," três, dos vinte e três, projectos apresentados ao concurso para o monumento que vai ser erguido ao grande tribuno republicano António José de Almeida. O júri que fez a selecção, foi presidido pelo sr. dr. Caetano Gonçalves, juiz do Supremo Tribunal e íntimo amigo do falecido presidente da República. Dele fazem parte os srs. engenheiro Bêlard da Fonseca; architectos Adães Bermudes, Santana e João Piloto; pintor Ezequiel Ferreira; tenente-coronel José Maria Freire e capitão Fernandes Soares. As "maquettes," aprovadas pertencem a Diogo de Macedo (escultor) e António Varela (arquitecto), a Simões de Almeida (escultor) e Tertuliano Marques (arquitecto) e a Leopoldo d'Almeida (escultor) e Pardal Monteiro (arquitecto). Uma ideia rápida dos três projectos:

O de Diogo de Macedo e António Varela:

"Partido," horizontal. Base ampla. No cimo, uma figura da República, alada; numa das mãos, uma bandeira que se desfralda ao vento; noutra, um gladio. Em baixo, no sopé do plinto, a figura, de bronze, do apóstolo e do tribuno, gesto a rimar em movimento com o da estátua superior. Dois baixos relevos, um de cada lado. Neste, a inscrição: "Pela Liberdade — Coimbra, 1890.". Naquele: "Pela Pátria — Lis-



O projecto de Leopoldo d'Almeida e Pardal Monteiro foi também preferido pelo júri entre os vinte e três concorrentes



O trabalho apresentado por Simões de Almeida e Tertuliano Marques, que também foi classificado em primeiro grau

boa, 1919.". Na face da rectaguarda estão inscritos os factos mais notáveis da vida pública do dr. António José de Almeida.

O de Simões de Almeida e Tertuliano Marques:

"Partido," vertical. O pedestal é facetado, e em bloco de espesso recorte. Encima-o, a figura da República apoiada no escudo da Pátria. O vulto do dr. António José de Almeida, junto ao pedestal, está animado por um dos seus gestos de orador entusiasta. Dois baixos relevos, no sopé da coluna, consagram o Exército e a Marinha de Portugal. Uma escadaria espraia-se, larga. O conjunto architectónico é impressionante. Na rectaguarda, sôbre a plataforma, arde, em pedra, a pira da glória.

O de Leopoldo d'Almeida e Pardal Monteiro:

"Partido," vertical. O pedestal é circular. Cerca-o uma plataforma, circular também, para onde ascendem alguns degraus. Domina o conjunto uma figura da República, serena, hierática, a apoiar no escudo da Pátria. É sôbre esse escudo que ressalta a figura do antigo Presidente, em bronze, integrado na expressão do



vulto dominador, que o abriga, o inspira, o exalta. Três baixos relevos, quasi na base da coluna redonda, lembram três fases da sua vida: de tribuno, de chefe de Estado, de propandista da entrada de Portugal na Grande Guerra.

Foram ainda classificados, obtendo vários prémios de 500 e 400 escudos, vários artistas que enviaram "maquettes," ao concurso.

Daqui a três meses o júri voltará a reunir e decidirá qual dos três projectos servirá para a construção do monumento.

O que foi a "Grande Noite de Lisboa"

organizada pelo
Grémio dos Artistas Teatrais
e pela
Caixa de Previdência
dos Profissionais da Imprensa



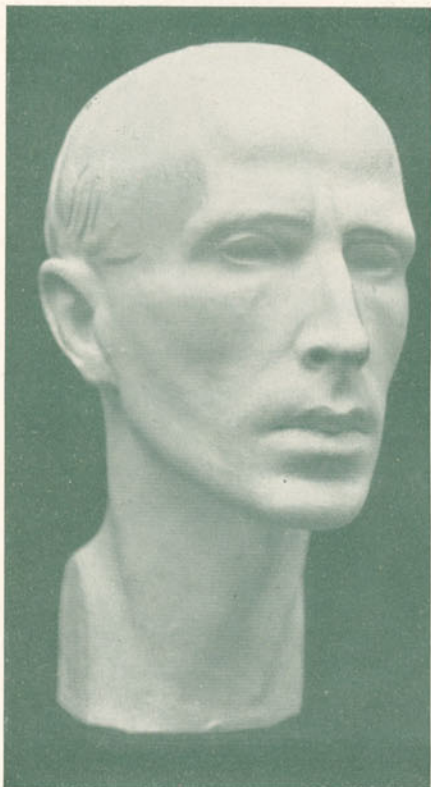
Aspectos que ofereciam várias mesas do «Maxim's» durante a exibição do grupo de actrizes e «girls» do Teatro Variedades. Ao alto, veem-se as grandes artistas Adeline Abranches e Lucília Simões, o actor Erico Braga e o bailarino Carlos Lisboa

Com um programa deslumbrante, mas só em parte cumprido, efectuou-se no «Maxim's», no último sábado, o festival que o Grémio dos Artistas Teatrais e a Caixa de Previdência dos Profissionais da Imprensa organizaram com o nome de a «Grande Noite de Lisboa». Nele tomaram parte alguns dos nossos primeiros artistas do teatro musicado. O número de maior sucesso, que a assistência aplaudiu com calor, foi o executado pelas actrizes e «girls» do Teatro Variedades, com Luiza Satanela à frente. Nele tomaram parte, além desta brilhante vedette, as seguintes artistas: Maria Sampaio, Irene Izidro, Maria Alvarez, Maria Cristina, Fernanda de Sousa e Lúcia Mariani. O programa foi elaborado por Erico Braga, consagrado animador destas festas, a quem se deve mais uma noite de arte, de elegância e de bom gosto. Dançou-se animadamente até de madrugada ao som de 3 orquestras.



O "Salão dos Independentes"

A CABADA a romagem ao longo das paredes do grande salão da Sociedade Nacional de Belas Artes, onde se mostram muitas obras notáveis de alguns dos nossos artistas modernos, fica-se ainda com o desejo de peregrinar de novo diante de cada quadro e de cada estátua. Voltamos então a colher beleza, numa obstinada insatisfação, saindo da vida por sendas de emotividade estética. E os nossos olhos, comandados por uma simpatia tão raciocinada como justa, puxam-nos, depois, para um dos ângulos



Busto de Lacerda de Almeida

por António Duarte

cimeiros, onde os trabalhos de Jorge Barradas continuam sendo os primeiros na nossa admiração.

Jorge Barradas, o pintor mais categorizado, neste Salão dos "Independentes", pelo valor iniludível da sua personalidade, pela técnica e pelo desenho, apresenta-nos algumas obras que afirmam e sustentam um dos seus maiores triunfos. "Barcos", por exemplo, é a sua grande vitória de descobridor da alma das coisas que envelhecem carregadas de almas humanas. "Composição", é o seu trabalho primoroso, o difícil vencido pelo poder plástico, com categoria de tela definitiva. E, onde o génio pictórico de este enorme artista se apresenta amplamente, é no grande quadro, "Paisagem Tropical", em muito boa hora adquirido pelo Estado. Barradas fez deste quadro,

obedecendo a um perfeito culto de pormenores, a apoteose única da selva, levando-nos a ver e ouvir, se assim se pode dizer, o batuque verde das ricas e imensas paisagens desconhecidas.

Além de Jorge Barradas, que está justamente no *salon* deste ano com a primeira das classificações, e que é a classificação que lhe compete, outros artistas se nos apresentam, em inéditas fases da sua maneira artística, fazendo-se notar entre os melhores do nosso tempo.

Fixamos, agora, antes de mais nada, o artista Fred Kradolfer, pintor de transparências primaveris, que parece adormecer as suas obras no perfume dos jardins. Todos os seus trabalhos, admiráveis de sinceridade, são canções altas da verdadeira vida.

Carlos Botelho, que é o nosso pintor moderno de maior representação dramática, aproxima-se de assuntos espinhosos com a suave delicadeza de um poeta romântico. Adora, ou profere tratar, as árvores cobertas de neve, as casas e os caminhos tristes, o céu e os longes baços da morte e do desconhecido. As obras de Botelho são tôdas para ver e para pensar. Raras vezes aproveita e acompanha o sol, essa mentira generosa da natureza. Fica-se, debruçado em silêncio, a ver o mundo embaçado em neve, sempre a caminho da morte, sempre a caminho da libertação. Botelho, como pintor, é uma grande revelação para um grande país.

A representação pictórica, neste salão, tem ainda outros nomes, alguns até galardoados pelo Estado, que formam sómente os "grupinhos dos senões", infalíveis em qualquer certame artístico.

Acima destes, em plano honroso e visível, onde chegaram há muito, encontram-se Abel Manta e Lino António, dois artistas da nossa época que seriam já consagrados, com uma reputação universal, se tivessem enviado os seus trabalhos a um grande *salon* de qualquer grande capital.

Abel Manta apresenta-nos uma única figura: o retrato do jornalista Luiz Teixeira. Estudo sóbrio; o exterior traçado com estreita parecença, o interior apreendido no olhar penetrante do modêlo. E Lino António, tão apaixonado da côr e da curva, mostra-nos as suas figuras estranhas, amassadas em vida e em sonho, com os pés no mundo e com os olhos sempre a caminho do céu.

Na escultura, pouco mas bem representada, destaca-se, primeiro, António Duarte com um busto do grande matemático Lacerda de Almeida. Esta obra foi largamente estudada. Cabeça delicada, serena e atulhada de saber humano. António Duarte, com este seu trabalho passou adiante de si mesmo, ou melhor, passou além dos seus trabalhos anteriores.



Paisagem africana

por Jorge Barradas

O nome de Rui Gameiro, que é o nome dum escultor, fixa-se, não só por agora, mas para sempre, com a sua "Figura Decorativa", sonho raro de beleza tornado em realidade num genial instante de poder criador.

António da Costa, com um "S. Francisco de Assis", de grandes proporções e de transparência cristã, fica onde já se encontrava, na certeza e na admiração de todos nós. E Hein Senk, cultor duma religiosidade silenciosa, com suas figuras de expressão distante, surpreende até à penetração dos tempos, obrigando-nos a admirá-lo demoradamente.

A arquitectura, em pequena representação, com os nomes de Jorge Segurado, António Varela, Veloso Reis e Francisco Amaral, destaca-se no estilo das artes decorativas e da elegância de linhas.

E, muito embora não se haja imposto por "arrojos modernistas", o Salão deste ano, quasi modesto, é um certame simpático de que se trazem, dum modo geral, boas impressões.

Guedes de Amorim.



Manhã de inverno

por Carlos Botelho

FIGURAS E FACTOS



O «PREMIO RICARDO MALHEIROS». — Uma comissão de académicos encarregada de atribuir o premio litterario «Ricardo Malheiros» para 1933, composta dos srs. drs. Alfredo da Cunha, Eugénio de Castro, Queiroz Veloso, Barbosa de Magalhães e Joaquim Leitão conferiu-o, por unanimidade de votos ao livro «As três mulheres de Sansões de Aquilino Ribeiro, obra — segundo o parecer apresentado — «reveladora dum notável talento litterario, de qualidades superiores de imaginação e linguagem e original de um escritor que enriqueceu e honrou, num labor já vasto as letras portuguezas». Aquilino Ribeiro foi há dias recebido na Academia das Ciências, onde lhe foi entregue pelo sr. dr. Julio Dantas, entente homem de letras e presidente daquela douta instituição, a quantia de seis mil e quinhentos escudos, que constitui o premio «Ricardo Malheiros». Assistiram à cerimonia, que, apesar de simples, decorreu com elevação e brilhantismo, muitos académicos. Usou da palavra o sr. dr. Julio Dantas, que fez a historia do premio legado por Ricardo Malheiros e elogiou a obra de Aquilino Ribeiro — obra notável e que é uma das mais belas expressões da lingua portuguesa. O autor de «As três mulheres de Sansões» após ter recebido o premio, agradeceu em simples mas expressivas palavras a homenagem de que fôra alvo. Antes de falar, Aquilino Ribeiro descreveu o retrato de Ricardo Malheiros, devido ao pincel do falecido artista António Carneiro. Na gravura que publicamos, vêem-se além dos srs. dr. Julio Dantas e Aquilino Ribeiro, os académicos srs. drs. Queiroz Veloso, Cunha Gonçalves, e coronel Ferreira Lima.



A MORTE DO NUNCIO APOSTOLICO EM LISBOA. — Em Genova, onde se encontrava, faleceu monsenhor Bela Cardinall, Nuncio Apostólico de Sua Santidade junto do governo portuguez. A sua morte causou a maior consolação no nosso meio religioso.



NO CASINO DO ESTORIL. — Os membros do I Congresso de Clubs Desportivos reuniram-se, no Casino do Estoril, num banquete. Presidiu o sr. Raul de Oliveira, director do Os Sports — a quem o ministro da instrução agradeceu com a Oracão da Instrução — e tomaram parte sessenta conjujos. Ao champagne falaram varios congressistas. Todos elles se congratularam pelo modo como decorreram os trabalhos do Congresso, fazendo votos pelo êxito dos seus principais objectivos.



O 1.º CENTENARIO DO CÓDIGO COMERCIAL DE FERREIRA BORGES. — Na Academia das Ciências comemorou-se, com grande brilhantismo, o primeiro centenario do Código Commercial de Ferreira Borges. Presidiu o sr. dr. Julio Dantas, illustre presidente da Academia, que deu a directa aos srs. drs. Manuel Rodrigues, ministro da justiça e Pedro José da Cunha e a esquerda aos srs. drs. Caeiro da Mata, ministro dos estrangeiros e Joaquim Leitão. Pronunciou um discurso notável o sr. dr. Julio Dantas, tendo feito o elogio do Código e do seu autor o sr. dr. Barbosa de Magalhães. Depois falaram os académicos srs. drs. Cunha Gonçalves e Bento Carqueja. Na fotografia vêem-se as principais individualidades que assistiram à brilhante sessão solene.



A VITÓRIA DO DESPORTO

A chuva meúda, batida pelo vento rijo da barra, cai obliquamente, numa poeira penetrante e teimosa. O céu uniformemente acinzentado, parece um vasto vidro despolido reflectindo sobre o Estádio uma luz baça, que não faz sombras.

Em volta do terreno central, esponjoso e espesinhado, um largo anel escuro de gente rumoreja e agita-se, impávido e estóico sob o aguaceiro aborrecido, semeado apenas aqui ou além de cogumelos negros dos chapéus de chuva abertos.

Por detrás da multidão esfumam-se os horizontes, distinguem-se manchas escuras de árvores e cubos esbranquiçados de algumas casas. No centro do aglomerado, os postes das balizas erguem para o céu seus magros braços implorativos e, no tópo sul, o quadro negro do marcador brada em letras brancas:

Espanha — 7.

Portugal — 5.

Disputa-se o primeiro jôgo ibérico de rugby. Os espíritos agitados dos milhares de espectadores vivem a incerteza do descanso regulamentar. O que trará a luta, que em breve vai recommençar?

No extremo da bancada, no degrau superior Joaquim Saldanha, a aba do chapéu descida sobre a frente, o impermeável bem abotoado e de gola levantada, fixava os olhos no campo enlodado e revolto pelo espesinhar das formações e onde, minutos antes, seguira ansioso as evoluções do filho.

A saúde imensa com que ele via tudo aquilo!

Passára inglôriamente a sua época e outros colhiam agora da multidão os aplausos que ele semeára, e no olhar embaciado, húmido, — seria da chuva, seriam lágrimas? — perpassava-lhe a visão dos tempos revolutos, dos seus tempos.

Parecia-lhe divisar, agitando-se no terreno, vultos mal definidos, fantasmas da sua imaginação, outros jogadores animados da mesma fé, mas que nunca haviam conhecido aquele feroz incentivo da população entusiasmada; e no meio dêles, um outro Joaquim Saldanha, que ele conhecêra havia trinta anos, dirigia os ataques, organizava a defêsa, enchia com a magnífica actividade da sua juventude ardente todo o campo da luta. Fôra ele a alma do rugby português quando esse jôgo era apenas praticado em Lisboa por um pequeno núcleo de apaixonados; escrevendo e falando fôra o apóstolo do novo deus, e tinha combatido, enquanto as forças lho haviam permitido. Vira com satisfação o incremento rápido que tomava a sua idéa, seguira depois com orgulho a popularidade sempre crescente que fôra envolvendo o novo jôgo.

Pouco afeito a burocracias desportivas negára-se a assumir qualquer cargo dirigente quando os anos o tinham afastado definitivamente da prática, e agora, naquele dia de primeiro encontro internacional que coroava a sua iniciativa, contentava-se sendo simples espectador anónimo na massa das gentes, o coração a reventar de saúde, a alma invadida de íntimo regozijo.

O rugby era para ele um segundo filho que criára através de mil dificuldades e via agora no pujante florir da mocidade; um segundo filho ingrato e emancipado do seu carinho como o outro, o verdadeiro... Mas não é lei do mundo

quererem os pais com mais entranhada ternura aos filhos que mais desgostos lhes causam?

Também o seu João lhe fugira, o trocára sem hesitações pelos primeiros olhos negros de mulher que o haviam fascinado, e no entanto ele ali estava perdido na bancada, sentindo-se o primeiro, o mais rico de todos os presentes, porque tinha êsse filho selecionado no grupo nacional.

Como era cruel, a vida! Recordava ainda a loucura com que vira nascer aquele filho, os projectos que sobre ele architectara; afeiçoara-o de pequenino às suas próprias paixões e, quando tinha encontros a jogar, levava consigo o garoto, infiltrando-lhe por todos os modos no espírito o culto pelo rugby.

Orientara-o segundo um critério seu, para a suprema especialização desportiva; assistira ao desabrochar, no rapaz, das suas próprias qualidades de atleta ágil e possante; e quando, aos dezóito anos, o pôs a seu lado num primeiro treino, maravilhou-o a natural intuição com que assimilava a técnica do jôgo.

— Filho de peixe... pensava desvanecido.

Depois, puzera-o no grupo jogando a seu lado e, durante tempos, a linha de três quartos tivera na asa dos Saldanhas, o pai ao centro, o filho à ponta, o mais perigoso elemento ofensivo.

Um dia estalára de surpresa a bomba. O filho, que ele há tempos estranhava, mais arredo, menos expansivo, entrando aquela tarde no seu escritório e dizendo-lhe, entre frases de rodeio mas com firmeza, a decisão de largar os estudos, arranjar emprêgo onde ganhasse a vida para casar com uma rapariguita com quem vivia há meses e que afirmava haver possuído pura e ser a mu-

lher da sua vida. Joaquim Saldanha explodira; impulsivo de temperamento, autoritário, inflexível nos seus princípios de disciplina familiar, bramára apoplético contra o que chamava a aberração do filho; acusou-o de vítima de uma intrigante velhaca e proibiu-o de tornar a ver essa mulher. O João ouviu tudo em silêncio, cabeça baixa, olhos fixos, mas cada vez mais vindicadas na testa duas rugas de decisão; e quando o pai findara, pontuando com dois murros na secretária, a indignada interpelação, ergueu o olhar sereno e resolutivo:

— Adeus, meu pai.

— Onde vais?

— Vou ter com ela, retorquiu com simplicidade.

— Se sei que voltas a procurar essa embusteira, aviso-te que não tornas a pôr o pé aqui em casa!

— Está bem, meu pai.

E saíu, e não voltára; e Joaquim Saldanha por orgulho, por teimosia, deixara-o partir, condenando o coração à tortura de uma ausência definitiva.

Informara-se em segredo da vida dos dois namorados e soubera que João lhe tinha dito a verdade; e a rapariga com quem vivia era uma modesta, mas honrada costureira, que se entregára sem reflexão ao amor que a atraía.

Viviam modestamente, mas felizes. E o pai, no âmago da consciência, maldizia aquele seu feitiço inflexível que lhe vedava a felicidade de chamar a si um filho que a distância mais querido lhe tornava.

Escolhera aquele lugar, no extremo da bancada, para o ver de mais perto quando ele passasse, à saída do vestiário; e lá de cima, do último degrau onde se sentára para não ser apercebido, admirara-lhe a linha harmoniosa do tronco bem cingido na camisola azul cobalto, o perfil enérgico iluminado pelo olhar largo e brilhante, onde se traduzia a mesma firme vontade, que era sua.

Notára que João, ao sair, tinha sorriso para uma rapariga sentada também no extremo da bancada, mas num dos degraus inferiores; havia naquele sorriso tanta ternura que facilmente deduzira ser aquela a mulher que lhe roubára o filho.

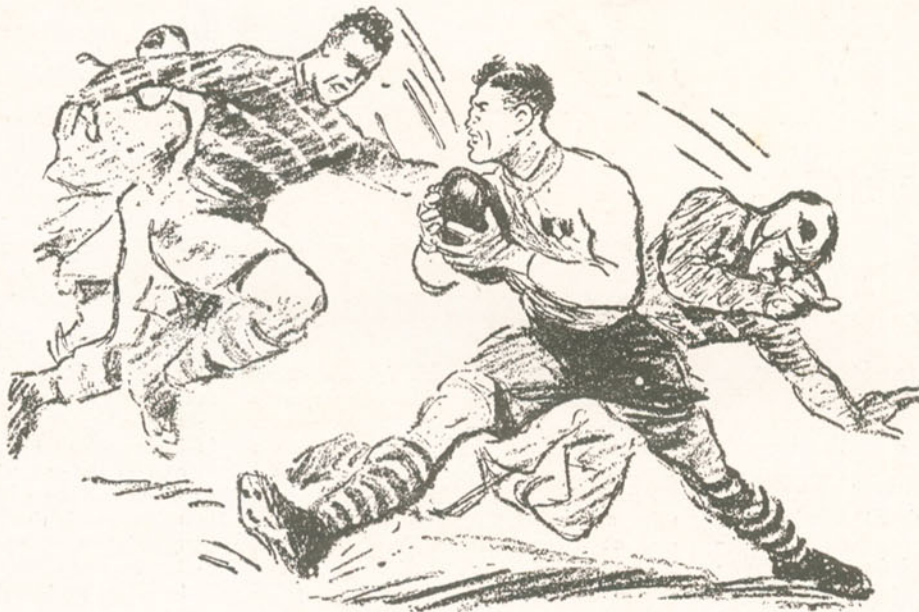
E irritava-o uma comoção espontânea, piegas, que sentira observando os dois amantes, como se comungasse no carinho que tão bem traduzira a expressão do filho; queria manter imutável o rigor da conduta traçada e ecoava-lhe na alma o côro emoliente de tôdas aquelas recordações da própria mocidade, avivando-lhe o exasperado amor paternal. Involuntariamente, sentia certo prazer repetindo a si próprio que aquela rapariga, apesar do seu intransigente afastamento, consentira e estimulára no filho os mesmos idiais, as mesmas paixões que ele lhe incutira, levando-o à glória daquela selecção máxima.

O apito estridente do árbitro, dando de novo começo ao jôgo poz-lhe ponto final nas divagações, entregando-o inteiramente à sedução da luta.

A chuva parára, mas o terreno encharcado era um vasto lamaçal, onde homens e bola se moviam com dificuldade.

Os portugueses, inferiores em avançados, perdiam pelo estado do campo uma parte da vantagem que lhes adivinha da maior velocidade dos seus três- Quartos.

De um lado e do outro a defesa era implacável; nada passava. Os driblings-avalanches dos avançados espanhois encontravam sempre o obstáculo insuperável de um corpo português, interrompendo-lhes a marcha; os atacantes portugueses, correndo, esquivando, passando a bola de mão em mão, eram invariavelmente ceifados pelas placagens severas dos adversários. O jôgo oscilava dum campo a outro, num inútil vai-vem; por três vezes os portugueses se haviam encontrado na necessidade de tocar dentro da própria área, dois ataques dos três- Quartos nacionais haviam falhado in-extremis por placagem do ponta quasi sobre a linha.



A multidão vibrava excitada pelo entusiasmo dos jogadores; o ardor dos atletas contagiára os milhares de pessoas que cercavam a arena e que, pelos seus clamores, viviam e participavam no embate travado entre os grupos.

O tempo vai decorrendo e a marcação não se altera. Os portugueses dominam agora, electrizados pelos brados de incitamento da massa popular, mas esbarram contra a defesa desesperada dos espanhois, que não querem deixar fugir a vitória que sentem quasi sua, e por longos pontapés à linha, vão, como podem, aliviando a pressão contrária.

Nos lançamentos da linha a bola descreve no ar uma curva serena e harmoniosa e para ela se elevam, numa mesma aspiração, braços azues e braços vermelhos, uns e outros maculados de lama escura que tende a igualá-los. E a ascensão inútil daqueles homens para a bola que lhes passa inalcançável por sobre as cabeças, é a imagem exata de tôdas as aspirações humanas para um fugitivo idial da vida.

Os corpos robustos dos avançados chocam-se e debatem-se na conquista da bola, intentando

entregá-la às mãos dos ágeis atacantes, aproveitantes do seu esforço, brilhantes em sua acção quanto eles se apagam no duro trabalho do mais arduo duelo.

O apito do árbitro, embirrento e autoritário castiga uma passagem adeantada dum português; é uma formação no meio do campo.

Os dois grupos avançados constituem-se em volta dos talonadores que os chamam de braços abertos, como a galinha que acolhe sob as asas pintos dispersos em volta; e os dois blocos de dorsos aglomerados aproximam-se, chocam-se, cimentam-se.

São já um bloco único, carapaça de gigantesca tartaruga apocalíptica, oscilando sob o impulso alternado das forças solidamente firmadas nos crampons enraizados no solo espinhado.

Corações, vontades e orgulhos bradam, naqueles dezasseis corpos, que é preciso empurrar, levar por diante o esforço contrário, triunfar...

A bola foi lançada para o meio e o monstro contorce-se em espasmos de trabalho como um ventre portador de enigmático germen, se debate na ânsia do parto complicado.

A bola saiu pelo lado português, fulgurou um

instante nas mãos do médio-parteiro, e seguiu vôo num instante lançado a que o corpo do homem procurou dar consistência seguindo-o de mergulho na direcção escolhida, como o braço maternal que protege os primeiros passos da criança titubeante.

Lançado em plena corrida o médio de abertura colheu o oval na trajectória e antes que o abatesse a implacável prisão adversária saiu-lhe das mãos a bola em novo vôo que o três- Quartos centro colheu, cioso.

Das tribunas partem as primeiras exclamações, pressente-se que se avizinha

o momento decisivo. João Saldanha, no extremo da linha, segue na corrida, uns metros atrás, o possuidor da bola, os dentes cerrados numa concentração de energia, tôda a atenção fixada nos gestos do companheiro que dentro em pouco lhe vai transmitir o cubiçado objecto.

Súbito, de tôda a volta, se eleva um imenso clamor de jubilo.

O três- Quartos centro, no momento preciso, um quinto de segundo antes do abraço paralisante do espanhol, torcera o corpo para a direita e, numa oscilação dos braços hirtos, disparára a bola.

João Saldanha recebeu, já lançado, a passagem impecável e arrancou para a linha cubiçada.

Evita com uma esquivia preciosa o extremo contrário e, perseguido por um magote de inimigos, corre, corre quanto pode, apercebendo em frente, ainda longe, a linha branca que precisa alcançar.

A grita é ensurdecêdora; todos se puzeram de pé e os clamores elevam-se e torcem-se como rubras flamulas de entusiasmo.

Avança! Avança!

O atleta sofre no seu esforço. Luta, e o adversário não é neste momento jogador contrário; é a terra, o solo lamacento e pegajoso que o trava no andamento e lhe nega sólido apoio às passadas potentes.

Do alto da sua bancada o pai grita e sofre como o seu João; nos olhos lampejantes passam fulgores de loucura, a loucura do triunfo avisinhante.

Melhor do que ninguém êle sente o esforço do filho; não é aquela a habitual corrida de galgo ágil e ligeiro, lançando-se em longas passadas num «sprint» desesperado. O desespero traduz-se na luta contra a lama que o retém e cada nova passada deixa uma impressão brutal de arrancamento.

João avança num galope poderoso, mas pesado, o corpo fletido adiante, as espáduas em raivosos sacões, alavancas auxiliares, tóda a vontade concentrada no desejo de fuga.

A apoiá-lo há milhares de vontades tensas a par da sua, há milhares de espíritos em frenesi, combatendo a seu lado, fervorosamente aspirando ao êxito da tentativa.

E João continua avançando, cavando o espaço com os golpes das pernas musculosas; a linha está já próxima, o triunfo quási alcançado, mas...

O defesa espanhol tendo notado rapidamente o perigo, corre em oblíquo, direito àquele homem que se fez violador da vitória. São duas vontades decididas, que se vão enfrentar, e do embate depende a sorte do encontro. João apercebeu-se daquele último obstáculo que lhe surge inesperadamente e, no olhar desvaireado, reflete-se-lhe o desespero; sucumbir agora, tão perto do fim!

Revolta-se-lhe a energia abalada e, vendo o perigo de uma esquiava, aceita sem hesitação a luta e embala ainda, num derradeiro assomo de vontade.

A dois metros da linha de balizas os dois homens alcançam-se; o braço livre de João Saldanha afasta num movimento ceifante as mãos que se estendem para êle, mas o adversário mergulha e prende-o pela cintura.

O atacante arrasta-o ainda durante um instante, mas os braços do outro descem aos joelhos e então, o corpo hirta, a bola em ofertório no extremo, dos braços erguidos acima da cabeça, João, chama de fé e sacrifício, deixa-se cair para deante de tóda a sua altura e marca o ensaio ambicionado.

Três apitos anunciam o fim da partida.

Portugal ganhou por um ponto, o ponto que lhe valeu a magnífica proeza de João Saldanha.



Os dois grupos saudaram-se cavalheirosamente e apressam-se para o vestiário acamaradando na comunhão do esforço dispendido, abolida agora a rivalidade que os separava no campo.

Junto à vedação que lhes protege a passagem, a multidão apinhada aplaude e vitoria.

Os atletas aproximam-se, belos e repugnantes, enlameados, as camisolas rasgadas. Os ombros fatigados oscilam com a marcha. Alguns, sob os capacetes de couro, parecem gladiadores antigos.

Joaquim Saldanha é dos que mais aplaudem; correm-lhe pelas faces lágrimas de júbilo pelo triunfo, e de orgulho pelo filho. Os brados da turba em delírio, recrudescendo de entusiasmo à passagem de João, afogam-lhe a alma em vagas de enternecimento.

O herói aproxima-se em passos cadenciados, o punho na cinta, ofegando ainda pelo esforço que o extenuou, num abandono que o apresenta quási frágil, agora que quebrou a excitação nervosa.

De uma pequenina ferida no lábio inferior corre um delgado filete vermelho, que não altera o sorriso.

Por sobre a grade da vedação estende-se um braço de mulher e atira-lhe um modesto ramo de violetas que êle colhe num gesto vago e leva aos lábios num agradecimento directo que um olhar expressivo sublinha. E aquelas simples flores, vindas da mulher adorada, rescendem para êle o mais delicioso perfume, o perfume do amor.

A multidão vai pouco

a pouco, em massa compacta, abandonando o Estádio.

Paira, pelo ar, uma vibração de alegria, que dá maior calor ao murmúrio bezoante das conversações, amarrados aos comentários mais optimistas sobre o triunfo tão inesperadamente conquistado. As buzinas dos automóveis cantam ininterruptamente, abrindo caminho entre as vagas densas daquele mar de gente acompanhados pelo tilintar autoritário das campainhas dos carros eléctricos.

À porta do vestiário conserva-se um grupo entusiasta que espera a partida dos jogadores para os aplaudir de novo e, quando a porta se abre e surge o vulto desejado de João Saldanha, os vivas e as palmas brotam espontâneos, sinceros, atrevidos; todos anseiam por o ver de perto, envolvem-no, querem pegá-lo em ombros, levá-lo em triunfo.

Sorrindo sempre, um tanto comovido, João esboça com a mão um simples gesto de excusa, pedindo passagem, e murmura, acentuando e sorriso:

— Esperem-me...

Havia naquela única palavra uma tão significativa intenção que no grupo denso das gentes se lhe abre um estreito caminho por onde êle avança sorrindo sempre, os olhos fitos deante em busca do beijo que será a sua melhor recompensa.

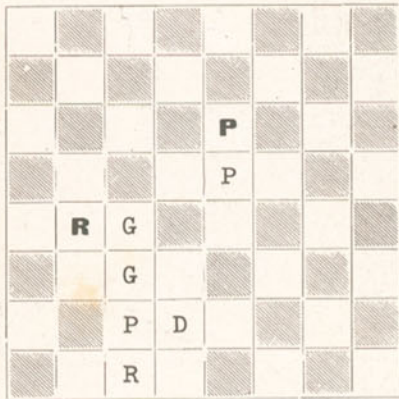
Livre do aglomerado que o cerca, avista enfim a amante que o espera enternecida, porque a seu lado João distingue com pasmo a figura do pai, a mão direita pousada no ombro dela, e que lhe abre o outro braço num gesto de reconciliação; e pai e filho beijam-se num largo amplexo, esquecidos dissentimentos sob aquela rajada embriagante de glória, enquanto por sobre êles adjeja num mastro a bandeira triunfante de Portugal, estalando os seus aplausos ao sopra rijo do vento, e em volta o povo se cala, adivinhando que a vitória desportiva não foi naquela tarde apenas a do campo.

Salazar Carreira.



PROBLEMA DE XADREZ

Branças: 6 (Indiano) Pretas: 2



As Brancas jogam e dão mate em 3 lances.

BRIDGE

(Problema)

Espadas — D. 7.
Copas — 7, 6, 2.
Ouros — — —.
Paus — D. 3.

Espadas. — 10.
Copas. — 9, 8.
Ouros. — — —.
Paus. — R. 6, 5, 4.

N
O **E**
S

Espadas. — 5, 4.
Copas. — R. V.
Ouros. — A. 10, 9.
Paus. — — —.

Espadas. — 8.
Copas. — A. D.
Ouros. — R. D.
Paus — A. 2.

Trunfo é espadas. S é mão e faz 6 das 7 vasas.

(Solução do número anterior)

S joga o 10 de ouros que é coberto pelo valeta de N. Depois balda-se a espadas sobre o az de paus; o 10 de copas é cortado pela dama de ouros; S joga o rei de ouros e dá a mão a E com o 2. E só pôde jogar paus. S balda-se a duas cartas de espadas e faz o seu rei de espadas.

A psicologia e a química

Numa revista de divulgação científica lê-se que, para se estudar o carácter duma pessoa, já não é necessário recorrer à grafologia, à fisionomia, à quiromancia, a outros métodos mais ou menos empíricos. Basta a análise química para fornecer a tal respeito informações exactas.

Quer-se saber, por exemplo, a que ponto vai numa mulher, o sentimento maternal?

Um simples exame de sangue o revelará, pela proporção de manganês que êle contenha.

E, se tal proporção fór fraca, quer dizer se o instinto maternal fór pouco desenvolvido, uma alimentação rica em manganês remediará tal deficiência.

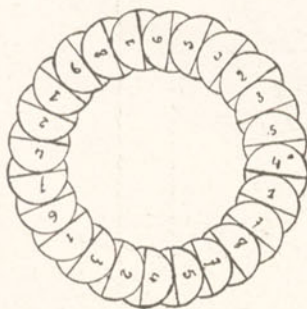
Os ciumentos têm o sangue duas vezes mais rico em iodo do que os outros indivíduos. Para êles, portanto, é contra-indicada a estadia à beira-mar, onde o ar é fortemente iodado.

É sabido que um ligeiro excesso de fósforo no sistema nervoso indica o génio ou a loucura, A ciência não conseguiu, porém, ainda determinar as doses exactas que levam à gloria... ou ao manicómio.



OS TENTOS

(Solução)



O que havia a fazer era recortar os 24 tentos e colocá-los conforme estão representados na gravura.

PASSATEMPO



Onde estará a favorita:

PALAVRAS CRUZADAS

(Solução)

	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11
I	R	A	T	O	F	L	A	T	E		
II	A	L	I	M	E	L	S	I	M		
III	M	O	M	A	L	A	R	L	I		
IV	O	C	R	I	R	P	R				
V	A	R	A	Z	P	A	R				
VI	P	R	A	T	A	M	A	R	I	A	
VII	O	V	A	S	U	V	A				
VIII	N	O	T	E	R	O	R				
IX	E	L	L	O	R	I	S	C	A		
X	V	E	R	M	I	M	S	O	L		
XI	E	R	E	O	E	T	O	M	O		

ANEDOTAS

Êle: — Tenho esperança de que quando fôrmos casados, não has de levar êsse cão a reboque, pela rua, quando saíres comigo!

Ela: — De certo que não. Has de levá-lo tu!

• • •

O tio calvo: — Tens o cabelo crescido de mais, Tomaz. Precisas de ir ao cabeleireiro.

Tomaz: — Sim, tio. Se me não engano, o tio vem de lá, agora?...

• • •

Na vespéra do seu casamento estava muito pensativo o D. Rafael, estroina que tinha dado uma infinidade de desgostos ao pai.

— Em que pensas? — perguntou-lhe um amigo.

— Penso, se terei de ser tão desgraçado no casamento, que venha a ter um filho como eu!

• • •

Numa loja de barbeiro:

Estavam fazendo a barba a um freguez, e como êste notasse que a navalha lhe levava a pele por não estar bem afiada, chamou para o facto a atenção do barbeiro, o qual, com ares de erudição, muito frequentes nos do officio, exclamou:

— Eu lhe digo... como a navalha é um mineral... e o cabelo um vegetal...

— E o senhor um animal — replicou o freguez, justamente furioso.

• • •

— Mas o senhor não disse, que dava a suas filhas cincoenta contos?

— Disse, sim senhor; e continuo a afirmá-lo.

— Como é então, que à minha futura noiva não dá mais do que dez?

— Porque tenho cinco filhas dotadas naquella quantia, e portanto só pertencem dez contos a cada uma.

• • •

Entre escritores de teatro:

— Estou hesitante, sem saber como hei de qualificar a minha nova obra. Não sei se lhe chame comédia, se drama?

— Como acaba?

— Acaba com um casamento.

— Então, não tenhas hesitações, homem! Chama-lhe tragédia.



- És tu Alice ?
- És tu Maria ?
- És tu Juliinha ?
- És tu Ivonesinha ?
- És tu Adelaide ?
- És tu Bibi ?
- És tu Rosinha ?
- És tu Zizizinha ?
- És tu ???

Depois da **CANÇÃO DE LISBOA**, Vasco Santana é assediado ao Telefone pelas admiradôras cinéfilas . . . e diz radiante:

Oh! se não fosse o Telefone!...

Este é um anúncio da
REGIO PORTUGUESE TELEPHONE C.º Ltd.

Com o que todos concordarão e poderão experimentar pondo Telefone . . .

Dirija-se em LISBOA á Rua Nova da Trindade, 43
 e Sucursais do Rocio e Rua da Palma, 158
 e no PORTO á Rua da Picaria, 5

SAMUEL MAIA
Médico dos hospitais de Lisboa

O LIVRO DAS MÃES
O MEU MENINO

Como o hei-de gerar,
crear e tratar se adoecer

1 vol. de 326 págs., ilustrado,
encadernado, 17\$00; brochado, 12\$00

Pedidos à **S. E. PORTUGAL-BRASIL**
Rua da Condessa, 80 — LISBOA

Última novidade literária

O livro duma das mais distintas escritoras portuguesas

CLARINHA

CARTAS À PRIMA

1 vol. de 228 páginas, brochado 10\$00
encadernado 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Historia da origem e estabelecimento da Inquisição em Portugal

POR **ALEXANDRE HERCULANO**

3 volumes 1.139 paginas

Brochados 30\$00
Encadernados 45\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

DOCES E COSINHADOS

RECEITAS ESCOLHIDAS
POR
ISALITA

1 volume encad. com 351 págs. 25\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

A' venda em todas as boas livrarias

A 2.^a EDIÇÃO DO

TOLEDO

IMPRESSÕES E EVOCAÇÕES

por **ANTERO DE FIGUEIREDO**

1 volume de 262 páginas, brochado 10\$00
Encadernado 15\$00

Pedidos aos editores **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

À venda a 4.^a edição

TERRAS DO DEMO

ROMANCE

POR **AQUILINO RIBEIRO**

1 vol. de 332 págs., brochado 12\$00
Encadernado 17\$00

À venda em todas as livrarias

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saíu a nova edição

CARTAS

de

ALEXANDRE HERCULANO

2 volumes de 594 páginas, brochado 20\$00
Encadernado 30\$00

PEDIDOS À
LIVRARIA BERTRAND
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

VOCABULARIO ORTOGRÁFICO E REMISSIVO DA LINGUA PORTUGUESA

POR **A. R. Gonçalves Viana**

(Relator da comissão da reforma ortográfica, autor da «Ortografia Nacional» e do «Vocabulário Ortográfico e Ortóepico da Língua Portuguesa»)

Com mais de 100:000 vocábulos, conforme a ortografia oficial

EM APENDICE: O acórdio ortográfico entre a Academia das Ciências de Lisboa e a Academia Brasileira de Letras.
1 VOL. COM 664 PÁG., ENCADERNADO, 15\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

Estoril-Termas

ESTABELECIMENTO HIDRO-MINERAL
E FISIOTERAPICO DO ESTORIL

■ ■ ■

**Banhos de agua fermal,
Banhos de agua do mar
quentes, BANHOS CAR-
BO-GASOSOS, Duches,
Irrigações, Pulveri-
sações, etc. — — — — —**

**FISIOTERAPIA, Luz,
Calor, Electricidade
médica, Raios Ultra-
violetas, DIATERMIA
e Maçagens. — — — — —**

MAÇAGISTAS ESPECIALISADOS



Consulta médica: 9 às 12

Telefone E 72

MARIA BENIGNA

O novo livro de AQUILINO RIBEIRO

Está no 3.º milhar

Autor consagrado, de mérito incontestável, a aparição dum novo livro de Aquilino Ribeiro é sempre revestida da curiosidade e do interesse que as boas obras literárias despertam no público.

MARIA BENIGNA, interessante romance de amor, é a última produção deste notável escritor, dos maiores da sua geração. Figuras, paisagem, ambiente é tudo novo, tudo diferente nesta preciosa obra, visto que o seu autor, desta vez, transportou para a capital os seus personagens, fazendo de Lisboa o centro de desenvolvimento da sua acção. Através de qualidades singulares que esta obra encerra, depara-se-nos uma melancolia e um pessimismo que não conhecíamos em outras obras de Aquilino Ribeiro, e que transmitem à MARIA BENIGNA uma suavidade encantadora e uma modalidade interessante na forma do eminente escritor.

1 vol. de 286 págs., brochado . . Esc. 12\$00

Encadernado. Esc. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Obras de GUIDO DA VERONA

Deste conhecido e apreciado escritor italiano vai brevemente a

LIVRARIA BERTRAND

iniciar a publicação dos seus romances.

O PRIMEIRO A SAÍR É:

Mimi Blulette, flor do meu jardim

A SEGUIR:

**A vida começa amanhã — Solta as
tranças Maria Madalena e outros**

Os livros de GUIDO DA VERONA, cheios de emoção, interesse e realismo, e que teem alcançado o maior sucesso em todos os países onde teem sido traduzidos, serão apresentados em português em magnificas traduções e com capas a côres.

Dirigir desde já pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**

73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS



Verdadeira Enciclopedia da Vida Prática

COLECCÃO METÓDICA DE **6.380** RECEITAS
 OBRA ILUSTRADA COM **198** GRAVURAS
 A MAIS COMPLETA DE QUANTAS EXISTEM PUBLICADAS

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

é uma obra indispensavel em todos os lares. Guia das boas donas de casa, satisfaz tambem plenamente quantos sobre **todos os ramos profissionais e artisticos** a queiram compulsar, podendo afirmar-se que nela encontrarão incluidos conhecimentos de valia

Obra de incontestavel utilidade para toda a gente

No LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

são tratados assuntos que muito interessam à vida prática, como os referentes a: ORNAMENTAÇÃO DO LAR—MEDICINA PRÁTICA—SOCORROS DE URGÊNCIA—MOBILIÁRIO—LAVANDERIA—FARMÁCIA DOMÉSTICA—JARDINAGEM—PRODUTOS ALIMENTARES—COLAS, GOMAS, VERNIZES E TINTAS—PERFUMARIA—ILUMINAÇÃO E CALEFAÇÃO—SEGREDOS DO TOUCADOR—CONSERVAS—ANIMAIS DOMÉSTICOS—MANUAL DO LICOREIRO—METAIS—LIGAS E CIMENTOS—COUROS E PELES—ANIMAIS DANINHOS—COPA E DOCARIA—LAVORES FEMININOS—HIGIENE DA BELEZA—PASSATEMPOS—LAVAGEM DE NÓDOAS—TECIDOS E VESTUÁRIO—VIDRARIA—ADUBOS—HORTICULTURA—VETERINARIA—VINICULTURA E VITICULTURA, ETC.

LIVRO DE OURO DAS FAMILIAS

abrange tudo quanto importa conhecer, especializando-se pelo desenvolvimento, nunca atingido em obras similares, das secções em que o dividimos

A UTILIDADE DE UMA SÓ RECEITA PAGA O LIVRO!

1 grosso volume de 1.152 páginas lindamente encadernado em percalina a côres e ouro, custa apenas 30\$00

À venda nas boas livrarias

Pedidos à S. E. PORTUGAL-BRASIL—Rua da Condessa, 80—LISBOA

A' venda a 3.^a edição

A BATALHA SEM FIM

ROMANCE

POR

AQUILINO RIBEIRO

1 volume de 308 páginas, brochado. 12\$00
 Encadernado. 17\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

Saiu a nova edição

ESTUDOS SOBRE O CASAMENTO CIVIL

POR

ALEXANDRE HERCULANO

1 volume de 284 páginas { brochado. 10\$00
 { encadernado 15\$00

PEDIDOS À

LIVRARIA BERTRAND
 73, RUA GARRETT, 75 — LISBOA

O BÉBÉ

A arte de cuidar do lactante

TRADUÇÃO DE

Dr.^a Sára Benoliel e Dr. Edmundo Ádler

Com um prefácio do Dr. L. Castro Freire e com a colaboração do Dr. Heitor da Fonseca

Um formosissimo vol. ilustrado. 6\$00

Depositária **LIVRARIA BERTRAND**
 73, Rua Garrett, 75 — LISBOA

O MESTRE POPULAR

OU

O INGLÊS SEM MESTRE

Pronúncia, gramática, conversação, correspondência, literatura, ao alcance de todas as inteligências e de todas as fortunas

Adequado ao uso dos portugueses e dos brasileiros por **JOAQUIM GONÇALVES PEREIRA**

8.^a EDIÇÃO

1 gr. vol. 560 pág. En. Esc. 30\$00

PEDIDOS A

S. E. PORTUGAL-BRASIL
 Rua da Condessa, 80—LISBOA

OBRAS DE JULIO DANTAS

PROSA

ABELHAS DOIRADAS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
— (1.ª edição), 1 vol. br....	15\$00
AMOR (O) EM PORTUGAL NO SÉCULO XVIII — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
AO OUVIDO DE M. ^{me} X. — (5.ª edição) — O que eu lhe disse das mulheres — O que lhe disse da arte — O que eu lhe disse da guerra — O que lhe disse do passado, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ARTE DE AMAR — (2.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br. CARTAS DE LONDRES — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
COMO ELAS AMAM — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
CONTOS — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
DIALOGOS — (2.ª edição), Enc. 13\$00; br....	8\$00
DUQUE (O) DE LAFOES E A PRIMEIRA SESSÃO DA ACADEMIA, 1 vol. br.	1\$50
ELES E ELAS — (4.ª ed.), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ESPADAS E ROSAS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
ETERNO FEMININO — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 17\$00; br....	12\$00
EVA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00
FIGURAS DE ONTEM E DE HOJE — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
GALOS (OS) DE APOLO — (2.ª edição), 1 volume Enc. 13\$00; br....	8\$00
MULHERES — (6.ª edição), 1 vol. Enc. 14\$00; br. HEROISMO (O), A ELEGANCIA E O AMOR — (Conferências), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
OUTROS TEMPOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br....	8\$00
PATRIA PORTUGUESA — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br....	10\$00
UNIDADE DA LINGUA PORTUGUESA — (Conferência), 1 fol.	1\$50
ALTA RODA — (1.ª edição), 1 vol. Enc. 15\$00; br.	10\$00

POESIA

NADA — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br....	6\$00
SONETOS — (5.ª edição), 1 vol. Enc. 9\$00; br....	4\$00

TEATRO

AUTO D'EL-REI SELEUCO — (2.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CARLOTA JOAQUINA — (3.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
CASTRO (A) — (2.ª edição), br.	3\$00
CRUCIFICADOS — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. BELTRÃO DE FIGUEIROA — (5.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
D. JOÃO TENORIO — (2.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
D. RAMON DE CAPICHUELA — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
MATER DOLOROSA — (6.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
1023 — (3.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
O QUE MORREU DE AMOR — (5.ª edição), 1 vol. br.	4\$00
PAÇO DE VEIROS — (3.ª edição), 1 vol. br....	4\$00
PRIMEIRO BEIJO — (5.ª edição), 1 vol. br....	2\$00
REI LEAR — 2.ª edição, 1 vol. Enc. 14\$00; br....	9\$00
ROSAS DE TODO O ANO — (10.ª edição), 1 vol. br.	2\$00
SANTA INQUISIÇÃO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 11\$00; br.	6\$00
SEVERA (A) — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
REPOSTEIRO VERDE — (3.ª edição), 1 vol. br.	5\$00
SOROR MARIANA — (4.ª edição), 1 vol. br.	3\$00
UM SERÃO NAS LARANJEIRAS — (4.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00
VIRIATO TRAGICO — (3.ª edição), 1 vol. Enc. 13\$00; br.	8\$00

Pedidos à

S. E. PORTUGAL-BRASIL
Rua da Condessa, 80 — LISBOA
OU À LIVRARIA BERTRAND
Rua Garrett, 73 e 75 — LISBOA

A obra mais luxuosa e artística
dos últimos tempos em Portugal
Saíu o tomo 36 completando o 3.º e último volume
da monumental

HISTORIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA

publicada sob a direcção
de

Albino Forjaz de Sampaio

da Academia das Ciências de Lisboa

Os três volumes publicados da HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA, ILUSTRADA, compreendem desde as suas origens aos fins do século XVIII. Impressa em magnífico papel couché os seus três volumes são um album e guia da literatura portuguesa contendo além de estudos firmados pelas maiores autoridades no assunto, gravuras a côres e no texto de documentos, retratos de reis, sábios, poetas, e escritores, vistas, gravuras, quadros, autógrafos, portadas de edições raras ou manuscritos preciosos, monumentos de arquitectura, estátuas, cerâmica, ourivesaria, tapeçaria, mobiliário, bandeiras, armas, sélos e moedas, lápides, usos e costumes, bibliotecas, músicas, aluminuras, letras ornadas, fac-similes de assinaturas, plantas de cidades, encadernações, códices antigos, vinhetas, marcas tipográficas, etc. O volume 1.º com 11 gravuras a côres fóra do texto e 1005 no texto; o 2.º com 11 gravuras a côres e 576 gravuras no texto e o 3.º com 12 gravuras fora do texto e 576 dentro o que constitue um núcleo de **1.168 páginas com 34 gravuras fóra do texto e 2.175 gravuras no texto.**

A HISTÓRIA DA LITERATURA PORTUGUESA ILUSTRADA, é escripta pelas **mais eminentes figuras da especialidade**, nomes escolhidos entre os membros da Academia das Ciências de Lisboa, professores das Universidades, directores de Museus e Bibliotecas, nomes que são imperecíveis nas letras portuguesas. Assim sobre vários assuntos firmam artigos A. Botelho da Costa Veiga, Afonso de Dornelas, Afonso Lopes Vieira, Agostinho de Campos, Agostinho Fortes, Albino Forjaz de Sampaio, Alfredo da Cunha, Alfredo Pimenta, António Baião, Augusto da Silva Carvalho, Conde de Sam Payo, Delfim Guimarães, Fidelino de Figueiredo, Fortunato de Almeida, Gustavo de Matos Sequeira, Henrique Lopes de Mendonça, Hernâni Cidade, João Lúcio de Azevedo, Joaquim de Carvalho, Jordão de Freitas, José de Figueiredo, José Joaquim Nunes, José Leite de Vasconcelos, José de Magalhães, José Maria Rodrigues, José Pereira Tavares, Júlio Dantas, Laranjo Coelho, Luís Xavier da Costa, Manuel de Oliveira Ramos, Manuel da Silva Gaio, Manuel de Sousa Pinto, Marques Braga, Mosés Bensabat Amzalak, Nogueira de Brito, Queiroz Veloso, Reinaldo dos Santos, Ricardo Jorge e Sebastião da Costa Santos.

Cada tomo de 32 páginas 10\$00

**AINDA SE ACEITAM ASSINATURAS
DURANTE ALGUMAS SEMANAS**

Cada volume, encadernado em percalina 160\$00

” ” ” ” carneira 190\$00

Pedidos à **LIVRARIA BERTRAND**
73, Rua Garrett, 75 — LISBOA



A SAUDE E A ALEGRIA DO BÉBÉ

NESTLÉ

FAZEM A FELICIDADE DA FAMILIA